



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

CÂMPUS CENTRAL - SEDE: ANÁPOLIS - CET

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE ANÁPOLIS - CSEH

Programa de Pós-Graduação em “Territórios e Expressões Culturais no
Cerrado” - TECCER

Victor Gaudie Barros Fleury

**PAISAGENS, REPRESENTAÇÕES E BENS MATERIAIS NO CERRADO:
FAZENDAS NO CAMINHO DE CORA CORALINA, ESTADO DE GOIÁS**

ANÁPOLIS

2021

Victor Gaudie Barros Fleury

PAISAGENS, REPRESENTAÇÕES E BENS MATERIAIS NO CERRADO:
FAZENDAS NO CAMINHO DE CORA CORALINA, ESTADO DE GOIÁS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades na área interdisciplinar, linha de pesquisa:
Saberes e Expressões culturais do Cerrado.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Josana de Castro Peixoto.

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Poliene Soares dos Santos Bicalho.

ANÁPOLIS

2021

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos acadêmicos, alunos e professores que continuaram trabalhando pela ciência e que, com responsabilidade e perseverança, suportando esgotamento mental e físico, avolumados por uma crise educacional que descredita e rapina recursos das universidades do país somadas a uma pandemia sem precedentes em nossa geração, continuaram suas jornadas de ensinamento e/ou aprimoramento, contra todo tipo de obscurantismo, negacionismo e ignorância que se avoluma no mundo hoje, reafirmaram com coragem e propriedade o papel da ciência e do conhecimento na sobrevivência e manutenção do bem estar e saúde de nossas comunidades.

Agradecimentos

A presente dissertação de mestrado não poderia alcançar resultados sem o precioso apoio de várias pessoas. Nesses anos de muito estudo, dedicação e aprendizado, devo agradecer em primeiro lugar minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Josana de Castro Peixoto, por toda a disponibilidade, empenho e sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho e em todos aqueles que realizei durante os seminários do mestrado, assim como minha Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Poliene Soares dos Santos Bicalho. Muito obrigado por me motivar e confiar no meu trabalho. Desejo igualmente agradecer a todos os meus colegas do programa de Mestrado TECCER da Universidade Estadual de Goiás, especialmente à Tallita Siade Ramos que pacientemente me acompanhou em algumas visitas e foi minha dupla em trabalhos de classe. Agradeço também o Prof. Pedro Henrique Gonçalves, então morador da Cidade de Goiás, por me fornecer estadia e apoio nos levantamentos pela região, assim como a Prof^a Maria Helena de Amorim Romancheli, pela energia e presteza em me guiar pelas estradas vicinais do município de Jaraguá em busca dos exemplares de fazendas antigas locais, agradeço à minha amiga Gabriela Issa que prestou imenso auxílio na leitura, releitura, e formatação de textos. Por último, quero agradecer à minha família e amigos pelo apoio incondicional que me deram, especialmente aos meus pais, ao meu pai pelo entusiasmo e apontamentos que nortearam a definição do tema e a minha mãe pelo inestimável suporte e confiança.

“O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.”
Cora Coralina

Resumo

O Cerrado é a savana com maior biodiversidade do planeta, situada no interior do Brasil, forma um complexo vegetacional que possui divisas com quase todos os biomas brasileiros, no entanto, contrastando com seu elevado endemismo e importância ecológica possui intensa atividade degradante e ameaça. Criar apontamentos para a valorização do Cerrado através do reconhecimento de bens materiais, como a arquitetura vernacular, é uma alternativa para sua preservação e em escala estratégica, para a conservação dos demais biomas brasileiros. Arquitetura vernacular ou arquitetura tradicional como também é mencionada, reflete a vida contemporânea sem deixar de ser um testemunho da História da sociedade. As fazendas formadas durante a república velha (1898-1930) no planalto central fazem parte desta arquitetura tradicional e são testemunhas materiais de um período de transição econômica essencial para a compreensão do multiverso cultural do povo goiano. Neste trabalho foram levantadas dez casas de fazenda ao longo da trilha Caminho de Cora, no centro goiano, compondo uma investigação que integra um conjunto de estudos de aspectos históricos e geográficos da região que nos possibilita observar parâmetros de ocupação a serem registrados e confrontados entre os objetos de estudo em busca de elementos que caracterizem sua relação ou independência da forma de se edificar e ocupar o espaço no Cerrado centro-goiano. Compreender a arquitetura e o sítio de instalação das fazendas é uma importante forma de contribuição para a discussão sobre a preservação deste patrimônio construído, além de se produzir material para outras pesquisas. Investigar elementos da arquitetura vernacular, suas atividades, desenvolvimento e conservação enquanto elemento formador de paisagem e aspectos topofílicos da paisagem gera apontamentos que colaboram com a conservação do patrimônio construído, das paisagens rurais e das paisagens ambientais do Cerrado.

Palavras-Chave: Cerrado, Sustentabilidade, arquitetura vernacular, centro-goiano, patrimônio construído, paisagem rural.

Abstract

The Cerrado is the savannah with the greatest biodiversity on the planet, located in the interior of Brazil, it forms a vegetation complex that has borders with almost all Brazilian biomes, however, contrasting with its high endemism and ecological importance, it has intense degrading activity and threat. Creating notes for the valorization of the Cerrado through the recognition of material goods, such as vernacular architecture, is an alternative for its preservation and on a strategic scale, for the conservation of the other Brazilian biomes. Vernacular architecture or traditional architecture as it is also mentioned, reflects contemporary life while still being a testament to the history of society. The farms formed during the old republic (1898-1930) on the central plateau are part of this traditional architecture and are material witnesses of a period of economic transition essential for the understanding of the cultural multiverse of the people of Goiás. In this work, ten farm houses were built along the Caminho de Cora trail, in the center of Goiás, composing an investigation that integrates a set of studies of historical and geographic aspects of the region that allows us to observe occupation parameters to be registered and confronted among the study objects in search of elements that characterize their relationship or independence in the way of building and occupying the space in the Cerrado of central Goiás. Understanding the architecture and the site where the farms are installed through visits, surveys and research is an important way of contributing to the discussion on the preservation of this built heritage, in addition to producing material for other research. Investigating elements of vernacular architecture, its activities, development and conservation as a landscape-forming element and topophilic aspects of the landscape generates notes that collaborate with the conservation of the built heritage, rural landscapes and environmental landscapes of the Cerrado.

Keywords: Cerrado, Sustainability. vernacular architecture, central Goiás, built heritage, rural landscape.

Sumário

Resumo	vi
Sumário.....	viii
Lista de Mapas	xii
Lista de Figuras.....	xii
Lista de Quadros.....	xii
Lista de Imagens.....	xii
1 Memorial	1
2 Introdução	2
2.1 Apresentação e Plano de Redação	2
2.2 Objetivos.....	5
2.2.1 Geral.....	5
2.2.2 Específicos.....	5
2.3 Estado de Arte e Referencial Teórico	5
2.4 Aspectos Metodológicos.....	6
2.4.1 Pesquisa bibliográfica.....	7
2.4.2 Pesquisa de campo.....	7
3 CAPÍTULO I – O Cerrado: de celeiro da Biodiversidade à Conservação	10
3.1 Introdução	10
3.2 O Cerrado: Caracterização Fitofisionômica e Biodiversidade	11
3.3 Caminho de Cora Coralina no Cerrado Goiano	22
3.4 Pesquisa e Preservação do Cerrado	28
4 CAPÍTULO II - Paisagem e Identidade Territorial: Elementos do Patrimônio	
Arquitetônico das Fazendas no Caminho de Cora Coralina, Estado de Goiás	30
4.1 Introdução	30

4.2 Fazendas do Caminho de Cora Coralina: Levantamento Arquitetônico e Patrimônio Cultural Construído.....	30
4.3 Coleta de Dados e Resultados	36
4.4 Fazendas no Município de Jaraguá – GO.....	42
4.4.1 Breve histórico e a paisagem de Cerrado em Jaraguá.....	43
4.4.2 Propriedade 01	44
4.4.3 Propriedade 02	49
4.4.4 Propriedade 03	55
4.5 Fazendas no Município de Corumbá – GO	60
4.5.1 Breve histórico e paisagem do Cerrado em Corumbá de Goiás.....	61
4.5.2 Propriedade 04	62
4.5.3 Propriedade 05	67
4.6 Fazendas no Município de Cocalzinho – GO.....	74
4.6.1 Breve histórico e a paisagem de Cerrado em Cocalzinho de Goiás.....	74
4.6.2 Propriedade 06	75
4.6.3 Propriedade 07	82
4.7 Fazendas no Município da Cidade de Goiás – GO.....	88
4.7.1 Breve histórico e a paisagem de Cerrado na Cidade de Goiás.....	88
4.7.2 Propriedade 08	89
4.7.3 Propriedade 09	92
4.7.4 Propriedade 10	95
5 Conceito de Paisagem	100
5.1 Paisagens constituidoras do espaço.....	100
5.2 Paisagem natural.....	101
5.3 Discussão.....	104
5.4 Considerações finais	107

6 Referências Bibliográficas	109
6.1 Capítulo I	109
6.2 Capítulo II.....	115

Lista de Mapas

Mapa 1: Mapa do caminho antigo de penetração das bandeiras entre São Paulo e Mato Grosso, atravessando o estado goiano. Fonte: Instituto Geológico do Estado de São Paulo (IG) 2008.....	8
Mapa 2: Distribuição do Bioma Cerrado (SAMPAIO et al, 2015).	12
Mapa 3: Mapa e legenda contendo identificação das Fazendas percorridas no Caminho de Cora Coralina, estado de Goiás.	39

Lista de Figuras

Figura 1: Representação das Fitofisionomias do bioma Cerrado (RIBEIRO; WALTER, 2008)....	14
Figura 2: Linha espacial contendo distância e altimetria do Caminho de Cora Coralina, Goiás. (Goiás Turismo, estado de GO, 2020).	27

Lista de Quadros

Quadro 1: Síntese geral da coleta de dados das Fazendas no Caminho de Cora Coralina, estado de Goiás.	37
Quadro 2: Módulo de Cadastro Ficha M304. Créditos: IPHAN, 2009.	40

Lista de Imagens

Imagem 1: Arado reversível movido a tração animal. Fazenda Buriti Grande, Cocalzinho-GO. Fonte: acervo do autor 2020.	18
Imagem 2: Peregrinos caminhando no trecho 3 do caminho de Cora. Município de Pirenópolis. Fonte: Autor, 2019.	28
Imagem 3: Placa com trecho de poesia de Cora e localização no Caminho de Cora Coralina, estado de Goiás. Fonte: Peixoto, J.C (julho, 2021)	37
Imagem 4: Placa com trecho de poesia de Cora e localização no Caminho de Cora Coralina, estado de Goiás. Fonte: Peixoto, J.C (julho, 2021)	38

Imagem 5: Casa de fazenda, fachada principal. Fonte: acervo do autor 2020.	44
Imagem 6: Acesso à casa de fazenda. Fonte: acervo do autor 2020.	45
Imagem 7: Locação da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/	46
Imagem 8: Casa do monjolo. Fonte: acervo do autor 2020.	47
Imagem 9: Casa de fazenda, fachada principal. Fonte: acervo do autor 2020.	48
Imagem 10: Casa de fazenda, fachada principal. Fonte: acervo do autor 2020.	50
Imagem 11: Casa de fazenda, fachada lateral e estábulo. Fonte: acervo do autor 2020.	51
Imagem 12: Locação da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/	52
Imagem 13: Curral anexo a casa. Fonte: acervo do autor 2020.	52
Imagem 14: Casa de fazenda, vista dos fundos. Fonte: acervo do autor 2020.	53
Imagem 15: Detalhe das esquadrias da Casa de fazenda, vista frontal. Fonte: acervo do autor 2020.	54
Imagem 16: Casa de fazenda, vista dos fundos. Fonte: acervo do auto 2020.	55
Imagem 17: Locação da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/	57
Imagem 18: Edifícios de apoio. Fonte: acervo do autor 2020.	57
Imagem 19: Rego d'água canalizado sobre bica de aroeira. Fonte: acervo do autor 2020.	58
Imagem 20: Vista dos fundos da casa principal. Fonte: acervo do autor 2020.	58
Imagem 21: Vista lateral da sede. Fonte: acervo do autor 2020.	59
Imagem 22: Detalhe do fechamento interno da casa em meia parede (esq) e cercado do quintal em lasca de aroeira em pé (dir). Fonte: acervo do autor 2020.	59
Imagem 23: Detalhe da porta e janela em madeira. Fachada frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.	60
Imagem 24: Vista frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.	62
Imagem 25: Locação da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/	64
Imagem 26: Vista lateral da sede, detalhe do curral de pedra e silos ao fundo. Fonte: acervo do autor 2020.	65
Imagem 27: Vista dos fundosl da sede. Fonte: acervo do autor 2020.	65
Imagem 28: Detalhe da porta e janelas da fachada frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.	66
Imagem 29: Vista frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.	67
Imagem 30: Locação da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/	69
Imagem 31: Vista do curral para a sede. Fonte: acervo do autor 2020.	70
Imagem 32: Vista lateral da sede, sentido do acesso. Fonte: acervo do autor 2020.	70

Imagem 33: Edifício de apoio em tijolo de adobe (esq) roda manual de ralar mandioca (centro) e telha de cumeeira com datação inscrita de 1885 (dir). Fonte: acervo do autor 2020.	71
Imagem 34: Manjolo e rego d'água. Fonte: acervo do autor 2020.	71
Imagem 35: Vista do edifício de apoio, paiol. Fonte: acervo do autor 2020.	72
Imagem 36: Acesso inferior do paiol. Fonte: acervo do autor 2020.	72
Imagem 37: Moinho de pedra movido a água. Fonte: acervo do autor 2020.	73
Imagem 38: Detalhe das aberturas da casa sede. Vista frontal e lateral. Fonte: acervo do autor 2020.	74
Imagem 39: Vista frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.	76
Imagem 40: Locação da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/	77
Imagem 41: Vista do edifício de apoio. Fonte: acervo do autor 2020.	78
Imagem 42: Edifícios de apoio da sede. Da direita para a esquerda: O cômodo do Monjolo, o banheiro externo e o quarto de serviço. Fonte: acervo do autor 2020.	79
Imagem 43: Vista interna da sede, cozinha com fogão a lenha. Fonte: acervo do autor 2020.	80
Imagem 44: Interior, sala e detalhe das aberturas, vista frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.	81
Imagem 45: Vista frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.	82
Imagem 46: Locação da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/	84
Imagem 47: Vista do rego em canal de alvenaria e fundo da sede. Fonte: acervo do autor 2020.	85
Imagem 48: Vista interior da sede. Fonte: acervo do autor 2020.	85
Imagem 49: Detalhe interior do madeiramento da cobertura da cozinha. Fonte: acervo do autor 2020.	86
Imagem 50: Vista do edifício do engenho. Fonte: acervo do autor 2020.	86
Imagem 51: Rótulo de 1946 da cachaça produzida na fazenda. Fonte: acervo da família 2020.	87
Imagem 52: Detalhe das aberturas do edifício sede. Percebe-se um detalhe de chanfrado na verga. Fonte: acervo do autor 2020.	87
Imagem 53: Vista do edifício principal pela estrada de acesso. Fonte: acervo do autor 2020.	89
Imagem 54: Locação da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/	91
Imagem 55: Detalhe das esquadrias (à esquerda) e dos materiais construtivos (à direita) da casa sede. Fonte: acervo do autor 2020.	92
Imagem 56: Vista frontal do edifício do edifício principal vista do acesso principal. Fonte: acervo do autor 2020.	93
Imagem 57: Locação da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/	94

Imagem 58: Vista do edifício de apoio. Paiol. Fonte: acervo do autor 2020.	95
Imagem 59: Vista do edifício principal. Fonte: acervo do autor 2020.	96
Imagem 60: Vista do curral. Fonte: acervo do autor 2020.	97
Imagem 61: Vista aérea da locação do edifício e entorno. Fonte:	
 https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/ e acervo da família 2020. Em destaque	
 de amarelo, a casa sede, imagem modificada pelo autor 2020.....	98
Imagem 62: Vista lateral do edifício da casa sede. Fonte: acervo do autor 2020.	99
Imagem 63: Vista de parte do curral de varas. Fazenda Buriti Grande, Cocalzinho-GO. Fonte:	
 acervo do autor 2020.	105

1 Memorial

O mestrando Victor Gaudie Barros Fleury ingressou no Programa Territórios e Expressões Culturais do Cerrado (TECCER), da Universidade Estadual de Goiás, por meio do Processo Seletivo de 2018, e está regularmente matriculado sob o número 1032241. No primeiro semestre de 2019, as disciplinas cursadas foram: “Seminário de Pesquisa II”, “Valoração dos Recursos Ambientais e Patrimoniais”, e “Políticas territoriais em área de Cerrado”, obtendo, respectivamente, os conceitos A, A e B. No segundo semestre de 2019, as disciplinas cursadas foram: “Turismo e Estratégias Territoriais no Cerrado Goiano” e “O Cerrado na Produção Historiográfica”, sendo aprovado em ambas com o conceito A.

Foram cumpridas as atividades obrigatórias, a saber:

- Participação do Seminário Científico; Agro Centro-Oeste Familiar; na categoria de ouvinte, perfazendo um total de 06 horas. O evento foi organizado pela Universidade Federal de Goiás (UFG);

- Submissão de um capítulo a ser publicado em outubro de 2020, intitulado de “Cerrado: de Bolsão de Biodiversidade a prisioneiro do desenvolvimento”, São Paulo, Editora ANAP, 2020;

- Apresentação, constando nos Anais do V SEPE – Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do Campus Anápolis CSEH - ISSN 2447, do trabalho completo intitulado “Fazendas do Planalto Central: Conhecer para reconhecer”;

- Submissão do artigo intitulado “Concepções de Apolínio e Dionisíaco - Ordem e delírio na arquitetura moderna na óptica da harmonia, beleza e dispersão” ao periódico Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science, qualis B1.

2 Introdução

2.1 Apresentação e Plano de Redação

As discussões sobre o bioma Cerrado têm sido frequentemente ligadas ao contexto interdisciplinar, abordando aspectos voltados ao ambiente natural, aos patrimônios culturais, a paisagens, ao cotidiano social, às dinâmicas territoriais complexas, a saberes e expressões culturais, dentre outros. Apesar desses estudos, ainda é necessária a atenção devida às relações de construir paisagens, representações e planos de conservação do Cerrado, que deverão ser capazes de produzir mudanças suficientes para iniciar um processo de reversão das consequências danosas ao Cerrado.

O Cerrado é considerado uma savana, ambiente de múltipla diversidade, estratégico à manutenção da vida não apenas da nação, da vida global, mas, sobretudo, daquelas populações que o habitam diretamente. Muitas dessas populações, como é o caso das tradicionais – indígenas, assentados, quilombolas e agricultores familiares – são dependentes diretos e de primeira ordem desse bioma, pois dele retiram quase todas as condições de sobrevivência, além de possuírem uma relação de significação com o território e com o ambiente.

Estabelecido no bioma Cerrado, o **Caminho de Cora Coralina** é uma trilha turística que corta a região do Planalto Central, entre os municípios de Corumbá de Goiás e Cidade de Goiás, e foi inaugurado em março de 2018 pela Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento de Goiás (SEGPLAN), após um período de implementação de 3 anos. Ao longo desse caminho, há fazendas históricas que remontam aos meados Século XVIII. Uma vez abolido o instituto da sesmaria¹, em 1822, o apossamento de novas terras é livre até a edição da Lei n. 601 de 18/08/1850 – a Lei de Terras. Nesse ínterim, houve um intenso fluxo migratório, proveniente de Minas Gerais. (SALLES,

¹ Sistema de distribuição de terras por meio do qual o Reino Português demarcou imensos lotes de terras e sesmarias para criação de fazendas, de modo que a produção rural abastecesse aos mineradores das lavras. A concessão era provisória; para sua confirmação, exigia-se, dentre outras obrigações, a efetiva ocupação da terra, a produção de gêneros alimentícios, a demarcação da área e o pagamento do dízimo. Poucas sesmarias foram confirmadas em Goiás. Freitas & Silva (2013).

1981, p. 83). Apesar da ocupação antiga, pouco se tem de registro do patrimônio rural remanescente hoje e pouco se explora o potencial turístico histórico da região.

Um dos objetivos dessa pesquisa é verificar se a manutenção histórica e arquitetônica das fazendas e o aspecto de topofilia (afinidade pelo local) dos usuários se revelam fatores que também contribuem para a manutenção da paisagem ambiental e conservação do Cerrado, na condição de favorecer o entendimento e posterior preservação da paisagem rural ao longo do Caminho de Cora Coralina.

Além disso, a presente pesquisa buscará conhecer a arquitetura das fazendas do Planalto Central goiano, pertencentes aos municípios singrados pela trilha turística Caminho de Cora Coralina, e que continuam apócrifas. Haverá uma discussão sobre o quadro de conservação deste patrimônio como forma de contribuição para o estudo da arquitetura vernacular² rural.

O recorte espacial compreende os municípios de Corumbá à Cidade de Goiás, passando por Pirenópolis, São Francisco e Jaraguá. O recorte temporal é feito a partir de edifícios erigidos em assentamentos rurais nos anos mais ou menos coincidentes com os da República Velha (1898-1930), tomando como referência um período essencial para a formação cultural do povo goiano em que a arquitetura e a paisagem rural ainda são pouco exploradas na historiografia do estado.

Compreender a arquitetura secular do vernáculo rural do estado de Goiás é importante no sentido de compreender a própria história do povo goiano, conforme Freitas e Silva (2013 p. 260) “Por suas características e história, a fazenda goiana deve ser estudada e conhecida como matriz da cultura goiana”. A arquitetura rural remanescente, em forma de edifícios, ocupação do sítio, ou interação com outros sítios e meio urbano, pode ser observada com o intuito de produzir material de pesquisa relevante para uma compreensão não apenas do período histórico em que surgiu na paisagem, mas também da importância desse período na consolidação da identidade do povo goiano.

A Carta do Patrimônio Vernáculo Construído, ratificada na XII Assembleia Geral ICOMOS/UNESCO (1999) relembra que o patrimônio construído tradicional reflete a vida contemporânea e é, simultaneamente, “um testemunho da História da

² Arquitetos de estatura como Adolf Loos, Frank Lloyd Wright e Le Corbusier foram os primeiros a usar o termo arquitetura vernacular sem o caráter depreciativo da visão acadêmica e exaltando suas virtudes. No entanto, foi só em 1964, na exposição “Architecture without architects” realizada no MoMA NY, que Bernard Rudofsky popularizou o termo. Rubenilson Brazão Teixeira (2017) elenca duas características formadoras da arquitetura vernacular: tradição e contextualização.

sociedade”. Portanto, é nítida a importância do estudo, do conhecimento e do registro deste precioso conjunto de elementos que compõem a arquitetura vernacular goiana como patrimônio para garantir que a nossa memória social e afetiva seja resguardada. Sobre a atividade preservacionista do patrimônio construído e seus desdobramentos, nos diz Lemos (1981- p_29):

Assim, preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. É fazer, também, levantamentos, levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados (...)

Outros aspectos a serem abordados tratarão da análise das paisagens rurais e ambientais ao longo dos remanescentes de Cerrado neste Caminho de Cora, uma vez que a interação entre as pessoas e os diversos lugares, em especial, a paisagem rural e ambiental necessita ser compreendida em profundidade, indo além dos números apresentados nas pesquisas quantitativas. É necessário investigar as manifestações topofílicas, biofílicas e biofóbicas, a fim de compreender os reais motivos que mobilizam as pessoas na busca por paisagem rurais.

Diante do exposto, as fazendas e os remanescentes do Cerrado que pertençam às localidades do Caminho de Cora Coralina, no estado de Goiás, passam a ser objeto da presente pesquisa. O problema norteador se apresenta em torno das seguintes questões: como a arquitetura secular do vernáculo rural do estado de Goiás contribui no sentido de compreender a própria história do povo goiano? Há relação entre a manutenção dessa arquitetura e dos elementos topofílicos e a conservação das paisagens rurais e ambientais do Cerrado?

Este trabalho é composto por dois capítulos. O primeiro capítulo objetiva caracterizar o bioma Cerrado e as suas fitofisionomias, e apresentar políticas de conservação. Também nele será apresentado e descrito o Caminho de Cora Coralina. O segundo capítulo da dissertação contém o material resultante do levantamento das fazendas e uma discussão de cunho teórico, cujo esforço é apresentar não apenas a corrente teórica a que se filia a pesquisa, mas discutir os principais conceitos abordados ao longo do trabalho (por exemplo: o conceito de paisagem, enquanto elemento cultural). Em se apresentando os conceitos de território e identidade, serão analisados e discutidos as paisagens, o edifício arquitetônico e o sítio da casa de

fazenda goiana; análise essa pautada no levantamento técnico e investigativo, buscando expor elementos relacionais à sustentabilidade e à conservação do Cerrado, bem como retratar seus aspectos topofílicos.

Em ambos os capítulos procura-se contextualizar o aporte teórico com o objeto de estudo, além de evidenciar os elementos do patrimônio arquitetônico das fazendas.

2.2 Objetivos

2.2.1 *Geral*

Investigar as múltiplas dimensões da arquitetura presentes nas paisagens rurais e analisar os ambientes das Fazendas Goianas pertencentes ao Caminho de Cora Coralina, para subsidiar estudos e propostas de conservação do Cerrado.

2.2.2 *Específicos*

- Refletir sobre o conceito de paisagem, a partir da arquitetura do vernáculo rural, e o articular com as Fazendas Goianas;
- Fazer levantamento das características da arquitetura secular do vernáculo rural, inventariar e caracterizar as propriedades;
- Descrever o Caminho de Cora Coralina e suas propostas, relacionando-as com a conservação do bioma Cerrado;
- Identificar e articular os elementos da paisagem rural e ambiental existentes no âmbito dos remanescentes de Cerrado na região das fazendas e do Caminho de Cora Coralina.

2.3 Estado de Arte e Referencial Teórico

A análise dos conceitos apresentados na pesquisa, objetivando a reflexão, o debate e o aprofundamento do conhecimento técnico-científico sobre as transformações da paisagem conectadas à história das fazendas goianas e do Cerrado requereu bibliografias direcionadas ao estudo dos temas, a saber:

- **Cerrado e Caminho de Cora Coralina:** Ribeiro & Walter (1998), Myers, N. (2000), Klink, C.A (2005), Coutinho, L.M. (2006), Walter, B.M.T. (2006), Almeida, S. et al (2018), Batalha, M.A.(2011), Fernandes, P.A (2011), Fernandes, G. W. (2016), Strassburg, B.B.N. (2017), Sano, E.E. (2019), Lima, Bárbara Lins. ESTRADA GERAL DO SERTÃO: Potenciais turísticos de um caminho quase esquecido (2015),

- **Fazendas e Patrimônio histórico e arquitetônico:** Oliveira, Adriana Mara Vaz de. FAZENDAS GOIANAS: A casa como universo de fronteiras (2010); Lemos, Carlos A. C. O que é patrimônio histórico (1981); 3. Garcia, Ledonias, Franco. GOYAZ: uma província do sertão (2010). Freitas, L. C. B. F. de, & Silva, N. H. R. de A. e. (2013). Fazendas goianas. Para se compreender o tema de estudo proposto, é importante esclarecer inicialmente o que é patrimônio cultural e a relevância do seu estudo. Com esse objetivo, será observada a bibliografia direcionada à discussão do patrimônio - autores como Françoise Choey, Camilo Boito e Ruskin, Le Goff, além das diversas cartas patrimoniais.

- **Paisagens e aspectos topofílicos:** Desde os precursores como Dardel (1952), Lynch (1960), Wright (1977), Lowenthal (1961), Tuan (1980, 1983), até os trabalhos mais relevantes de pesquisadores brasileiros como Machado (1988, 1996, 1997, 2005), Oliveira (1977, 1983, 1996), Amorim Filho (1996), Souza Jr. (2001).

2.4 Aspectos Metodológicos

Busca-se, nesta pesquisa, sobretudo, descrever, identificar e familiarizar-se com os elementos presentes nos territórios identitários que permeiam a paisagem das fazendas goianas que se localizam no percurso do Caminho de Cora Coralina no estado de Goiás, com a finalidade de subsidiar a análise arquitetônica e a relacionar com a paisagem rural e ambiental, além de avaliar os aspectos topofílicos das famílias existenciais nestas localidades. E, ainda, descrever e relacionar as diversas variáveis e tipologias identificadas. Em relação à forma de abordar o problema, as pesquisas podem ser qualitativas e quantitativas; e quanto aos objetivos, as pesquisas poderão ser de caráter: exploratória, descritiva e explicativa (GIL, 1991).

A observação do meio ambiente edificado, das técnicas, dos materiais construtivos, da disposição do edifício no sítio, dos edifícios de apoio, da sede, da composição das fachadas, da cobertura vegetal, dentre outras, é importante no processo de leitura da conformação sócio-econômica e da transformação do território.

O trabalho busca investigar e documentar não só casas sede de fazendas goianas, mas também o conjunto edificado que configura essas fazendas: o espaço de moradia e o espaço de trabalho. Determinado os limites para o desenvolvimento desse estudo, os trabalhos se concentraram nas atividades: pesquisa teórica-documental e pesquisa de campo com estudo *in loco*.

2.4.1 *Pesquisa bibliográfica*

A análise dos conceitos apresentados na pesquisa geram a reflexão, o debate e o aprofundamento do conhecimento sobre as transformações da paisagem conectadas à história de Goiás e fazendas goianas. Requereu-se, para tanto, bibliografia direcionada ao estudo da arquitetura e da história goiana, principalmente publicações locais de artigos e revistas acadêmicas do estado.

Para se compreender o tema do estudo proposto é importante esclarecer, inicialmente, o que é patrimônio cultural e a relevância de seu estudo. Com esse objetivo, serão observados: bibliografia direcionada à discussão do patrimônio, artigos acadêmicos, legislação atual pertinente ao assunto, e cartas patrimoniais (que se propõem a indicar diretrizes quanto à aplicação do inventário e destacar sua importância: Carta de Atenas(1931); Compromisso de Brasília (1970); carta sobre o patrimônio construído vernáculo, Cidade do México (1999)).

2.4.2 *Pesquisa de campo*

Os procedimentos metodológicos percorridos, para compreender os múltiplos territórios identitários existentes nas fazendas em estudo, e as técnicas usadas, para coletas de dados, compreendem vários instrumentos, a saber: trabalho de campo, entrevistas semi-estruturadas, levantamento fotográfico e observações. Entre os meses de agosto a dezembro de 2018, realizou-se visitas informais em propriedades rurais para geração de um estudo piloto. Nos meses de março a julho de 2019, trabalhos de campo foram realizados, quando se percorreu locais significativos, onde 10 fazendas foram selecionadas. Esta seleção é segundo: a localização (distribuição ao longo do caminho, nos municípios participantes do percurso do Caminho de Cora Coralina); a conservação (sítios mais conservados apresentam mais informações); e as técnicas e o estilo arquitetônico (compatíveis com o período de estudo proposto - construções do início do século XX). Nessa etapa, identificaram-se elementos de

distinção e de similaridade arquitetônica relacionados ao posicionamento espacial, bem como, elementos da cultura tradicional e da arquitetura secular de Goiás guardados por múltiplos territórios identitários. As estratégias utilizadas para a realização da investigação contribuirão para se verificar aspectos que caracterizam e geram identidade entre as fazendas. Não será possível, contudo, abordar todos os elementos com potencial de pesquisa, os quais poderão ser desenvolvidos em trabalhos posteriores.

A região do Caminho de Cora foi um local por onde atravessaram as primeiras rotas de pioneiros pelo centro-oeste e se instalaram os primeiros assentamentos não indígenas. No processo de interiorização do Brasil, a passagem dos desbravadores, concomitantemente ao tráfego de tropas, comerciantes e oficiais, consolidou um caminho ao longo dos pousos, primeiramente ligados à descoberta de ouro em Goiás e Mato Grosso, no Século XVIII, e, num segundo momento, devido à decadência da mineração e à expansão da pecuária.



Mapa 1: Mapa do caminho antigo de penetração das bandeiras entre São Paulo e Mato Grosso, atravessando o estado goiano. Fonte: Instituto Geológico do Estado de São Paulo (IG) 2008.

É interessante perceber que, nesse caminho, que atravessa o estado de leste a oeste, se desenvolveram povoadamentos ao longo das entradas paulistas no estado. Ele permanece hoje como eixo de turismo histórico, conservando, nos trechos urbano e rural, edificações tradicionais de importância histórica. Não coincidentemente, o caminho turístico de Cora Coralina foi demarcado neste trecho do estado.

Procurou-se, por meio dos registros fotográficos, encontrar características tradicionais da cultura, do sítio, da moradia, da arquitetura e dos objetos utilizados no trabalho cotidiano - a gamela para descansar o doce, o moinho de pedra, os aparelhos de carpintaria, o monjolo, os móveis, as tralhas de montaria, entre outros. A imagem fotográfica partiu de um entendimento: ao fotografar um objeto, enunciam-se signos de sua aparência, como cor, volume e forma. Mas, além da aparência, a produção fotográfica pode colaborar com leituras de dimensões essenciais, como o tempo, a técnica, o trabalho e a significação (GASKELL, 2002). Tais elementos, materiais ou imateriais (como as danças, as festas e até o modo de se comunicar), são matéria de registros importantes de uma cultura dinâmica que tendem a se modificar com o passar do tempo.

Procurou-se criar um mosaico de cenários reais, baseados nestes elementos semiológicos, e que se relacione com os objetivos da pesquisa. Por isso, a ênfase recai sobre as estruturas das casas coloniais, a morfologia da paisagem, as expressões cênicas de ambientes, os objetos da cultura tradicional, e os novos usos da terra e das paisagens.

A seleção das fotografias inserida no trabalho corresponde ao texto escrito, apresentando-as como dimensões qualitativas dos fenômenos. As imagens fotográficas são, assim, depoimentos significativos da realidade espacial de um certo momento e espaço compreendido por diferentes paisagens (GASKELL, 2002). As fotografias, lidas pela interpretação geográfica, com observações das formas e funções dos elementos espaciais, isto é, outro sistema de signos, se baseia na investigação da paisagem.

As observações feitas durante os trabalhos de campo, nos locais de pesquisa, mostram também:

- como os proprietários e os moradores se relacionam com as transformações culturais;
- as suas práticas em relação ao meio ambiente antropizado;
- a permanência/ insistência de algumas atividades ou a sua supressão;

- o modo de produção e os objetos e ambientes que possibilitam tecnicamente a realização dessas atividades.

As observações visam, sobretudo, contribuir para a apreensão dos elementos que ajudam a constituir a história das propriedades e, subjetivamente, a história de vida dos residentes e proprietários destas fazendas. Muitas observações estimularam, posteriormente, a reflexão como orientadora de aspectos mais densos da realidade estudada (modo de vida, objetos, atividade econômica, ferramentas, técnicas produtivas, relação com trabalho). Esses elementos, sob um aspecto holístico, foram utilizados para a construção das análises e das sínteses.

As observações, especialmente nas visitas de campo, procuraram verificar o modo como os sujeitos estabeleciam relações com as paisagens e objetos culturais de seu cotidiano e de sua vivência, investigação que encontra cerne na habitação do homem goiano. Elas motivaram também a descoberta entre a fala e o ato do sujeito, saindo das representações rígidas do imaginário hegemônico. E, nesse detalhamento, são avaliados os aspectos topofílicos, ou seja, os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente natural ou construído.

3 CAPÍTULO I – O Cerrado: de celeiro da Biodiversidade à Conservação

*Eu sou o caule dessas trepadeiras sem classe, nascidas na frincha das pedras
Bravias. Renitentes. Indomáveis. Cortadas. Maltratadas. Pisadas. Renascendo.*
(CORALINA, 1985, p. 47)

3.1 Introdução

O Cerrado é o segundo bioma brasileiro em extensão e o que mais se comunica com os demais biomas do país. Seu relativo recente sucesso na produção de commodities e potencial turístico atraem cada vez mais a atenção para pesquisas e políticas de manejo e de conservação, principalmente por suas características exclusivas. Características tais, que o elevam a uma categoria de importância e relevância - ambiental, social, cultural e econômica. Destaca-se aqui a arquitetura

vernacular rural, que, por inúmeros motivos a serem compreendidos ao longo do trabalho, se trata de uma produção bastante específica.

A ocupação desse bioma deu-se, preponderantemente, a partir década de 1970 do século XX. Anteriormente, as terras do bioma Cerrado eram mais utilizadas como fonte de subsistência para camponeses e indígenas que se instalaram no interior do Brasil. No entanto, com as transformações referentes ao uso e ocupação das terras, principalmente devido à associação dos agentes tradicionais com os representantes do capital financeiro internacional, há cada vez maior demanda por áreas que atendam às necessidades e prioridades de cunho econômico – pecuária, agricultura, mineração – ocasionando, assim, crescentes conflitos e contradições territoriais (FREDERICO, 2019).

O Cerrado é um bioma bastante biodiverso (SOARES *et al.*, 2019). Suas fitofisionomias, riqueza, abundância de espécies biológicas, interações ecológicas, tradições e história tornam necessário o despontar de estudos que busquem, através de usos e potencialidades múltiplas, atrair atenção e medidas que promovam sua conservação, preservação e recuperação de áreas degradadas.

O presente estudo busca, por meio de uma revisão bibliométrica e integrativa, de caráter descritivo e explicativo, realizar uma conexão entre as características, as perspectivas e as realidades que o bioma apresenta. Utilizaram-se, dessa forma, diferentes bases de dados, tais como: Pubmed, Web of Science, Scielo; e os seguintes descritores: Cerrado, cerrado, Biodiversidade e Sustentabilidade.

3.2 O Cerrado: Caracterização Fitofisionômica e Biodiversidade

O Bioma Cerrado é um bolsão de diversidade biológica situado no centro do Brasil. Considerado uma savana, ele possui destacada diversidade florística: cerca de 12.000 espécies já conhecidas, sendo que, destas, cerca de 4.000 espécies são endêmicas (MYERS *et al.*, 2000; KLINK; MACHADO, 2005; FERRO; BONACELLI; ASSAD, 2006; SAMPAIO *et al.*, 2015).

O Cerrado também conta com, aproximadamente, 159 espécies de mamíferos, 837 espécies de aves, 180 espécies de répteis, 150 espécies de anfíbios, 1.200 espécies de peixes e 67 mil espécies de invertebrados, com elevado nível de endemismo - de acordo com o grupo taxonômico, apresenta cerca de 20 a 50% para vários grupos

vegetais e animais. Tais dados dimensionam os aspectos de biodiversidade deste bioma naturalmente brasileiro (MACHADO *et al.*, 2004; AQUINO; OLIVEIRA, 2006).

Ao se considerar todo o bioma Cerrado, identifica-se que há seis vezes mais espécies de ervas e arbustos, quando comparado ao número de espécies de árvores. Ele concentra, ao todo, cerca de 33% de toda a diversidade biológica brasileira - fato estimável pelas características únicas que este bioma apresenta (tais como: extensão e localização territoriais, variação ecossistêmica e isolamento geográfico), que resultaram em uma ocupação tardia, o que é um aspecto particularmente importante para a manutenção do equilíbrio ambiental (AGUIAR; MACHADO; MARINHO-FILHO, 2004; MACHADO *et al.*, 2004; FERRO; BONACELLI; ASSAD, 2006; SAMPAIO *et al.*, 2015).

É a savana mais rica em biodiversidade do mundo, mas também, entretando, um dos biomas mais ameaçados do planeta (HOROWITZ; MARTINS; WALTER, 2013). É um complexo vegetacional que possui relações tanto ecológicas quanto fisionômicas com demais tipos savânicos incidentes na América Tropical e nos continentes australiano e africano (WALTER; CARVALHO; RIBEIRO, 2008).

O Cerrado é somente menor em extensão que a Amazônia, contendo uma área aproximada de 2.045.064 km², correspondente a 21% de todo o território brasileiro. Abrange os seguintes estados brasileiros: Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Tocantins, Bahia, Maranhão, Piauí e Distrito Federal, com encraves na Amazônia, Caatinga e Mata Atlântica – ecótonos (Figura 1) (AGUIAR; MACHADO; MARINHO-FILHO, 2004; TEJERINA, 2006; MARRA; MILANI, 2016).



Mapa 2: Distribuição do Bioma Cerrado (SAMPAlO *et al.*, 2015).

Ele estende-se diagonalmente no sentido nordeste-sudoeste, limitando-se com quase todos os biomas brasileiros – Amazônia, Pantanal, Mata Atlântica e Caatinga – exceto campos sulinos e os ecossistemas costeiros e marinhos (AGUIAR; MACHADO; MARINHO-FILHO, 2004). Devido à sua localização central em relação aos demais biomas sul-americanos, o Cerrado possui divisas com dois biomas florestais – Amazônia e Mata Atlântica – e com dois biomas de regiões secas – caatinga e chaco (SILVA; BATES, 2002). Abrange três das maiores bacias hidrográficas do país – Araguaia-Tocantins, Prata e São Francisco – sendo responsável por cerca de 43% das águas superficiais do Brasil fora da Amazônia (STRASSBURG *et al.*, 2017). As nascentes que emergem neste bioma influenciam 10 das 12 bacias hidrográficas do país (FERNANDES, 2016).

Esse bioma se situa em altitudes que variam de cerca de 300m a 1600m de altitude, possuindo clima Tropical Chuvoso, com estações bem definidas – invernos secos e verões chuvosos – e precipitações anuais variando em média de 750mm a 2000mm. O período chuvoso compreende os meses de outubro a março, quando as temperaturas médias variam em cerca de 18°C; e o período de seca compreende os meses de abril a setembro. (WALTER; CARVALHO; RIBEIRO, 2008).

Etimologicamente, o termo Cerrado deriva do espanhol, como sinônimo de “fechado”: sua unidade lexical radica do verbo cerrar, que remete aos conceitos de fechar e vedar. Com o uso e abrangência dada ao termo, o mesmo se refere a uma vegetação típica de bioma predominantemente brasileiro, ou a um conjunto de ecossistemas, em suas variadas fitofisionomias, que compreendem desde mata de galeria a campos (MARRA; MILANI, 2016; RIBEIRO; SANO; SILVA, 1981 *apud* KLINK; MACHADO, 2005).

O termo Cerrado pode ser compreendido através de três perspectivas:

- a) “Cerrado”, grafada com a letra “c” inicial maiúscula, que faz referência ao domínio fitogeográfico, incluindo formações que vão além das perspectivas do *Cerrado sensu lato*, como também demais formações que se encontram na região de incidência;
- b) *Cerrado sensu lato* ou propriamente “cerrado”, que se refere às formações vegetacionais dos biomas de campos tropicais, de savanas e de florestas estacionais;
- c) *cerrado sensu stricto*, ao referir-se a uma das formações savânicas pertencentes ao *Cerrado sensu lato* (BATALHA, 2011).

As particularidades que o Cerrado apresenta remontam a algumas discussões acerca de sua adequação aos conceitos literais, tanto de savana quanto de bioma. Diante deste panorama, Walter (2006) e Walter, Carvalho e Ribeiro (2008) afirmam

que, apesar das distintas fitofisionomias, o Cerrado compõe um verdadeiro mosaico, e que se trata de uma savana – e de uma savana floristicamente rica.

Identifica-se, neste sentido, que todas as savanas tropicais do mundo possuem uma complexidade fitofisionômica, formando um mosaico, com distintos gradientes fitofisionômicos. Portanto, ao se considerar o Cerrado como um bioma savânico, não se comete um erro conceitual, pois a plasticidade ecossistêmica e de domínios que ele possui apresenta uma razão mais que suficiente para se considerar este complexo como uma unidade biológica. Sendo assim, o Cerrado é considerado um bioma de savana, tanto pela égide fitofisionômica, quanto ecossistêmica (COUTINHO, 2006): o Cerrado é uma savana e constitui-se um bioma.

Este bioma recobre extensas áreas constituídas por crostas ferruginosas lateríticas que, misturado com quartzitos, formam solos areno-argilosos, que se caracterizam por serem solos pobres em nutrientes e com elevados teores de óxidos de ferro. A carência de nutrientes essenciais pode ser explicada pela ação das chuvas durante os períodos geológicos, que gradativamente intemperizaram os solos (WALTER; CARVALHO; RIBEIRO, 2008).

Com uma origem há mais de 80 milhões de anos, o Cerrado adquiriu as características atuais há cerca de 4 milhões de anos. Possui planaltos antigos e um particular estresse ambiental, marcado pela sazonalidade dos períodos chuvosos, solos ácidos e pobres em nutrientes. Contém diferentes fitofisionomias, que vão desde padrões campestres – campo rupestre, campo limpo e campo sujo -, savânicos – cerrado sentido restrito e vereda -, até o florestal – cerradão, mata ciliar, galeria e seca. Estes e outros aspectos fazem do Cerrado a savana mais rica em espécies, formas e funções (**Figura 1**) (FERNANDES, 2016; MARACAHIPES-SANTOS *et al.*, 2017).

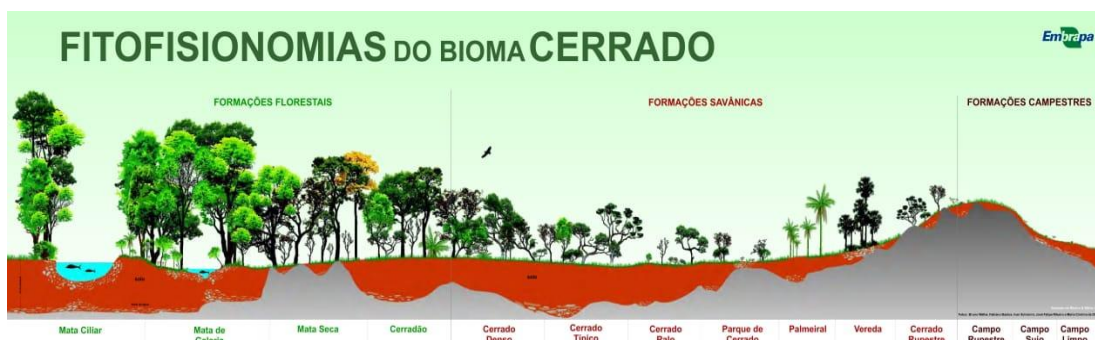


Figura 1: Representação das Fitofisionomias do bioma Cerrado (RIBEIRO; WALTER, 2008).

De acordo com Walter e Ribeiro (2008), há 14 fitofisionomias no bioma Cerrado, a saber: Campo Rupestre, Campo Limpo, Campo Sujo, Cerrado Ralo, Cerrado Típico, Cerrado Denso, Cerrado Rupestre, Palmeiral, Vereda, Parque de Cerrado, Cerradão, Mata de Galeria, Mata Seca e Mata Ciliar.

A formação denominada Cerrado *sensu stricto* (sentido restrito) apresenta fitofisionomias que caracterizam o Cerrado e representam cerca de 70% do bioma (PAIVA; REZENDE; PEREIRA, 2011). Esta formação ocupa regiões mais aplainadas, intemperizadas, profundas e com baixa fertilidade, particularmente devido à perda de cálcio e magnésio por lixiviação (WALTER; CARVALHO; RIBEIRO, 2008).

Já as matas estacionais, que compõem cerca de 15% da área total deste bioma, estão entre os tipos de vegetação mais degradados e fragmentados, em comparação às demais fitofisionomias (PEREIRA; VENTUROLI; CARVALHO, 2011). As florestas estacionais foram a formação vegetal mais degradada pela colonização desenvolvimentista do Cerrado, que provocou um desflorestamento rápido e intenso, para abertura de atrativos que trariam para a região central infraestrutura, como, por exemplo, a expansão rododiferroviária orientada pela Marcha para Oeste (SILVA *et al.*, 2018).

Além das formações vegetacionais dominantes no bioma Cerrado, há outros tipos vegetacionais minoritários, como, por exemplo: floresta ripícola, campo rupícola, floresta estacional semidecídua, floresta estacional decídua e campo úmido (BATALHA, 2011).

As distintas formações vegetais deste bioma formam um verdadeiro mosaico fitogeográfico, cada qual com diferenças edáficas, de inclinação do terreno, do microclima e da disponibilidade hídrica. Tais distinções provocaram o surgimento de formações campestres, savânicas e florestais (FERNANDES, 2016). Por isso, na década de 1970, a EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - utilizou a expressão “os Cerrados” para a designação do bioma, considerando suas variáveis e diversidade fitofisionômica (SILVA *et al.*, 2018).

Este bioma é considerado um patrimônio integrado de vida, pois possui aspectos singulares em seus componentes: fitofisionomia, solo, relevo, bacias hidrográficas, espaço, cultura, símbolos, gente, arte e distintos modos de vida (CHAVEIRO; CASTILHO, 2007).

Juntamente com a Mata Atlântica, o Cerrado é um dos hotspots mundial, devido à sua elevada biodiversidade, endemismo, relevância ecológica, degradação e ameaça (OLIVEIRA; PIETRAFESA; BARBALHO, 2008; FERNANDES, 2016;

MARACAHIPES-SANTOS *et al.*, 2017; STRASSBURG *et al.*, 2017; ROA; TELLES, 2017). As ações sofridas por esse bioma interferem em dinâmicas naturais e importantes para a manutenção de seu equilíbrio. Como exemplo, cita-se a relação do bioma com o fogo. Sabe-se que o fogo é parte integrante do Cerrado, mas que, devido ao mal uso das terras e às práticas agrícolas adotadas, há interferência nos regimes de incêndio e, consequentemente, nos processos naturais que promovem e mantêm sua biodiversidade (JÚNIOR *et al.*, 2014).

O Cerrado passou a ser considerado, desde 1999, um hotspot de biodiversidade. Entretanto, além de não ser citado na Constituição Brasileira de 1988, vem sofrendo continuamente com a exploração de suas áreas (OLIVEIRA; PIETRAFESA; BARBALHO, 2008). Houve uma perda de aproximadamente 88 milhões de hectares, restando, em estado habitual, aproximadamente 19,8% de sua área total, que se localiza na última fronteira agrícola, denominada de MATOPIBA – entre os estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.

Esta última fronteira sofre com a intensa destruição, causada principalmente por expansão do agronegócio, plantio de monoculturas, florestas exóticas, crescimento urbano e desmatamento (FERNANDES, 2016; STRASSBURG *et al.*, 2017; ROA; TELLES, 2017). Um exemplo disso é a forma ágil com que a cadeia produtiva se expandiu sobre as últimas reservas de vegetação natural do Cerrado, levando-o a uma realidade ainda mais crítica, que poderá provocar sua extinção (SILVA *et al.*, 2018).

Rocha *et al.* (2011) identificaram que o desmatamento é concentrado, possuindo duas frentes de expansão agropecuária: a que se estende do oeste do estado da Bahia até o sul do estado do Maranhão, e a que vai do sudeste do estado do Mato Grosso até leste do estado do Mato Grosso do Sul. Tais áreas possuem uma vegetação densa sobre um relevo plano, qualidade essa interessante para a instalação da agricultura mecanizada, em vez da instalação da pecuária extensiva. Em geral, regiões mais planas são mais suscetíveis à instalação de lavouras de monocultura, que muitas vezes substitui a atividade da pecuária tradicional e ameaça a conservação das antigas sedes de fazenda, uma vez que a dinâmica da casa tradicional está intimamente ligada a criação extensiva de gado.

Dentre os ecossistemas brasileiros, o Cerrado apresenta a menor quantidade de áreas totalmente protegidas, e a perda de habitats agravou-se pela expansão agrícola que ocorreu nos últimos 60 anos (OLIVEIRA *et al.*, 2019). Este bioma abriga algumas das atividades agrícolas mais intensivas para a produção de grãos – como soja, arroz e trigo (OLIVEIRA; PIETRAFESA; BARBALHO, 2008) - e pecuária de corte, em todo o mundo (SANO *et al.*, 2019).

A intensa e descontrolada ocupação, que desconsidera os aspectos biológicos e os impactos sofridos pelo Cerrado, ocasionada pela expansão da fronteira agrícola e pela produção de grãos para exportação, foi motivada principalmente por projetos implantados na região central do Brasil, por meio de incentivos governamentais. Este modelo economicista, que possuiu levante na década de 1960, do século XX, acarretou graves e cumulativos problemas socioambientais, pois nutria a concentração fundiária, o conflito no campo, a aceleração gradual do desmatamento, a carência de organização do espaço sócio-cultural, os desequilíbrios ecológicos decorrentes da industrialização e a pauperização das cidades, levando à derrocada do bioma ao longo do tempo (SILVA, 2012).

Identifica-se que o Cerrado vem sofrendo transformações devido às ações humanas mesmo antes da chegada dos colonizadores portugueses (SILVA *et al.*, 2018). Já a ocupação deste bioma durante o Brasil Colônia se deu em regiões com elevada fertilidade do solo. Na década de 1940, durante o governo do presidente Getúlio Vargas, houve a primeira iniciativa de ocupação direcionada à região em que se predomina o Cerrado, dada a criação das colônias agrícolas tanto no estado de Goiás, quanto no estado do Mato Grosso, motivadas pelo aumento da extensão ferroviária que, neste momento, chegava até a cidade de Anápolis em Goiás.

Em 1960, essas regiões tornaram-se essenciais abastecedoras de grãos. Em 1970, houve um redesenho das estruturas fundiárias, devido a um ciclo modernizador do espaço agrícola no bioma Cerrado, o que ocasionou, já na década de 1980, uma instalação da agricultura intensiva, monocultura e latifúndios. No momento, em decorrência da expansão agrícola, identifica-se que os latifúndios não são eminentemente pecuários, havendo uma divisão nos interesses decorrentes da produção de grãos na região do Brasil Central (THEODORO; LEONARDOS; DUARTE, 2002).

O interesse no bioma Cerrado aumentou com os estudos de Eugenius Warming sobre a Lagoa Santa (1892), e os de Rawitscher, Ferri e Rachid (1942) na região de Pirassununga, no estado de São Paulo. Eles buscavam meios de criar alternativas para a implantação de condutas agrárias que proporcionariam eficiência agrícola em um bioma que se pensava ser pobre em recursos hídricos. No contexto expansionista e ocupacional, a Marcha para o Oeste proporcionou estudos que buscavam o melhor aproveitamento econômico da região. Tal perspectiva foi impulsionada pelo pós Segunda Guerra Mundial e com a criação de instituições de pesquisa e incentivo científico por parte de agências internacionais (SILVA, 2019).

Na **Imagem 1**, abaixo, há um modelo de arado inglês do final do séc. XIX movido à tração animal, em que engrenagens regulam a altura do disco de arado, dentre outros mecanismos elaborados. Não se sabe exatamente quando esse arado começou ser utilizado no lavrar da terra mas já se pode assumir sua presença como indicativo de um princípio de mecanização na produção rural que precedeu à implementação dos tratores e outras máquinas agrícolas, apontando uma atividade agrícola na região bem anterior à modernização agrícola goiana do final da década de 60.

No período compreendido entre 1940 e 1958, o Cerrado possuía uma imagem negativa frente à lógica agropastoril daquele momento histórico. Era considerado um bioma que apresentava terras impróprias para agricultura, devido a diversos fatores, tais como: a acidez, a baixa fertilidade dos solos e a sazonalidade das chuvas na região (SILVA *et al.*, 2018). No entanto, havia desejo e políticas que queriam fazer do interior do Brasil um local desenvolvido e moderno (PAULA; RODRIGUES; FREITAS, 2018).



Imagem 1: Arado reversível movido a tração animal. Fazenda Buriti Grande. Cocalzinho-GO. Fonte: acervo do autor 2020.

Em decorrência de estudos que identificaram maneiras de aumentar a fertilidade dos solos do Cerrado, manejar recursos hídricos e adaptar sementes híbridas para a região, – fato identificado já no início da década de 1960 do século XX –, o Estado brasileiro, a partir de 1970, passou a estabelecer, em sua agenda política expansionista, a ocupação do Cerrado como estratégia prioritária. A partir de então,

criou-se uma dualidade que perdura até o momento: de um lado desponta o otimismo em relação ao progresso agrícola; mas, por outro lado, existe a degradação ambiental provocada por esse mesmo progresso (SILVA *et al.*, 2018; SILVA, 2019), principalmente pelo intensivo desmatamento para fins agropecuários, que provoca a extinção de algumas espécies de animais e vegetais (OLIVEIRA; PIETRAFESA; BARBALHO, 2008).

O bioma Cerrado experimentou diversos processos de intervenção antrópica ao longo da história, e tais processos estão relacionados às temporalidades existentes na eco-história da região do Planalto Central brasileiro (SILVA *et al.*, 2017), marcado por profundas disputas, que culminaram em intensa degradação ambiental. Nessa luta pelas terras, há de um lado populações tradicionais, como indígenas e quilombolas, e, de outro, os latifundiários, que veem, na região do Cerrado goiano, o celeiro brasileiro (PAULA; RODRIGUES; FREITAS, 2018).

A combinação de uma proteção limitada do Cerrado e da pressão contínua e crescente da expansão agrícola é a principal responsável por cerca de 31-34% do bioma remanescente que será utilizado até 2050. Para dimensionar essa questão: o desmatamento provocará a extinção de aproximadamente 480 espécies endêmicas da flora do Cerrado - uma extinção maior do que a já documentada desde 1500 (STRASSBURG *et al.*, 2017). Sua destruição atinge taxas alarmantes e preocupantes, sem que exista qualquer política ambiental que gere efetiva preservação (FERNANDES, 2016).

Com menos de dois milhões de hectares remanescentes deste bioma, existem ainda muitas incertezas sobre como preservá-lo (MORANDI *et al.*, 2018). Um dos maiores desafios concentra-se na dificuldade de junção dos fragmentos vegetacionais, visto que a separação e os espaços existentes entre as áreas de remanescentes afetam sumariamente a manutenção da flora e fauna (CAMARGO *et al.*, 2018). Devido à perda de áreas de vegetação nativa, com elevado número de espécies endêmicas, especificamente as da flora, sabe-se que muitas espécies estão listadas como prioritárias em programas e levantamentos de conservação (SOUZA; TELES; FILHO, 2016)..

Diante da elevada biodiversidade que o Cerrado possui e os severos impactos ambientais que vem sofrendo, inúmeras espécies poderão ser ou já foram extintas sem ao menos serem catalogadas e compreendidas pela comunidade científica e não científica. A fragmentação de habitats, a diminuição da biodiversidade, a invasão descontrolada de espécies exóticas, a diminuição da vegetação, a erosão dos solos, a contaminação das águas subterrâneas e superficiais, a alteração no regime das

queimadas, os desequilíbrios de macro e micronutrientes do solo e no ciclo do carbono, e as modificações climáticas regionais (RESENDE, 2012) fazem com que áreas de remanescentes tornem-se cada vez mais importantes para preservação e conservação do Cerrado.

As maiores áreas de Cerrado nativo remanescentes encontram-se na última fronteira agrícola deste bioma (MATOPIBA) e Mato Grosso, despontando em área de maior incidência de remanescentes. Enquanto isso, os estados de Goiás, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal possuem as menores áreas. A situação de proteção, conservação e distribuição destas áreas demonstra a urgente necessidade de medidas de monitoramento, pois há áreas em que o Cerrado foi totalmente devastado pelo desmatamento (ROCHA *et al.*, 2011).

Há apenas 4,9% de Áreas de Preservação Ambiental, fato que reitera a baixa contribuição efetiva para a preservação do bioma. A partir de uma visão preservacionista internacional, essas áreas são a base para a preservação da biodiversidade. Contudo, as omissões legais - como a ausência deste bioma no escopo do artigo 225 da Constituição Brasileira de 1988 -, a inobservância dos direitos das populações tradicionais e o intenso processo de desmatamento e urbanização demonstram que este bioma possui um baixíssimo nível de proteção ambiental, ficando muito aquém de metas e iniciativas de proteção a biomas e a biodiversidade internacionais (FERNANDES, 2016).

Essa lógica possui relação histórica, pois sabe-se que as áreas que possuem as unidades de conservação, especialmente as de proteção integral, crescem de forma lenta, enquanto a expansão da fronteira, no caso da fronteira agropecuária, disparou principalmente a partir da década de 70 do século XX, reduzindo, assim, a disponibilidade de áreas adequadas para a instalação de novas unidades de conservação, que viriam a ser representativas para a manutenção da diversidade fitofisionômica do Cerrado (FRANCO; GANEM; BARRETO, 2016).

Há no Cerrado, 431 áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade. De acordo com Ministério do Meio Ambiente, essas regiões foram identificadas observando-se, basicamente, os seguintes aspectos: a importância biológica, a necessidade de ações de conservação e a vulnerabilidade (AMARAL *et al.*, 2017). Existem 285 áreas protegidas, divididas em 49 reservas federais, 155 reservas estaduais e 81 municipais. Porém, apenas 6,5% representam áreas com cobertura vegetal nativa, e, ao considerar todas as unidades de conservação, as APA's (Área de Preservação Ambiental) correspondem a um total de 85% (FRANÇOSO *et al.*, 2015).

Estima-se que até 2030 cerca de 15% a 20% do planeta Terra estará protegido, principalmente em áreas de proteção, que serão projetadas para uso humano, atadas a questões ideológicas e políticas (FRANÇOSO *et al.*, 2015). No entanto, para esse mesmo ano, está previsto o limiar de destruição completa do Cerrado, se os processos e tendências de ocupação continuarem causando perda de 2,2 milhões de hectares de áreas nativas (MACHADO *et al.*, 2004). Devido às suas fitofisionomias, há a necessidade de conhecimentos específicos para cada domínio, a fim de se construir dinâmicas e perspectivas que contribuam efetivamente para a preservação e a conservação dele (BATALHA, 2011).

O Cerrado é a mais rica savana existente, que há mais de 200 anos vem sendo alvo de investigações científicas, devido às suas particularidades tanto estruturais como em nível de vegetação, fauna, relação biológica e ecológica, paisagens e espécies (WALTER, 2006). Assim, ele é de suma importância, não apenas para as localidades de sua incidência, mas possui relevância para a preservação da biodiversidade global e, por isso, requer medidas urgentes de preservação (MACHADO *et al.*, 2004; PEIXOTO *et al.*, 2019).

Sendo um dos biomas mais ameaçados, principalmente pela atividade antrópica não sustentável, o Cerrado sofre um intenso processo de devastação. É imperativa a necessidade de sua preservação e conservação para a manutenção do equilíbrio ecológico de toda uma porção do continente sul americano. Considera-se também, diante desse acelerado processo destrutivo, a desvalorização das relações culturais, históricas, econômicas e sociais, o que colabora sumariamente para a dizimação deste bioma (FERNANDES, PESSÔA, 2011; REIS *et al.*, 2017; PIZOLETTO *et al.*, 2018).

A agricultura mecanizada, a pecuária extensiva, a mineração, o garimpo e os latifúndios são as atividades potencializadoras que, de forma direta e indireta, estão relacionadas ao desaparecimento massivo do bioma Cerrado. São responsáveis pela degradação de extensas porções de áreas nativas, para abrir espaço para uma lógica puramente expansionista e econômica (FERNANDES, PESSÔA, 2011), e são sustentadas por modelos de crescimento e desenvolvimento que doravante ignoraram as internalidades e externalidades ambientais, inobservando que as necessidades humanas são ilimitadas e os recursos naturais são limitados (CAVALCANTE, 2018). Dentre essas atividades, a conversão agrícola de áreas de vegetação natural faz-se um dos fatores mais importantes nos processos de perda de biodiversidade em todo o mundo (BONANOMI *et al.*, 2019).

São medidas de conservação, preservação e manejo do Cerrado, reduzindo seu desmatamento: a criação e manutenção de unidades de conservação, a valorização dos povos indígenas e suas reservas, a educação ambiental (ALMEIDA *et al.*, 2018; ANDRADE, 2018; GOMES *et al.*, 2019), os programas ambientais estaduais e municipais – principalmente para as áreas já degradadas -, e uma maior efetividade das políticas locais e fiscalizatórias em nível municipal (SCARAMUZZA *et al.*, 2005; WELCH *et al.*, 2013; PIZOLETTO *et al.*, 2018; ROCHA *et al.*, 2011). Cita-se ainda a adoção dos princípios da agroecologia como plataforma garantidora da biodiversidade (SILVA *et al.*, 2018), promovendo um desenvolvimento rural sustentável, já que a agricultura, principalmente a extensiva, é responsável por impactos negativos nos ambientes naturais e sociais, como o desmatamento para a substituição por culturas diversas, e o uso insustentável dos recursos naturais (ex.: a água demandada pela irrigação) (CAVALCANTE, 2018).

Há, dessa maneira, necessidade de uma reflexão crítica e realística sobre os agravantes das lógicas desenvolvimentistas, a fim de atrair a atenção, principalmente de autoridades, para a urgência da preservação do Cerrado (FERNANDES, PESSÔA, 2011). Também devem haver estudos e levantamentos científicos e técnicos com o intuito de expandir a rede de áreas de conservação, particularmente na parte central do estado do Tocantins, oeste e sul do estado da Bahia, na parte centro-sul do estado do Mato Grosso, no sul e norte do estado de Goiás, como também nas porções norte, oeste e central do estado de Minas Gerais: tais áreas possuem elevada riqueza de espécies (AMARAL *et al.*, 2017).

A conservação deste bioma depende tanto da elaboração quanto da aprovação de uma política de conservação que seja específica para as realidades do Cerrado e que fomente: a criação e o manejo adequado e efetivo de unidades de conservação; a conservação de áreas em propriedades privadas; e a implantação de corredores de biodiversidade, a fim de superar a fragmentação do bioma e restringir atividades que potencializam a devastação do Cerrado (FRANCO; GANEM; BARRETO, 2016).

As políticas de conservação devem estar ancoradas por estudos e pelo saber científico, trazendo, assim, informações acerca dos padrões de distribuição e riqueza das espécies, e sobre a composição das comunidades existentes no Cerrado. Tais são indicadores de áreas de remanescentes com cobertura vegetal natural e reiterado valor de conservação (AMARAL *et al.*, 2017).

3.3 Caminho de Cora Coralina no Cerrado Goiano

Antes de pesquisar sobre o Caminho de Cora, eu o percorri como turista interessado pelas paisagens, pela arquitetura e pela literatura goiana - principalmente a mais antiga e mais ligada ao cerrado e à cultura tradicional do povo goiano. Sobre minha experiência pessoal de trafegar pelo caminho, posso dizer que é uma atividade muito enriquecedora, principalmente quando já se retém algum conhecimento prévio da história e geografia da região.

Iniciei o caminho no mês de agosto, quando as cirrostratus criam um halo de luz no sol e a umidade do ar no Cerrado decai à níveis saarianos. Carregava comigo uma mochila leve, confiando nos recursos dos pontos de apoio, o que se mostrou um erro, devido à inexistência de pontos de apoio suficientes em funcionamento, à época. O caminho se inicia na cidade de Corumbá de Goiás, uma cidade histórica apinhada em um morro que facilmente reconheço da “Hora dos Ruminantes”, quando Jose J. Veiga a apresentou sob o codinome de Mainarema. Adentramos um trieiro de cascalho ladeado por pendões de braquiária; sobre nossa cabeça um letreiro indicava que estamos no portal do Caminho de Cora. À nossa direita podíamos ver o rio Corumbá serpenteando calmo paralelo ao caminho, o que não lembrava em nada o rio Corumbá furioso que, no conto de Bernardo Élis, engolfou a velha Nhola dos Anjos durante uma tempestade. A sinalização do caminho era uma seta amarela grafitada em pedras, troncos e postes, indicando a direção. Percorremos belas paisagens, antigas propriedades e até cachoeiras, mas isso, é claro, eram só os primeiros passos. A jornada só se encerraria dias depois, na terra de Hugo de Carvalho Ramos, onde meus pés pisariam as mesmas ruas de pedra em que faiscaram os cascos das Tropas e Boiadas. Eventualmente, eu atravessaria a ponte que ladeia a casa da própria Cora Coralina que, do peitoril da janela, transcrevia a poesia das ruas e becos da cidade velha, e, por justa homenagem, emprestou seu nome ao caminho.

Percorrer o Caminho de Cora, a pé ou de bicicleta, é um ato de peregrinar: um ato que transcende a devoção e as festas religiosas. A atividade em si independe de orientação religiosa ou promessa; é uma atividade mais mental do que física, e é um momento introspectivo, em que o esforço físico leva à profunda reflexão. Concluir o caminho, ou pelo menos percorrer um trecho proposto, gera uma grande satisfação.

Estudos recentes investigaram a peregrinação como interação turística e perceberam diferenças entre tipos de deslocamentos espaciais. Esses deslocamentos se diferenciam entre o turista, o peregrino e o viajante, e podem ser considerados característicos de diferentes modalidades de vivenciar as experiências veiculadas no âmbito de um evento ou localidade (STEIL E CARNEIRO, 2018). Este ponto de vista

multifocal valoriza uma interface de narrativas e experiências que transforma contextos turístico-religiosos em pontos atrativos para peregrinos religiosos ou não.

A etimologia da palavra “peregrino” vem do latim *per agros*, que significa *pelos campos*, segundo o dicionário: “Aquele que anda romaria, em peregrinação ou viaja para um lugar santo, de devoção; romeiro.” (PEREGRINO,2020). Isto é, se trata de um devoto que parte em jornada, segundo os desígnios de determinada religião, para percorrer um caminho de expiação em busca do sagrado. O termo aparece na língua portuguesa para denominar os cristãos que viajavam à Roma ou à Jerusalém em visita aos lugares sagrados, mas o ato de peregrinar e as peregrinações ocorrem desde os tempos pré-cristãos. Existem relatos de locais de peregrinação pagã ancestral que foram assimilados pela religião cristã. Admite-se até mesmo a peregrinação do caminho de Santiago Compostela como assimilação de uma peregrinação não-cristã antiga. (SANTOS,2000)

Santiago Compostela é o mais conhecido dos caminhos de peregrinação do planeta, formado por rotas que afluem de vários países da Europa ocidental e seguem em direção à costa espanhola, na extremidade oeste da península ibérica, onde se encontra a catedral de Santiago de Compostela. O caminho foi “redescoberto” no final do século XX, depois de um longo período de esquecimento (SANTOS, 2000). A popularidade do caminho começou a ressurgir, embora não mais por motivos religiosos. Na década de 1980, segundo Steil e Carneiro (2018), esses eventos se desvinculam da tradição católica, e estão agregando à peregrinação novos sentidos que os associam à experiência interior de um caminho a ser percorrido por cada indivíduo na direção de seu verdadeiro “eu”. O Caminho tornou-se Patrimônio da Humanidade na década de 1990 e converteu-se na mais importante rota religiosa e cultural do continente europeu, percorrida por milhares de pessoas todos os anos.

No Brasil, o sucesso de público e o potencial turístico de experiências internacionais, em especial do sistema europeu, se tornaram referência e inspiração para o sistema nacional de trilhas de longo curso. Essas peregrinações reinventadas respondem a um contexto de pós-modernidade. Pode-se dizer que estes Caminhos estão reinterpretando ou ressignificando as peregrinações dentro de outra perspectiva, que parece substituir os conteúdos da tradição dominante do catolicismo pela reflexividade (STEIL E CARNEIRO, 2018).

O sistema brasileiro de trilhas de longo curso possui alguns caminhos já consolidados. Alguns dos principais caminhos são: o Caminho das Missões, que incursiona por 7 missões jesuíticas em território gaúcho; o Caminho da Luz, que atravessa a região montanhosa do Pico da Bandeira e que, segundo os organizadores,

tem o poder místico de reenergizar os peregrinos; e o Caminho da Fé, que é o mais disputado dentre os caminhos brasileiros e influi múltiplos percursos dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo rumo à basílica de Nossa Senhora de Aparecida. Embora seja uma rota de peregrinação tradicionalmente religiosa, atrai ainda ciclistas, viajantes e atletas dispostos a usufruir da infraestrutura da rota, para executar atividades físicas e meditativas.

Em 2018, foi assinada uma portaria entre o Ministério do Meio Ambiente e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), que instituiu a Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade, a chamada Rede Trilhas, como conector e fomentador do turismo no interior do país. O ato foi um marco no mercado de turismo de aventura e esportes ao ar livre. (ICMbio, 2018). O projeto pretendia proteger rotas pedestres de interesse natural, histórico e cultural, além de chamar a atenção do usuário para a importância do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

A Rede Trilhas é formada por grandes trilhas nacionais compostas por trilhas regionais menores, uma acabando onde começa a outra. Essa rede será composta por trilhas que ligam diferentes biomas de Norte a Sul do País, conectando paisagens e ecossistemas brasileiros para promover a organização, estruturação e ampla visibilidade à oferta turística de natureza no Brasil. (ICMbio, 2018).

Sob o modelo dos novos caminhos nacionais e internacionais, que têm em comum o fato de procurarem incorporar elementos de uma espiritualidade Nova Era numa matriz e experiência do catolicismo tradicional, (STEIL E CARNEIRO, 2018) em que a experiência de peregrinar deve ser interpretada através dos significados múltiplos a ela atribuídos, iniciou-se no estado de Goiás, por volta de 2013, o projeto de um caminho turístico que tinha o propósito de interligar povoados, fazendas e atrativos, passando por rotas antigas, num trajeto com potencial turístico para caminhantes e ciclistas. O Caminho seria trilha turística a percorrer a região do Planalto Central, entre os municípios de Corumbá de Goiás e Cidade de Goiás, perfazendo quase 300 quilômetros de estradas cavaleiras, trilhas, trieiros e até trechos de rodovia.

Na atualidade, as paisagens culturais transformam-se em objetos de políticas valorativas, conservacionistas e, também, de atrações turísticas. Dentro desse mercado, a competitividade tem incentivado os fomentadores do turismo a desenvolver marcas originais e a trabalhar na sua melhor promoção, buscando experiências diversificadas e marcantes, atendendo aos anseios de um turista que deseja participar de um processo de consumo transformador. A capacidade de

promover uma marca depende da distinção de seus produtos e das experiências geradas. Entende-se, portanto, o motivo do uso do nome de Cora Coralina - um referencial, detentor de um valor simbólico, fortemente apelativo para um empreendimento iniciante. (ALMEIDA 2020)

Cora Coralina (Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas), é uma poetisa goiana muito popular, que publicou seu primeiro livro depois dos 75 anos de idade, em meados da década de 1960. Escrevia sobre a rotina simples e poética do cotidiano das cidades de interior, principalmente sobre a paisagem urbana da histórica cidade de Goiás.

A elaboração do roteiro levou em consideração o potencial turístico da denominada Região Turística do Ouro, que compreende uma faixa central do Estado de Goiás, que se inicia a leste, no entorno do Distrito Federal, indo até o Parque Estadual da Serra Dourada a oeste, e que contou com a contribuição de um corpo de pesquisadores, em especial Bismarque Villa Real³, que coordenou a elaboração do traçado. Foram considerados os atrativos potenciais turísticos e os trajetos levantados em relatos de bandeirantes, como o diário de Cunha Menezes de 1778, de naturalistas; como Saint-Hilaire e Johann Emmanuel Pohl e relatos históricos nos séculos XVIII, XIV e XX (informação verbal).⁴ A rota preconizou pontos de relevância histórica, arquitetônica, paisagística e ambiental passando por locais de conservação ambiental como a Área de Proteção Ambiental da Serra Dourada, Parque Estadual dos Pireneus e Parque Estadual da Serra de Jaraguá, que foi rota dos Bandeirantes Paulistas nas incursões pelo interior do país.

O Caminho de Cora foi inaugurado em março de 2018 pela Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento de Goiás (SEGPLAN), após um período de implementação de 3 anos. O caminho faz parte do projeto “Rede Trilhas”, uma iniciativa conjunta do ICMbio e do Ministério do Meio Ambiente, que visa implementar trilhas de percurso longo para fomento do turismo ao ar livre e sensibilização do público quanto à importância das unidades de conservação em todo território nacional. (Goiás Turismo, estado de GO, 2020). O caminho percorre dezenas de quilômetros de cerrado e tem como objetivo divulgar a cultura, culinária, centros históricos e o mais antigo bioma brasileiro, em especial o goiano. Segundo o ICMbio, o

³ Bismarque Vila Real é engenheiro civil especializado em urbanismo, trabalhou em parceria com o historiador Paulo Bertran, é pesquisador e especialista em estradas antigas do Planalto Central. Atualmente reside em um sítio no Caminho de Cora no município de Pirenópolis e é diretor presidente da Associação do Caminho de Cora. <https://caminhodecoracoralina.com.br/> 2020.

⁴ Entrevista cedida por Bismarque Villa Real. Pirenópolis-GO, 2020.

trajeto é dividido em 13 trechos, com percursos entre 10 e 30 quilômetros, recomendados a serem percorridos em um dia de caminhada. A extensão do trecho é determinada de acordo com a disponibilidade de apoio logístico e dificuldade da trilha.



Figura 2: Linha espacial contendo distância e altimetria do Caminho de Cora Coralina, Goiás. (Goiás Turismo, estado de GO, 2020).

A ocupação da região do Caminho remonta a meados do Século XVIII, onde o reino português demarcou lotes de terras e sesmarias para criação de fazendas, de modo que a produção rural abastecesse aos mineradores das lavras. Apesar da ocupação ser antiga, pouco se tem de registro do patrimônio rural remanescente e pouco se explora o potencial turístico histórico da região.

O Caminho de Cora percorre unidades de conservação que protegem ambientes endêmicos da vegetação remanescente do Cerrado brasileiro. Assim, há necessidade de levantamento de dados que permitam tomadas de decisão para uma gestão mais eficiente dos recursos disponíveis e dos serviços prestados. Segundo DaMota (1997), em toda forma de administração a ser desenvolvida por governos, ONGs ou empresas, o gestor terá que equacionar o problema de alocar um orçamento financeiro limitado frente a inúmeras opções de gastos que visam diferentes opções de investimentos ou de consumo.



Imagem 2: Peregrinos caminhando no trecho 3 do caminho de Cora. Município de Pirenópolis. Fonte: Autor, 2019.

3.4 Pesquisa e Preservação do Cerrado

As características exclusivas que o Cerrado adquiriu, ao longo de sua história natural, fazem com que ele apresente desde uma elevada biodiversidade e endemismo até sérios problemas socioambientais. Presente preponderantemente na região central do Brasil, possui relação e divisas com diferentes bacias hidrográficas e biomas, e contempla ampla área de domínio e de transição, sendo, ao longo dos anos, insistentemente devastado. A antropização dos espaços naturais do Cerrado, está exterminando as áreas nativas, fazendo desse bioma refém do descaso científico, político e social.

As demandas crescentes de espaços agricultáveis, o intenso desmatamento e a conversão e degradação de áreas comprometem a preservação e a conservação deste bioma. Há prejuízo de toda uma cadeia de relações ecológicas, fazendo com que outros biomas estejam também seriamente comprometidos. Medidas comprometidas em aliar desenvolvimento e sustentabilidade, através de uma conduta ecocêntrica e que

vise a valorização do Cerrado, necessitam ser fomentadas, a fim de se manter vivo um dos mais ricos biomas mundiais.

Portanto, é preciso que sejam realizados levantamentos e estudos, que auxiliem a administração do recurso ambiental. Além dos valores cultural, ambiental, turístico, atribuídos ao caminho de Cora Coralina existem valores baseados no sentimento de pertencimento e memória afetiva da comunidade que habita ou vivencia as rotas na sua região.

4 CAPÍTULO II - Paisagem e Identidade Territorial: Elementos do Patrimônio Arquitetônico das Fazendas no Caminho de Cora Coralina, Estado de Goiás

4.1 Introdução

Expõem-se, neste capítulo, os referenciais teóricos sobre paisagens e os territórios identitários, com vistas à compreensão dessas categorias a partir de algumas fazendas presentes no Caminho de Cora Coralina, estado de Goiás. Essa compreensão é interessante para subsidiar a proposição de princípios e relações com a conservação do bioma Cerrado, e para contribuir com a valorização da cultura tradicional, presente no modo de vida dos moradores das fazendas. Além disso, serão apresentados conceitos inerentes às categorias paisagem, território e identidade, a serem utilizadas para interpretar a história de vida no contexto da paisagem cultural. As bases teóricas, a serem apresentadas e discutidas adiante, constituem-se em pressupostos para interpretações amparadas, o quanto possível, na realidade.

4.2 Fazendas do Caminho de Cora Coralina: Levantamento Arquitetônico e Patrimônio Cultural Construído

Ainda durante o período de extração aurífera em Goiás, as grandes distâncias e comunicação precária contribuíram para que particularidades do lugar e do momento conformassem uma arquitetura rural própria, nascida no século XVIII, e moldada por seu caráter insular. As particularidades do lugar, impressas na arquitetura, se referem aos recursos locais disponíveis aos desbravadores, e as peculiaridades do momento dizem respeito à organização social e à fusão cultural de desbravadores de diversas origens (OLIVEIRA, 2010).

No século XIX, as fazendas do centro-sul goiano sobreviveram com atividades agropecuárias e se fortaleceram fazendo trocas com os assentamentos urbanos. A utilização de mão de obra era predominantemente familiar, diferenciando-se dos grandes latifúndios dedicados à monocultura de exportação, existentes no litoral, que

utilizavam mão de obra escrava em larga escala. Distingua-se também a arquitetura rural em relação a outros pares contemporâneos; a casa de fazenda surgiu no Cerrado em meio à paisagem da qual subtraíam-se recursos para edificá-la: a possibilidade de obtenção de água para o abastecimento e funcionamento de equipamentos movidos à força da água, as pedras e o barro para os alicerces e tijolos da construção, “com as matas para o fornecimento de madeira para a construção e com solos férteis para a agricultura e bons para as pastagens, contribuía tanto para a localização desses pequenos complexos rurais quanto para formação dessa arquitetura” (OLIVEIRA, 2010). Optava-se quase sempre pelo fundo de vale.

A organização espacial dos edifícios que compõem o conjunto arquitetônico da casa da fazenda se baseia em uma divisão moradia/ trabalho, em que surgem vários anexos à moradia: a casa do monjolo, o paiol de tulhas, o paiol de milho, o galinheiro, o chiqueiro, a casa do alambique, da rapadura, e do engenho, os depósitos, as garagens, os telheiros e outros. A presente pesquisa propõe uma discussão sobre o quadro de conservação destes edifícios como forma de contribuição para o estudo da arquitetura vernacular rural. O recorte espacial compreende os municípios de Corumbá à Cidade de Goiás, passando por Pirenópolis, São Francisco e Jaraguá; e o recorte temporal compõe-se por edifícios erigidos em assentamentos rurais nos anos aproximadamente coincidentes com os da República Velha (1898-1930), tomando como referência um período essencial para a formação cultural do povo goiano e ainda pouco explorado pela historiografia oficial.

A arquitetura vernacular, ou arquitetura popular, ou mesmo arquitetura tradicional, como às vezes é mencionada, se trata de uma produção arquitetônica que não dependeu da atuação de um arquiteto; faz parte de um sistema cultural regionalizado, suscita a afeição e o orgulho dos povos, reflete a vida contemporânea e é, simultaneamente, um testemunho da História da sociedade, conforme definição da Carta do Patrimônio Vernáculo Construído, ratificada na XII Assembléia Geral ICOMOS/UNESCO (1999, p.1):

Reconhecido como uma criação característica e genuína da sociedade manifesta-se de forma aparentemente irregular, embora possua uma lógica própria. É utilitário e, ao mesmo tempo, interessante e belo. Reflete a vida contemporânea e é, simultaneamente, um testemunho da História da sociedade. Apesar de ser obra do Homem, é também uma criação do tempo. Conservar e promover estas harmonias tradicionais que

constituem uma referência da existência humana é dignificar a memória da Humanidade.

As casas de fazenda dos séculos XIX e XX do interior de Goiás podem ser consideradas arquitetura vernacular, uma vez que apresentam uma produção sem arquitetos, pautada em tradições construtivas e técnicas e materiais construtivos locais. Embora seja uma produção sabidamente importante para a cultura goiana, apresenta ainda pouco estudo e iniciativas de preservação. Os relatos históricos produzidos nesses anos também são escassos, como esclarece Garcia (2010, p.11) “Uma das observações mais frequentes sobre a historiografia goiana incide sobre a pequena presença de estudos dedicados ao século XIX. Expressões como “o século do silêncio” ou “o século da grande lacuna” passaram a ter lugar cativo nos trabalhos de análise deste período histórico. Ainda segundo Garcia, o desinteresse por esse período da história acompanha o declínio das atividades auríferas. Os estudos sobre o século XIX surgem em recortes políticos, econômicos e sociais que separadamente não formam um quadro claro da dinâmica do período. Para Oliveira “A historiografia goiana elegeu o período colonial para seus estudos e pouco enveredou pelos caminhos do século XIX, principalmente no que concerne aos espaços construídos” (2010, p.23).

O tempo de fartura de metais preciosos e promessas de riqueza não teve muito fôlego e o estado se deparou com um desafio econômico que marcou um tempo de transição e incerteza, isolamento e imposição política. Com a extração de ouro em declínio no fim do século XVIII, a província goiana iniciou um período de transição de sua matriz econômica. Sobre este período de transição, Palacín (1979) elenca o que para ele são os dois principais entraves ao desenvolvimento da agricultura no período de mineração do ouro em Goiás: os problemas culturais - os mineradores não se adaptavam ao serviço agrícola -, e a legislação fiscal, que inviabilizava o investimento na região.

Embora inexpressiva, a atividade agrícola existia concomitantemente às atividades de extração, sendo relegada a um apoio precário na geração de alimentos que pouco ou quase nada se desenvolvia. Como nos mostra o historiador Antônio Teixeira Neto (2013), no artigo “Pequena história da agropecuária goiana”, foi necessário o colapso de uma atividade para o impulso de outra; foi apenas após o total esvaziamento das minas que, não só a administração, mas também a população acordaria do seu “estado de letargia coletiva” e daria início às atividades agrícolas, pois não havia outra saída. Fora da roça e da criação de gado como formas

permanentes de atividade, Goiás dificilmente desenvolveria outra atividade econômica pujante.

Assim que percebida a viabilidade econômica das atividades agropastoris no estado, surgiram as extensas propriedades rurais, motivadas pela criação e comércio de rebanhos bovinos. Os cercados de arame ou divisas de pastos são raros, conforme observam FREITAS e SILVA (2013 p.260); o gado pasta livremente: “transporta-se a si mesmo e, vindo do sertão de dentro – aquém do Rio São Francisco - adapta-se bem aos amplos espaços do nordeste goiano”. A atividade requer poucos trabalhadores e privilegia a mão de obra livre. A província confirma, desse modo, sua vocação para as atividades rurais.

Em âmbito nacional, admite-se que, graças à expansão da pecuária e à instalação das primeiras fazendas de gado, ergueu-se uma estrutura fundamental na manutenção da dimensão continental do país, diferentemente das atividades de mineração, que, muitas vezes, levantavam e desmanchavam povoamentos, abandonando solos exauridos e partindo em busca de lavras mais ricas. A agricultura e a pecuária têm um caráter de ocupação diferente, que preza pela ocupação permanente: foram a criação de gado extensiva e as fazendas geradoras dessa atividade não só os agentes responsáveis por levar a cultura, a religião e a língua portuguesa aos extremos do território colonizado, mas também por mantê-los povoados e dominar os terrenos alcançados.

A partir do século XIX, a pecuária assumiu definitivamente seu espaço na geografia e cultura goiana. A extração aurífera, há muito substituída como matriz econômica pela atividade agrícola, fez com que os povoamentos urbanos perdessem força; coube às propriedades rurais a geração de riqueza, porém, jamais reconquistando, no século XIX, o prestígio e expectativa de riqueza que atraía a atenção de aventureiros, estrangeiros e a administração central para a província.

Essa relação social, intimamente ligada à descentralização, à ruralização e ao esvaziamento urbano, afetou permanentemente o jeito de agir e a forma de se ver o goiano. O professor de história Narls F. Chaul utilizou o termo: “estigmas do atraso”, num artigo sobre a identidade cultural do povo goiano, publicado em 2011. As características herdadas dos primeiros assentados goianos - premidos pelo isolamento, pela falta de recursos e por dificuldade de comunicação -, segundo ele, contribuíram também para que surgisse o termo “Goianice”, posto que tão marcante se mostrou esse período de considerável isolamento para a formação da identidade do povo goiano.

No que diz respeito à expressão cultural, não se pode dizer que tenha sido um período pobre; pelo contrário, as décadas da República Velha tiveram inegável força na conformação cultural e social goiana. Na música e nos festejos populares, por exemplo, citam-se bandas tradicionais, como a banda de música Phoenix e a banda 13 de Maio⁵, além dos festejos do Divino em Pirenópolis e das Cavalhadas de Corumbá. Foi também um período riquíssimo em obras literárias: algumas das obras mais importantes da literatura goiana datam da República Velha, refletindo o movimento romântico que havia na Europa, e destacando-se pelo amor à natureza, mais especificamente, ao Cerrado.

O isolamento geográfico, a dramática mudança na paisagem movida por duas estações distintas, e a solidão quase meditativa na lida com o gado moldaram e acentuaram a identidade do sertanejo goiano. Sensíveis a este ambiente social e físico, destacam-se alguns literatos inspirados em captar e expressar o espírito sertanejo do homem goiano. Considerado, por vezes, o maior escritor goiano, Hugo de Carvalho Ramos, nascido no final do século XIX, publicou os épicos contos de *Tropas e Boiadas* (1917), que foram reunidos em um dos livros mais emblemáticos da cultura goiana. Segundo o professor Luiz Roncari (2017), da Universidade de São Paulo, o livro permanece vivo ainda hoje, pela sua capacidade de mostrar “uma dada realidade cujas impressões podem ser vistas nas práticas políticas e sociais, com mudanças apenas de plataforma, mas pouco câmbio de conteúdo”. PEREIRA (2017)

O sertanejo goiano estreou na literatura nacional como um herói mítico, de protagonismo poucas vezes antes alcançado, e, pela primeira vez, uma obra literária goiana teve força de irromper o desterro cultural do centro-oeste para fazer-se admirar no litoral. Despertou interesse dos intelectuais brasileiros mais influentes, como Monteiro Lobato, e influenciou diretamente outros grandes nomes da literatura nacional, a exemplo de Guimarães Rosa - muita coisa de Hugo pôde ser vista em suas obras, “pois Rosa lia tudo, sem dúvida, e é impossível não reconhecer um aproveitamento de Rosa dos contos de Hugo de Carvalho Ramos”, diz o professor Luiz Roncari (PEREIRA, 2017).

Durante a República Velha, a força econômica e política se mantinham alicerçadas na produção rural no estado de Goiás. O desenvolvimento da economia

⁵ “Goiás tem forte tradição de grupos musicais desde o século 18, já no início das primeiras vilas. Mas a trajetória e a história destes grupos têm sido muito negligenciadas, e muitas vezes começam a ser esquecidas”, afirma o professor Marcos Botelho, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Coordenador do projeto, ele destaca que a “13 de Maio” é uma das grandes representantes desta tradição no Estado. TAVARES (2017)

agropecuária e a conseguinte concentração de renda nas mãos de grupos familiares que vinham se fortalecendo desde o período imperial resultou num modelo político oligárquico, em que os grandes proprietários de terras detinham o poder político e econômico de uma região. Os proprietários dos grandes latifúndios impunham sua força aos camponeses e, muitas vezes, se viam em conflito com o estado e com outros proprietários.

Esse fenômeno social e modelo político ficou conhecido como Coronelismo e perdurou por toda a República Velha. Perdeu força com a revolução de 1930 de Getúlio Vargas e, em escala regional, sofreu forte golpe com a mudança e modernização da capital goiana, em 1933. Segundo Campos (1983), o Coronelismo no Estado de Goiás distinguiu-se pelo isolamento, distanciamento geográfico, político, social, econômico e de comunicação entre o estado e o centro do poder nacional. A República Velha foi marcada pela força descentralizada exercida pelos grandes proprietários de terras, iniciando-se com o governo do presidente Campos Salles, em 1898, e seguindo até a posse do presidente Getúlio Vargas, em 1930.

A economia goiana enfrentava grandes desafios no escoamento da produção e na aquisição de bens de consumo e suplementos agrícolas, uma vez que os portos e as regiões mais populosas do país se encontravam a milhares de quilômetros distantes das regiões centrais, submetendo o estado a um isolamento insular, se considerado o desempenho dos meios de transporte disponíveis. Não existia recursos ou vias possíveis para a navegação fluvial eficiente; as escassas ligações com o litoral se davam por via terrestre.

As estradas oficiais eram chamadas de “estrada real” e serviam como comunicação e escoamento de mercadorias. Dentre essas estradas do período colonial, uma das mais importantes foi a Estrada Geral do Sertão, que atravessava Goiás rumo ao Mato Grosso, segundo Lins (2015, p.46) essa foi:

A mais extensa estrada colonial brasileira, cortava o Brasil de leste a oeste, da Bahia ao Mato Grosso, ligava Salvador a Bela Vista, passava pela região norte, hoje Distrito Federal, e servia de chão para bandeirantes, autoridades da Coroa Portuguesa, exploradores de minérios, mercadores de sal, fazendeiros e migrantes fugitivos da seca. São vários os nomes dados a elas ao longo do tempo: Estrada do Sal, Estrada dos Currais, Picada da Bahia, Estrada Colonial do Planalto Central.

Dentro da dinâmica econômica do estado, a Fazenda Goiana adquiriu características próprias de organização e de produção que a distinguiu dos modelos recorrentes no litoral do país, segundo Freitas e Silva (2013 p.265). Nas fazendas goianas formadas no final do século XIX e primeira metade do século XX, empregou-se preferencialmente mão de obra familiar ou de homens livres que trabalhavam como agregados⁶. Nesse contexto, percebe-se interatividade entre as fazendas e famílias próximas - a sociabilidade era necessária para realização de trocas que suprissem a carência crônica de comunicação e importação de produtos de fornecedores distantes.

É interessante notar que, assim como no tempo de extração aurífera, a moeda corrente ainda era, predominantemente, a produção local. Se antes eram comuns as transações comerciais baseadas no peso do ouro em pó, com a ausência do metal, as trocas comerciais aconteciam através de trocas de produtos agrícolas. Inclusive as relações de trabalho eram baseadas neste sistema; o dinheiro, assim como os produtos de luxo produzidos na Europa e encontrados nas cidades litorâneas pouco permeavam o interior do país, e raras vezes chegavam ao estado do Goiás.

O distanciamento em relação aos centros de poder e o desenvolvimento praticamente independente e quase autossuficiente, principalmente dos assentamentos rurais nos séculos XVIII e XIX, marcam profundamente a cultura goiana. No livro *"Fazendas Goianas"*, de Lena Castello Branco Ferreira de Freitas & Nancy Helena Ribeiro de Araújo e Silva (2013), sobre o protagonismo da habitação rural goiana do final do século XIX, as autoras concluem que a Fazenda Goiana é a "matriz da cultura goiana."

4.3 Coleta de Dados e Resultados

Para a pesquisa foram selecionadas e documentadas dez casas rurais de quatro municípios ao longo do Caminho de Cora (**Quadro 1**), construídas no período da República Velha. A documentação consistiu em visitas, levantamentos arquitetônicos e coletas fotográficas.

⁶ Leia-se mão de obra agregada ou camarada, como mão de obra livre, despossuída de meios de produção. Sujeitos que emprestavam sua mão de obra em produções agrícolas independentes em troca de salário e/ou terras agricultáveis e entregavam parte da produção. É uma relação de trabalho que se insere aos poucos com o declínio das forças produtivas escravas. (Funes, 1986, p.136)

Ressalta-se que os trechos poéticos de Cora Coralina utilizados na dissertação referem-se às menções das placas (Figuras 1 e 2) ao longo do percurso do Caminho de Cora Coralina e consulta ao livro Poemas dos becos de Goiás e estórias mais. 18. ed. São Paulo: Global, 1985.

O **Quadro 1** refere-se à coleta de dados realizada:

Município	Nome Propriedade	Coordenadas geográficas	Ano de construção:	Propriedade
Jaraguá	Fazenda Fazendinha	Lat: -15.642° / Long: -49.399°	1880~1910	P1
Jaraguá	Fazenda Córrego Grande	Lat: -15.771° / Long: -49.364°	1880~1910	P2
Jaraguá	Fazenda São Januário de Trás da Serra	Lat: -15.798° / Long: -49.359°	1890~1920	P3
Corumbá de Goiás	Fazenda Baião	Lat: -15.941° / Long: -48,856°	1890~1913	P4
Corumbá de Goiás	Fazenda Prata Campo Alegre	Lat: -15.872° / Long: -48,785°	1885	P5
Cocalzinho de Goiás	Fazenda Estreito	Lat: -15.653° / Long: -48,687°	1921	P6
Cocalzinho de Goiás	Fazenda Buriti Grande	Lat: -15.598° / Long: -48,697°	1900~1910	P7
Cidade de Goiás	Fazenda Holanda	Lat: -15.790° / Long: -50,147°	1890~1910	P8
Cidade de Goiás	Fazenda Retiro	Lat: -15.790° / Long: -50,147°	1890~1910	P9
Cidade de Goiás	Fazenda Quinta	Lat: -16.034° / Long: -50,055°	1904	P10

Quadro 1: Síntese geral da coleta de dados das Fazendas no Caminho de Cora Coralina, estado de Goiás.



Imagem 3: Placa com trecho de poesia de Cora e localização no Caminho de Cora Coralina, estado de Goiás. Fonte: Peixoto, J.C (julho, 2021)



Imagem 4: Placa com trecho de poesia de Cora e localização no Caminho de Cora Coralina, estado de Goiás. Fonte: Peixoto, J.C (julho, 2021)

As casas selecionadas, dentre as visitadas, foram as que tinham mais elementos originais e que preservaram mais de suas características arquitetônicas. Foi observado também a distribuição das casas ao longo do trajeto para que se obtivesse amostras do início, meio e fim do Caminho (mapa 02), direcionando assim, os nossos olhares para a arquitetura que se desenvolveu ao longo do Caminho, onde identificamos na composição meio ambiente natural e construído, elementos que nos permitem a construção de sentidos sobre o trabalho apresentado.

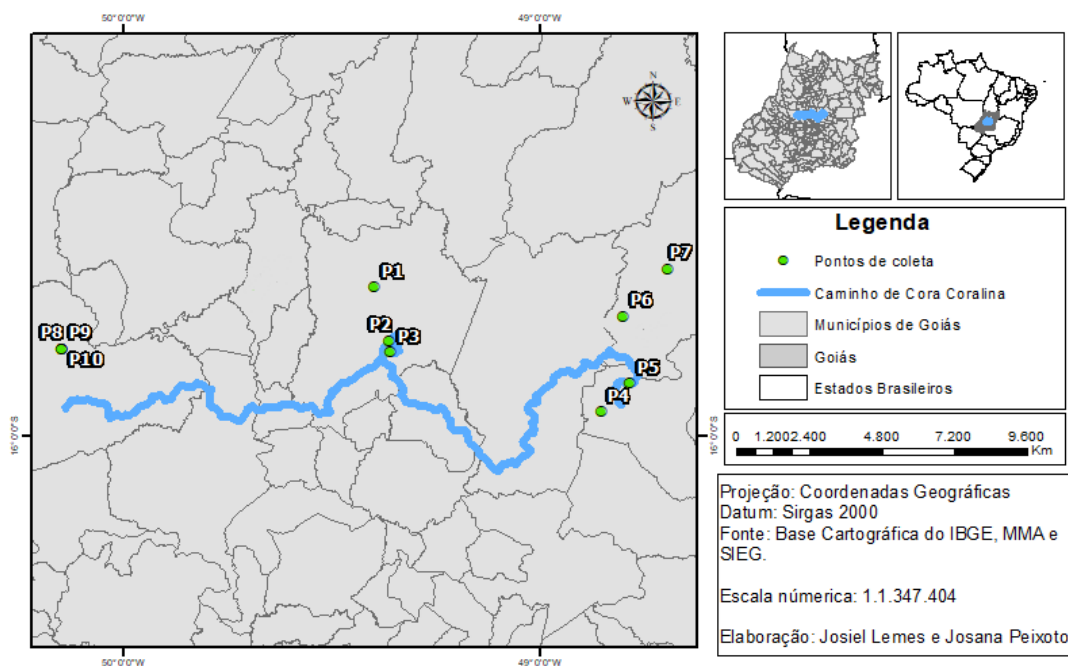
Permeada de relatos historiográficos e, é claro, considerando as imagens que nos condicionam a ver mais sobre as casas de fazenda estudadas. As estimativas da idade das casas demandou um trabalho dedutivo que utilizou mais de um tipo de fonte; e cruzamento de informações, utilizou-se de apontamentos de estudiosos ou historiadores locais, afirmação de moradores, provas físicas como datação gravada em objetos das casas, telhas, portais, ferramentas e documentações cartorárias, existindo várias formas de se estimar a idade do edifício, considerando também que o foco da pesquisa é o período histórico, não o ano em específico, admite-se que pode haver imprecisão nas datas apresentadas, mas que seguramente se assenta no período histórico proposto.

No município de Jaraguá a datação das fazendas na pesquisa foram estimadas com base em relatos e documentação oficial, e as idades foram estimadas com o

auxílio da Prof. Maria Helena de Amorim Romacheli⁷, importante historiadora da cidade e conhecedora das edificações rurais antigas da região, que solicitamente acompanhou e guiou as visitas no município.

No município de Goiás as fazendas foram datadas de acordo com o indicado pelos moradores. Em Corumbá e Cocalzinho as fazendas pertencem aos descendentes diretos dos fundadores e afirmam as datas mencionadas nas fichas com base em documentos, fotos e relatos familiares.

O levantamento das propriedades segue um modelo referencial de Fichas de Inventário: SICG (Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão) do IPHAN – Estudo de caso em patrimônio rural, que trata da preservação do patrimônio brasileiro num esforço coletivo de órgãos de preservação do patrimônio para produzir um sistema que reúna as pesquisas em uma base de dados única. Contudo, o sistema ainda não está em operação e pouco material foi apresentado sobre o tema.



Mapa 3: Mapa e legenda contendo identificação das Fazendas percorridas no Caminho de Cora Coralina, estado de Goiás.

A ficha do SICG para patrimônio rural indica a região geográfica, laudos fotográficos, o nome da propriedade, quais atividades originárias e atuais, quais edifícios remanescentes entre outras informações. A ficha de preenchimento utilizada

⁷ Autora do livro: ROMANCHELI, Maria Helena de Amorim. História de Jaraguá. Goiânia, Ed. Kelps, 1998.

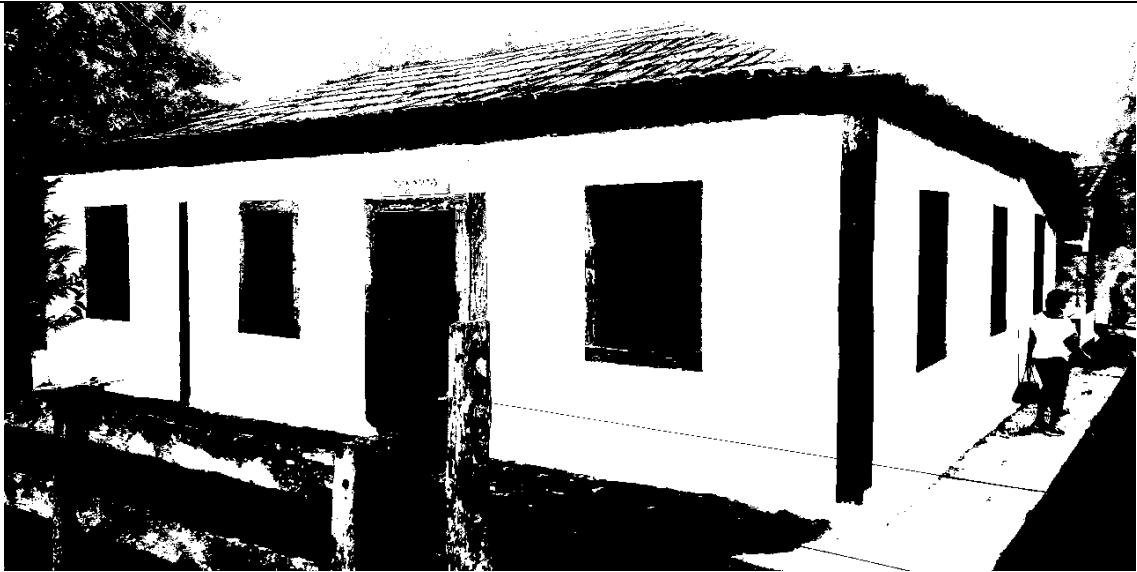
neste levantamento responde a maioria dos campos da ficha do IPHAN, com ajustes para melhor se adequar a investigação proposta no trabalho. Exemplo de ficha de Inventário: SICG (Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão) do IPHAN – Estudo de caso em patrimônio rural:

1 IDENTIFICAÇÃO							
1.1. Recorte territorial (identificação da região estudada)							
Região Sudeste							
1.2. Recorte temático (identificação do tema do estudo)							
Patrimônio Rural							
1.3. Identificação do Bem (denominação oficial, denominação popular, outras denominações)						1.4. Código Identificador iphan	
Fazenda Mato Dentro, Parque ecológico Rod. Heitor Penteado, Vila Brandina. Campinas - SP							
2. CROQUI DE IMPLANTAÇÃO				3. SELEÇÃO DE IMAGENS			
							
4. EDIFICAÇÕES NA PROPRIEDADE (listar por função, a partir da edificação principal/sede)							
	4.1. Denominação	4.2. Época da Construção	4.3. Características gerais (técnica, materiais, estado geral de conservação)				
A	Casa sede da fazenda	Imprecisa	Sistema construtivo: alvenaria de pedras, taipa de mão, taipa pilão e telha capa e canal. Apresenta bom estado de conservação.				
B.	Tulha	imprecisa	Apresenta bom estado de conservação.				
C.	Anexos						
D.							
4.4. Realizar levantamentos de algum imóvel?		sim	x	Não	Quais ?		
4.5. Realizar outros levantamentos?		sim	x	Não	Quais ?		
5. NFORMAÇÕES SOBRE A ATIVIDADE ECONOMICA							
5.1. Original	Fazenda de açúcar, café, Instituto biológico.						
5.2. Atual	Museu ambiental						
6. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES							
7. LEVANTAMENTO ARQUITETONICO EXISTENTE (copiar quantas linhas forem necessárias)							
15.1. planta (relacionar nomes)	15.2. Escala	15.3. Localização e base disponível				15.4. Data	
Planta baixa pav. térreo.	1:50	Condepacc					
Planta baixa pav. superior	1:50	Condepacc					
8. OUTROS LEVANTAMENTOS/BASE DE DADOS (copiar quantas linhas forem necessárias)							
16.1. Tipo	16.2. Quant.	16.3. Autoria, localização e base disponível				16.4. Data	
9. FONTES BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS							
Condepacc, Condephaat e Centro de Memória Unicamp.							
10. PREENCHIMENTO							
10.1. Entidade	IPHAN					10.2. Data	
10.3. Responsável	S. Santos						

Quadro 2: Módulo de Cadastro Ficha M304. Créditos: IPHAN, 2009.

As descrições em detalhamento sobre a arquitetura dos vernáculos rurais e os registros fotográficos, seguem o modelo abaixo, desenvolvido para a pesquisa em questão, levando em consideração o período de pandemia em que se desenvolve a pesquisa, a visita e levantamento do interior das casas e entrevista com habitantes não foram fixados no modelo de ficha desenvolvida

Ficha Modelo Levantamento Caminho de Cora:

MUNICÍPIO: Em qual município encontra-se a propriedade.
NÚMERO DA PROPRIEDADE: De acordo com a nomeação do mapa 03 e referencial geográfico (latitude, longitude), que possibilita a localização das casas.
 Apresenta-se foto da fachada
Nome da propriedade: Nome adotado.
Proprietário atual: Quem é o responsável legal pela propriedade.
Ano de construção: Nem sempre é possível aferir com base em documentos cartorários, mas é possível sugerir os anos aproximados com base em relatos do morador, inscrições e menções.
Atividade original: Dita quais atividades moveram a economia da fazenda nos primeiros tempos de ocupação da propriedade. Pela própria estrutura e edifícios remanescentes, vegetação e geografia da fazenda e ainda o relato dos habitantes é possível concluir a existência de determinadas atividades no passado. Atividade Atual: Dita quais atividades movem a economia da fazenda atualmente.
Edifícios de apoio (remanescente): Geralmente são casas de monjolo, paiol, telheiro de máquinas, cômodo do empregado - estruturas que foram essenciais para o desenvolvimento econômico da fazenda e que permaneceram.
Técnicas e materiais construtivos: Na maioria das vezes trata-se de um trabalho de observação da <i>firmitas</i> do edifício, em que se identifica o tipo de técnica tradicional adotada na construção. Por exemplo: O material do reboco, o tipo de telha da cobertura, etc.

Estado de conservação: Uma avaliação subjetiva e empírica, que leva em consideração a conservação observada, se o edifício está bem conservado, habitado, visivelmente danificado, condenado, em reforma, etc

Descrição geral: Uma descrição panorâmica do edifício e sítio. (Devido à situação de pandemia em que se efetuou o estudo, optou-se por não criar um quadro padrão de descrição interna e registros fotográficos do interior das edificações, uma vez que, por medidas de proteção sanitária e de isolamento social, não foi possível adentrar todas residências.)

Situação: Descreve a região do entorno da fazenda, relevo, geografia, hidrografia, proximidade de acessos, etc.

Locação: Loca a casa principal no sítio e sua posição em referência a outros elementos integrantes da paisagem.



*Sempre que se achar necessário e enriquecedor para a descrição do item, imagens do levantamento fotográfico serão incluídas.

As descrições detalhadas, sobre a arquitetura secular dos vernáculos rurais e os registros fotográficos, seguem abaixo para cada propriedade por município estudados.

4.4 Fazendas no Município de Jaraguá – GO

“Vive dentro de mim a lavadeira do Rio Vermelho.[...] Vive dentro de mim a mulher cozinheira.[...] Vive dentro de mim a mulher roceira.[...] Vive dentro de mim a mulher do povo.[...] Vive dentro de mim a mulher da vida. (CORALINA, 1985, 45-

46)

4.4.1 *Breve histórico e a paisagem de Cerrado em Jaraguá*

No início de seu povoamento, em virtude da exploração das minas de ouro, Jaraguá atraiu famílias e pessoas de várias origens - portugueses, paulistas, fluminenses, cariocas, etc. - conforme se observa ao manusear a documentação histórica escrita. Infelizmente, essas informações ainda não foram sistematizadas e não há estudo significativo sobre essa temática.

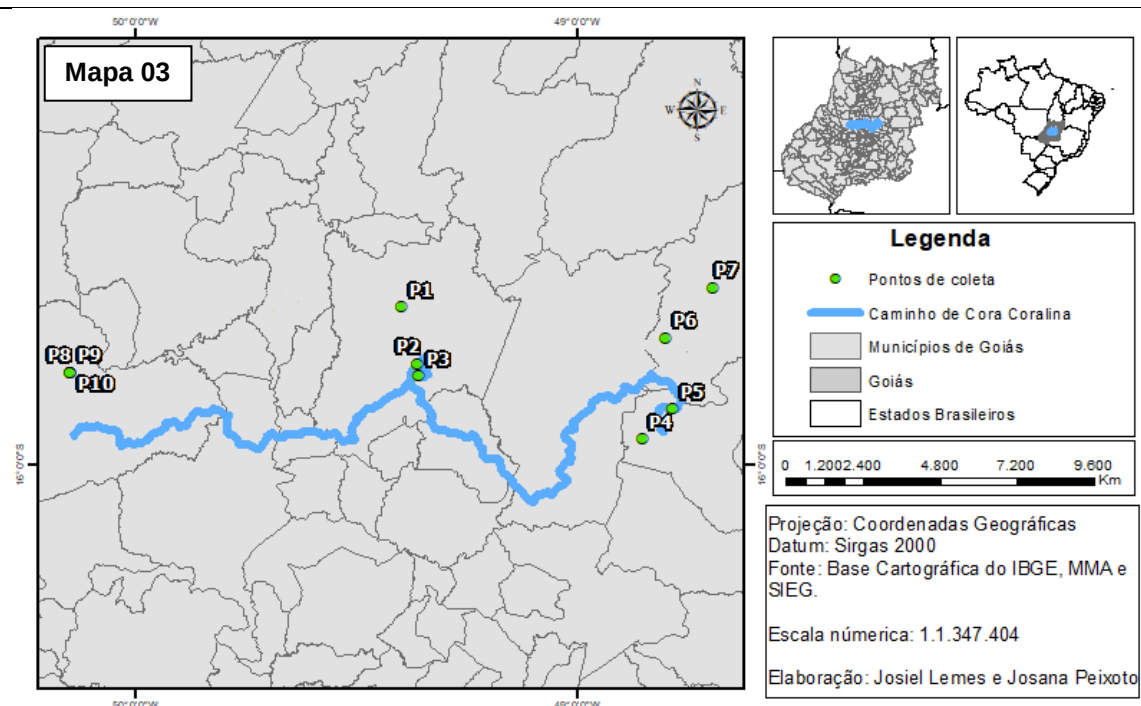
Desde o início da exploração das minas, já se praticavam as atividades agropastoris. As jazidas de ouro, em Jaraguá, não se exauriram completamente ao longo do século XVIII e início do século XIX. O famoso engenho de São Januário foi estabelecido logo no início da implantação do arraial (SOUSA, 162 Goiânia, v. 6, n. 1/2, p. 153-170, jan./dez. 2008., 1997).

Jaraguá possuía uma posição geográfica favorável: a Estrada Real passava pelo arraial, ligando o arraial de Meia Ponte a Vila Boa e passando por outros arraiais. Além de estar posicionada nas proximidades da capital, também estava próxima à estrada que se dirigia ao norte, mais precisamente ao caminho que levava às minas do Rio Maranhão, como Água Quente, Cocal, Traíras, São José do Tocantins, entre vários núcleos populacionais auríferos daquela região.

Boa parte da paisagem do município de Jaraguá é contornado pela serra de mesmo nome, apresentando diferentes altitudes, o que resulta em variação geomorfológica local e diferentes tipos de solos em curtas distâncias. Nas áreas de baixadas, sujeitas à acumulação de água das chuvas e deposição de sedimentos, formam-se camadas contínuas, forma-se o Campo Limpo e Campo Sujo. Nas áreas mais acidentadas e com afloramentos rochosos se desenvolvem as fitofisionomias de Campo Rupestre e Cerrado Rupestre. Nas encostas que circundam a Serra, ocorrem Florestas Estacionais Semidecíduais, enquanto as Matas de Galeria e Veredas estão associadas aos cursos d'água em fundo de vales, margeando os canais de drenagens e áreas de nascentes, respectivamente. (Abreu, T. A. L., Pinto, J. R. R., Lenza, E., Mews, H. A., & Rodrigues dos Santos, T. R., 2014)

4.4.2 Propriedade 01

Município: Jaraguá.



Número da propriedade: P01, conforme Mapa 3 (Lat: -15.642° long: -49.399°).



Imagem 5: Casa de fazenda, fachada principal. Fonte: acervo do autor 2020.

Nome da propriedade: Fazenda Fazendinha.
Proprietário atual: Manuel Gomes Pereira da Silva.
Ano de construção: 1880 ~ 1910.
Atividade original: Roça (Mandioca, feijão, milho, cana, café) e criação de gado. Atividade Atual: Criação de gado, arrendamento para cultivo de abacaxi.
Edifícios de apoio (remanescente): Casa de monjolo, paiol, telheiro de maquinas, cômodo do funcionário.
Técnicas e materiais construtivos: Vedação de alvenaria adobe e pau-a-pique, estrutura de esteios de aroeira, reboco de argamassa de cal e areia, cobertura de telha cerâmica tipo capa e bica, estrutura de assentamento das telhas em madeira (reformado), sem forro, esquadria de folhas de madeira em régua sem vidro, pavimento interno em piso cerâmico (reformado), piso externo em lajeados de pedra.
Estado de conservação: Edifício bem conservado, habitado, visivelmente sofreu reformas, ampliação e algumas intervenções.
Descrição geral: Edifício simples, segue o mesmo modelo de ocupação do terreno de outros modelos observados no município, assim como mesma conformação plástica, funcionalidade, aplicação de técnicas e materiais. A fachada virada para o sudeste aponta para a cidade de Jaraguá, como era comum de se adotar à época da construção. Apresenta assimetria, o que não era muito apreciado nas construções do tipo, mas pode ser resultado de um acréscimo posterior ao volume original.

Imagem 6: Acesso à casa de fazenda. Fonte: acervo do autor 2020.

Situação: A região do entorno da Fazendinha é uma área de criação extensiva de gado e lavoura de abacaxi. Sítio instalado em região plana, sem interferência alguma de colina ou vale, instalado a 400m do rio das Almas, prefere, como era a regra nas edificações desse tipo, cavar manualmente um rêgo d'água de um afluente ou nascente perene próxima ainda que mais distante que o rio. Essas fontes de abastecimento eram mais puras, sofriam menos variação de volume e não enlameavam durante o período chuvoso. O rêgo d'água abastece a cozinha da casa, depois segue para o monjolo, onde cria-se uma queda para se mover a peça e de lá segue para o chiqueiro, onde é fonte de hidratação dos animais e realiza a limpeza constante das baias arrastando a sujeira com a água corrente e termina seu trajeto útil em dois tanques de criação de peixes.

Localção: A casa principal fica às margens da estrada de acesso em um remanescente de mata, arvoredos mantidos e algumas árvores de grande porte; mangueiras e jaqueiras antigas fornecem sombra e quebra vento. O estábulo do gado apesar de parecer já ter sido instalado ao redor da casa principal agora apresenta dois currais de apartação e um galpão de manejo sem contato direto com a casa. Alguns edifícios e estruturas antigas permanecem originais e em funcionamento como o monjolo, o rêgo d'água o paiol, depósito e chiqueiro, a casa dos caseiros é um edifício novo afastado 100m da sede.



Imagem 7: Localização da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>

4.4.2.1 Outros detalhes do estabelecimento



Imagem 8: Casa do monjolo. Fonte: acervo do autor 2020.

- Monjolo e rego em funcionamento. Foi criada uma área de lazer em extensão ao edifício recentemente. O edifício é utilizado como casa de veraneio, pois os proprietários se fixaram na cidade.
- Cômodo do monjolo sem reboco expõe o material construtivo em alvenaria de adobe.
- Fachada assimétrica com extensão de varanda que realiza função de garagem, intervenção que pelo uso deduz-se não pertencer ao modelo original.



Imagem 9: Casa de fazenda, fachada principal. Fonte: acervo do autor 2020.

- Madeiramento e mourão antigo sugerem a locação original da curralama em frente ou ao redor da casa sede.
- Esquadrias em folha de régua de madeira são extremamente simples, não apresentam nenhum tipo de adorno ou requinte no trabalho de carpintaria. Pavimentação externa em lajeado de pedra conserva o padrão construtivo original.

4.4.3 Propriedade 02

Município: Jaraguá.

Número da propriedade: P02, conforme Mapa 03 (Lat: -15.771° long: -49.364°).

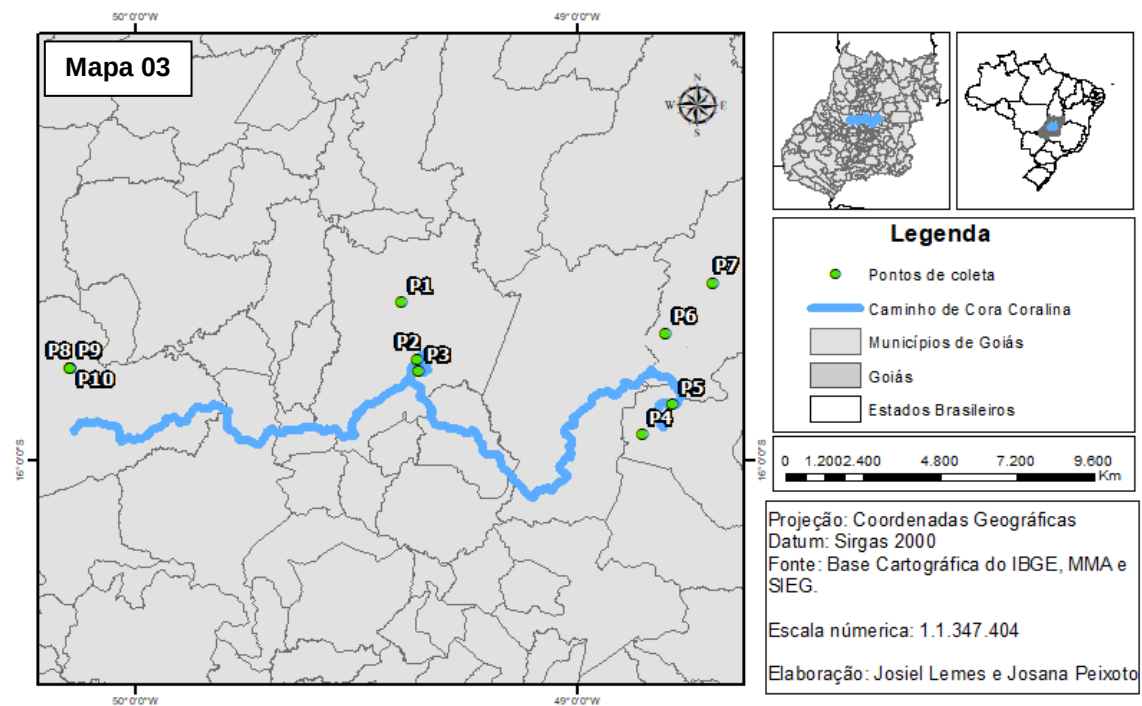




Imagem 10: Casa de fazenda, fachada principal. Fonte: acervo do autor 2020.

Nome da propriedade: Fazenda Córrego Grande.

Proprietário atual: Jaime M. Santos.

Ano de construção: 1880 ~ 1910.

Atividade original: Roça (Mandioca, feijão, milho, cana, café) e criação de gado.

Atividade Atual: Criação de gado, viveiro, cultivo de cereais.

Edifícios de apoio (remanescente): Paiol, depósito, estábulo, curral.

Técnicas e materiais construtivos: Vedação de alvenaria adobe e pau-a-pique, estrutura de esteios de aroeira, reboco de argamassa de cal e areia, cobertura de telha cerâmica tipo capa e bica, estrutura de assentamento das telhas em madeira, sem forro, esquadria de folhas de madeira em régua sem vidro, pavimento interno em chão batido, piso externo em lajeados de pedra.

Estado de conservação: Edifício em franca deterioração, desabitado, sofreu ampliação e algumas intervenções.

Descrição geral: Edifício simples, segue o mesmo modelo construtivo de outros exemplares observados na região, assim como mesma conformação plástica, funcionalidade, aplicação de técnicas e materiais. A fachada virada para nordeste aponta para a cidade de Jaraguá como era comum de se adotar à época. Apresenta assimetria, provavelmente fruto de uma reforma em que não se levou em consideração as dimensões das esquadrias originais, que é indicativo de abandono ou precarização de

longa data.

Situação: A edificação se assenta sobre terreno irregular criando dois níveis internos. A fachada do edifício faz parte do fechamento do curral de apartação.



Imagem 11: Casa de fazenda, fachada lateral e estábulo. Fonte: acervo do autor

Locação: A casa principal fica às margens da estrada de acesso com uma grande reserva de cerrado nativo e lavoura de cereais. Arvoredos mantidos e algumas árvores de grande porte plantadas, bambuzal, mangueiras e jaqueiras antigas fornecem sombra e quebra vento. O rêgo d'água que por via de regra abastecia a propriedade não existe mais, foi desativado ou desviado. Uma nova sede, moderna e mais ampla abriga os proprietários a poucos metros da sede original.



Imagem 12: Localização da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>

4.4.3.1 Outros detalhes do estabelecimento

- O estábulo do gado apresenta um galpão de ordenha e manejo em contato direto com a casa, alguns edifícios e estruturas antigas originais se encontram ao redor da edificação, abandonadas ao tempo.



Imagem 13: Curral anexo a casa. Fonte: acervo do autor 2020.

- A parte posterior do edifício apresenta uma varanda em telha de fibrocimento, visivelmente uma intervenção posterior à construção da porção principal, com esquadria de vidro basculante e torneiras indicando uma ocupação contínua e adaptativa da habitação por um período considerável. A queda do reboco na parede do edifício original revela uma alvenaria de tijolo cru e argamassa de barro na porção original e tijolo furado (industrializado) na ampliação.



Imagem 14: Casa de fazenda, vista dos fundos. Fonte: acervo do autor 2020.

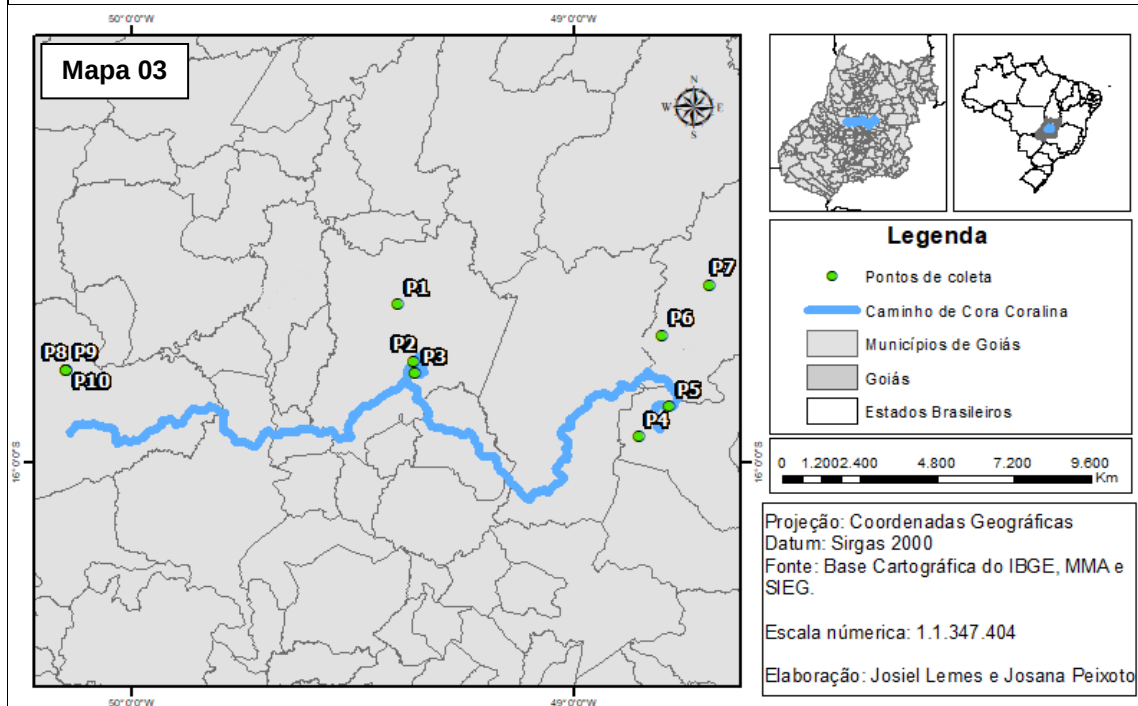
- As esquadrias em folha de régua de madeira são extremamente simples, não apresentam nenhum tipo de adorno ou requinte no trabalho de carpintaria, tão pouco maçaneta ou puxadores metálicos ou de madeira. A verga que serve de guarnição da porta se inclina no que parece ter sido um deslocamento da base do portal ou mais provavelmente que o batente tenha sido substituído por uma peça menor que a original, o que indicaria um problema de conservação já antigo. O encaixe entre a perna da tesoura da cobertura e o frechal da fachada também indicam um trabalho de reforma antigo e executado sem muito cuidado com a preservação do estado original da casa.



Imagem 15: Detalhe das esquadrias da Casa de fazenda, vista frontal. Fonte: acervo do autor 2020.

4.4.4 Propriedade 03

Município: Jaraguá.



Número da propriedade: P03, conforme Mapa 03 (Lat: -15.798° long: -49.359°).



Imagem 16: Casa de fazenda, vista dos fundos. Fonte: acervo do auto 2020.

Nome da propriedade: Fazenda São Januário de Trás da Serra.

Proprietário atual: Otacílio Machado.
Ano de construção: 1890 ~ 1920.
Atividade original: Roça (Mandioca, feijão, milho, cana, café) e criação de porcos e gado. Atividade Atual: Aluguel de pasto.
Edifícios de apoio (remanescente): Paiol, telheiro, depósito.
Técnicas e materiais construtivos: Vedação de alvenaria adobe e pau-a-pique, estrutura de esteios de aroeira, reboco de argamassa de cal e areia, cobertura de telha cerâmica tipo capa e bica, estrutura de assentamento das telhas em madeira (reformado), sem forro, esquadria de folhas de madeira em régua sem vidro, pavimento interno em cimento queimado (reformado), piso externo em lajeados de pedra.
Estado de conservação: Edifício bem conservado, parcialmente habitado, visivelmente sofreu reformas, ampliação e algumas intervenções.
Descrição geral: Edifício simples, segue o mesmo modelo de ocupação do terreno e conformação construtiva de outros modelos observados no município; fachada simétrica com porta de acesso principal ao centro e uma janela de cada lado; Cobertura em duas águas e divisão interna em meia parede; a aplicação de técnicas e materiais construtivos acompanham os observados em outros exemplares da região. A fachada virada para leste quase aponta para a cidade de Jaraguá levemente situada mais ao norte. Apresenta simetria, que era recorrente nas construções do tipo, aparentemente fiel ao volume original.
Situação: A casa principal fica as margens da estrada de acesso e uma grande reserva de Cerrado nativo e pastagens.
Localização: Edificação se assenta em uma baixada, uma parte plana entre dois planos inclinados do terreno. Arvoredos mantidos e algumas árvores de grande porte plantadas; bambuzal, mangueiras, gameleiras e jaqueiras antigas fornecem sombra e quebra vento.



Imagem 17: Locação da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte:

4.4.4.1 Outros detalhes do estabelecimento

- Existe ainda no local dois edifícios antigos destinados a depósito e paiol anexos à um curral pouco operacional, evidenciando que a fazenda não maneja rebanho de gado há algum tempo.



Imagem 18: Edifícios de apoio. Fonte: acervo do autor 2020.

- O rêgo d'água que por via de regra abastece as propriedades rurais anteriores ao advento das instalações de energia elétrica no séc. XX é ainda a principal fonte de

abastecimento de água na cozinha do edifício. A casa fica em um leve declive no terreno o que ajuda na canalização da água em bicas de aroeira (original) e encanamento improvisado, para se ajustar em altura mais confortável ao tanque da cozinha. A mesma bica, mais adiante ainda serve para lavagem de roupas e banho.



Imagem 19: Rego d'água canalizado sobre bica de aroeira. Fonte: acervo do autor 2020.

- A cozinha externa, com possui os tanques e o fogão a lenha, e os banheiros da casa são apêndices erguidos em tempos mais modernos.



Imagem 20: Vista dos fundos da casa principal. Fonte: acervo do autor 2020.

- A lateral da casa sede se estende por mais metros que a fachada principal, apresenta uma grande água de inclinação variada, que pode ter sido desenvolvida em alguma ampliação antiga do edifício original. A casa é ladeada por um pavimento de lajeado.



Imagem 21: Vista lateral da sede. Fonte: acervo do autor 2020.

- Quanto à vista interna da casa: a cobertura foi reformada; quartos apresentam meia parede; portas não são originais: apresenta instalação elétrica e hidráulica incompleta; e piso em cimento queimado vermelho. O edifício foi reformado, mas não foi completamente habitado. Na parte exterior da casa, uma cerca fechada de lascas de aroeira, sob pés de mangueira e jenipapo, limita um quintal e indicam que existiu uma larga de porcos no local.



Imagem 22: Detalhe do fechamento interno da casa em meia parede (esq) e cercado do quintal em lasca de aroeira em pé (dir). Fonte: acervo do autor 2020.

- Há esquadrias em folha de régua de madeira que, aparentemente, já foram substituídas; e não apresentam nenhum tipo de adorno ou requinte no trabalho de carpintaria. Uma meia porta mantinha os cachorros fora da sala quando a porta principal se mantinha aberta. Sob o azul das janelas, os respingos amarelos da cal tingida das paredes, ainda vivos, indicam uma reforma recente.



Imagem 23: Detalhe da porta e janela em madeira. Fachada frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.

4.5 Fazendas no Município de Corumbá – GO

“Beco da minha terra... Amo tua paisagem triste, ausente e suja. [...] Amo a prantina silenciosa de teu fio d’água [...] Amo esses burros-de-lenha que passam pelos becos antigos. [...] Amo e canto com ternura todo o errado de minha terra. (CORALINA, 1985, p.103-104)

4.5.1 *Breve histórico e paisagem do Cerrado em Corumbá de Goiás*

Em 1726, na expedição de Bartholomeu Bueno da Silva (o Anhanguera filho), os bandeirantes descobriram minas na região próxima ao rio Corumbá, e em 1731 surgia a povoação de Corumbá de Goiás como polo de mineração. O povoado cresceu entre o rio e a capela, com habitantes de origem paulista e portuguesa vindos com as bandeiras, em busca de pedras preciosas, que construíram suas moradias às margens do rio. No século XIX, a povoação foi elevada à condição de vila e em 1902, tornou-se município. Com as crises mundiais decorrentes da 1ª Guerra Mundial (1914 – 1918), Corumbá entrou em um processo de estagnação econômica que, ao mesmo tempo, protegeu seu acervo arquitetônico e urbanístico ao poupá-la dos processos de urbanização intensos sofridos pelas cidades brasileiras após a década de 1950. (IPHAN, c2014)

Corumbá se destaca por possuir grande volume de águas que cria inúmeras cachoeiras, incluindo o Salto de Corumbá, uma das maiores da região do ouro. O município está separado de Cocalzinho e Pirenópolis pela Serra do Pirineus. Com altitude média próxima dos 1000m tem um clima ameno em comparação a outras cidades próximas, além de possuir vegetação de cerrado de altitude e relevo bastante acidentado. Oliveira, G.R., Macedo, M.R, Vianna, P.J.B. (2015)

4.5.2 Propriedade 04

Município: Corumbá.

Número da propriedade: P04, conforme Mapa 03 (Lat: -15,941° long: -48,856°).

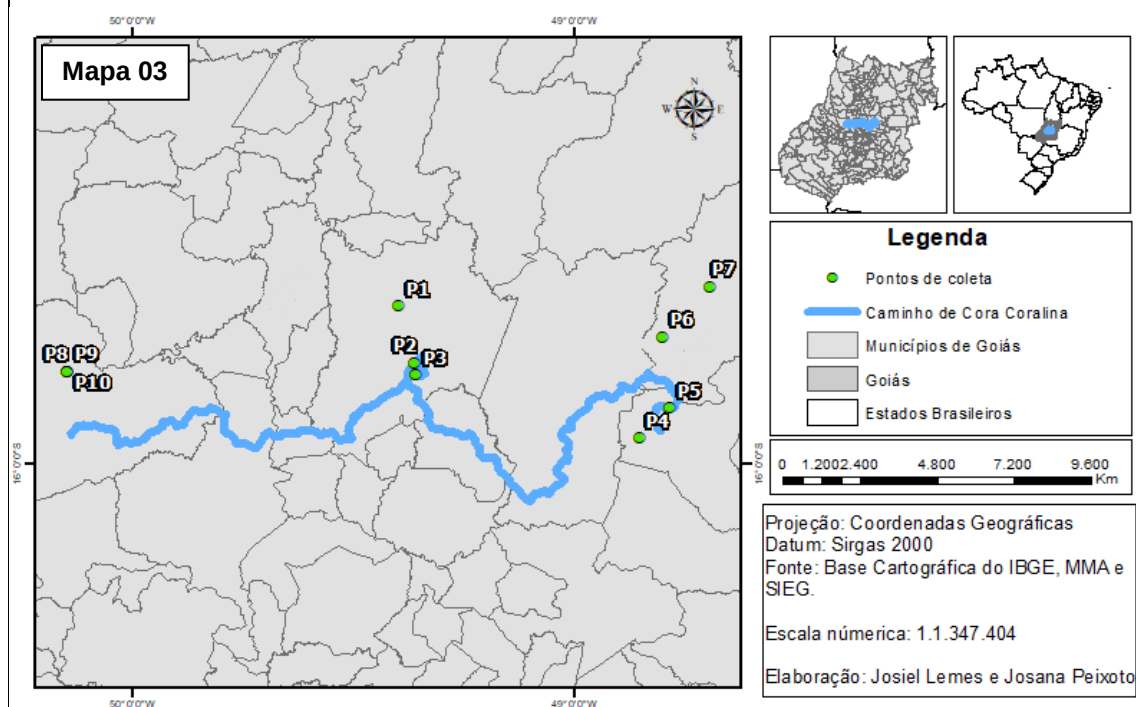


Imagem 24: Vista frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.

Nome da propriedade: Fazenda Baião.

Proprietário atual: Felix Afonso Fleury Curado.

Ano de construção: 1890.
Atividade original: Roça (Mandioca, feijão, milho, cana, café) e criação de porcos e gado além de um cômodo interno que servia como loja para comercialização de produtos variados, produzidos na fazenda ou não. Atividade Atual: Lavoura irrigada, cultivo de soja, milho e tomate.
Edifícios de apoio (remanescente): Paiol, telheiro, depósito, casa de máquinas.
Técnicas e materiais construtivos: Vedação de alvenaria adobe e pau-a-pique, estrutura de sustentação autônoma de esteios de aroeira, reboco de argamassa de cal e areia, cobertura de telha cerâmica tipo canal, assentada em forma de capa e bica, de quatro águas, estrutura de assentamento das telhas sem tesoura, com cumeeira, caibros, ripas, terças, pernas e beirais em madeira, sendo que a cumeeira é uma peça de aroeira de seção quadrada e as outras peças contendo madeiras roliças e menos nobres como canela e fulô-roxa. Como em todos exemplares pesquisados o forro inexistente. Esquadria de folhas de madeira em régua sem vidro. Pavimento interno em assoalho de madeira, piso externo em lajeados de pedra.
Estado de conservação: Edifício bem conservado, parcialmente habitado, sofreu reformas discretas, conserva muito da conformação original.
Descrição geral: Edifício imponente, pé direito alto e aparência sólida, segue o mesmo modelo de ocupação do terreno e conformação construtiva de outros modelos observados na região. A fachada sofreu alterações com o tempo, fazendo com que a porta de acesso principal aparecesse descentralizada, há indícios de uma segunda porta ao centro da fachada que conferiria a simetria. Cobertura em quatro águas e divisão interna em meia parede, quartos intercomunicantes. A fachada virada para oeste aponta para a cidade de Pirenópolis e dá as costas para Corumbá, o que leva a alguma especulação já que as sedes de fazenda assumiam uma orientação solar influenciada pela direção da cidade a que pertenciam. A entrada principal ocupa a porção mais elevada do terreno criando um nível único interno que é descontado na adoção de degraus na parte dos fundos para o acesso secundário a casa.
Situação: A casa principal fica às margens da estrada de acesso e próximo ao ribeirão que lhe empresta o nome. Árvores de grande porte fornecem sombra e quebra vento. Um pomar antigo aos fundos com bananeiras, limoeiro, goiabeiras, jabuticabeiras e outras árvores frutíferas.

Locação: A paisagem foi recentemente modificada de forma radical. Parte dos pastos próximos a sede se tornaram pavimento asfáltico para manobra de veículos pesados, grandes estruturas, silos e galpões de armazenamento surgiram na última década mudando a escala da paisagem e tornando o casarão antigo em um edifício de menor relevância no *skyline*.⁸



Imagem 25: Locação da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>

4.5.2.1 Outros detalhes do estabelecimento

- Uma alameda de palmeiras nativas plantadas em linha sinaliza as margens da antiga estrada de acesso. Um curral de pedra, parcialmente lajeado, ao estilo produzido pelos escravos na região se ergue a mais de 1,80m do chão formando dois grandes currais de apartação na frente da casa, usando a fachada principal como fechamento de um de seus lados, outro curral mais novo e funcional surge a sudeste da casa. Edifícios novos e instalações modernas se instalaram no perímetro próximo a sede.

⁸ Skyline, termo muito usado na arquitetura, é a linha que se desenha no horizonte entre os edifícios da cidade, estruturas, florestas ou montanhas e o céu.



Imagem 26: Vista lateral da sede, detalhe do curral de pedra e silos ao fundo. Fonte: acervo do autor 2020.

- A casa é composta por dois volumes, um principal e outro mais novo aos fundos que abriga a cozinha e área de serviço. Os fundos da casa não apresentam a mesma imponência da fachada principal. O pé-direito é baixo e as janelas são menores e mais rústicas.



Imagem 27: Vista dos fundos da sede. Fonte: acervo do autor 2020.

- Esquadria em madeira, aparência sólida, porta alta e janelas largas, trabalho de pedreiros e carpintaria harmonioso, as janelas e portas apresentam um detalhe na verga superior, esse detalhe vai se repetir exclusivamente nos exemplares desta região.

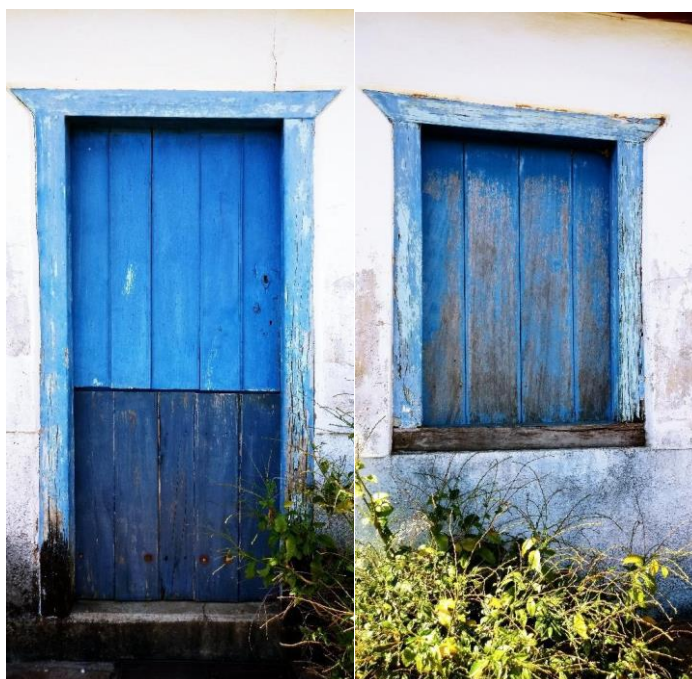


Imagem 28: Detalhe da porta e janelas da fachada frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.

4.5.3 Propriedade 05

Município: Corumbá.

Número da propriedade: P05, conforme Mapa 03 (Lat: -15,872° long: -48,785°).

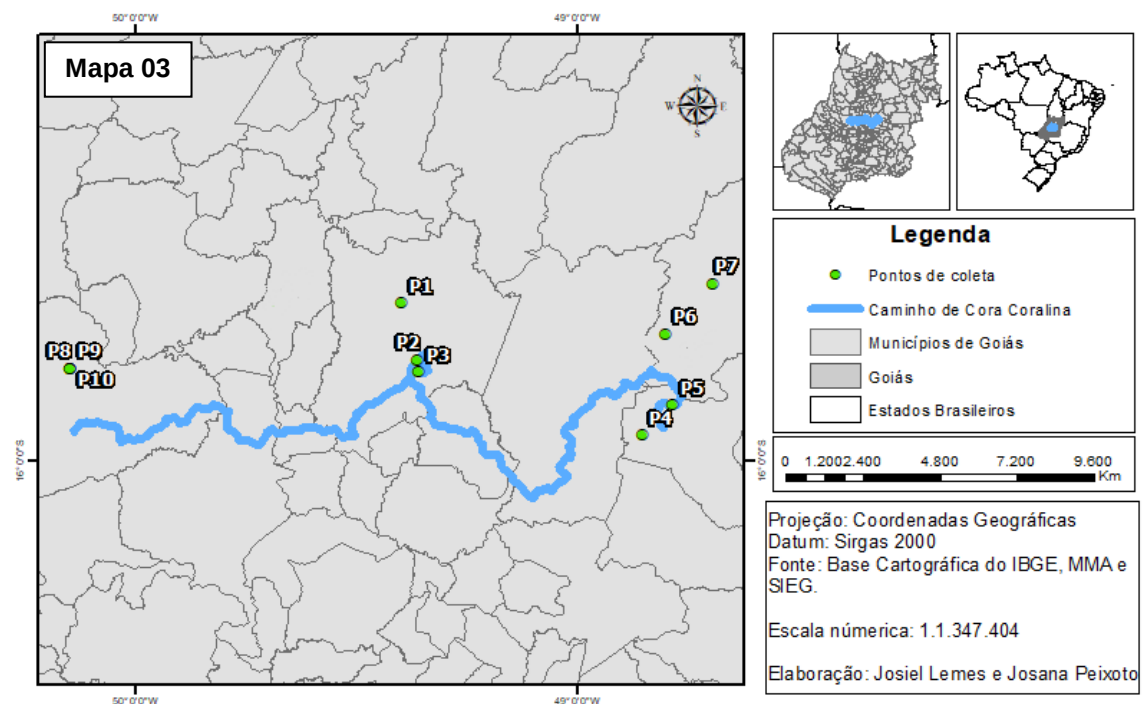
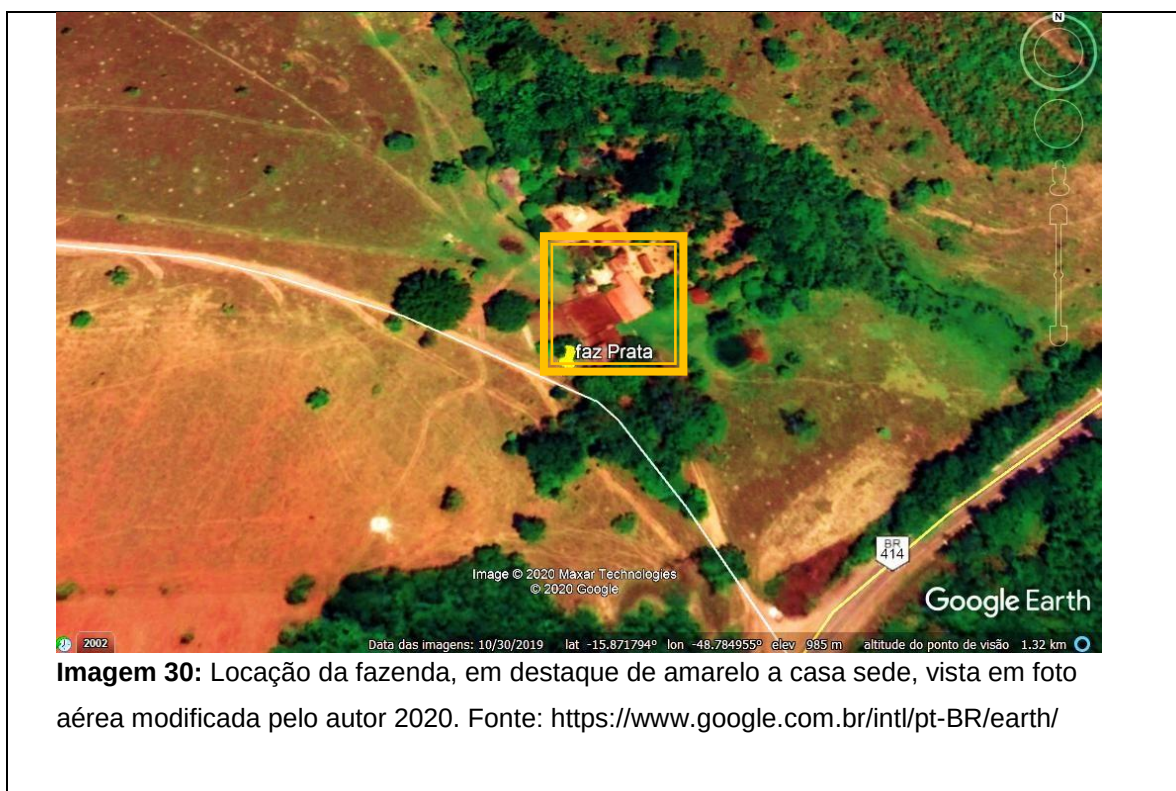


Imagem 29: Vista frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.

Nome da propriedade: Fazenda Prata Campo Alegre.

Proprietário atual: Maria Francisca Soares.
Ano de construção: 1885.
Atividade original: Produção de pinga e açúcar, roça (Mandioca, feijão, milho, cana, café), loja em cômodo interno para comercialização de produtos da fazenda e criação de porcos e gado. Atividade Atual: Criação de gado, produção de pinga, rapadura e laticínios para comercialização e roça de café, feijão, catulé, cana, abóbora e maracujá, e criação de porcos e galinha para consumo.
Edifícios de apoio (remanescente): Engenho, Paiol, telheiro, depósito, casa de máquinas.
Técnicas e materiais construtivos: Vedação de alvenaria adobe e pau-a-pique, estrutura de esteios de aroeira, reboco de argamassa de cal e areia, cobertura de telha cerâmica tipo capa e bica, de duas águas, estrutura de assentamento das telhas em madeira, sem forro, esquadria de folhas de madeira em régua sem vidro, pavimento interno em assoalho de madeira, piso externo em lajeados de pedra.
Estado de conservação: Edifício bem conservado, habitado, sofreu reformas discretas, conserva muito da conformação original.
Descrição geral: Edifício muito bem conservado, pé direito alto e aparência sólida, segue o mesmo modelo de ocupação do terreno e conformação construtiva de outros modelos observados na região. Possui porta de acesso principal descentralizada. Cobertura em duas águas e divisão interna em meia parede, quartos intercomunicantes e divisão de setores internos feito em níveis.
Situação: A casa principal fica às margens da estrada federal BR-414, a apenas 200m do Rio Corumbá. A sede se assenta em uma pequena elevação entre dois pequenos bosques de árvores frutíferas de grande porte, mangueiras e jaqueiras antigas.
Localização: As terras ao entrono do sítio acomodam o açude, um pomar amplo e sortido e pequenas roças de milho, maracujá e cana de açúcar. Um riacho de água abundante e com margens bem arborizadas circunda os fundos do pomar. O rêgo d'água que por via de regra abastecia as propriedades desse período vem serpenteando terreno abaixo por uma vala cavada a mão por 200m de um ponto represado do riacho até a cozinha da sede.



4.5.3.1 Outros detalhes do estabelecimento

- O curral que cerca a frente da casa, apresenta ainda trechos de pedra ao estilo produzido pelos escravos, alternado com alvenaria e madeira. A fachada⁹ virada para sudoeste, aponta para a cidade de Corumbá.

⁹ Durante as visitas, em conversas informais com os moradores, alguns justificaram a orientação geográfica da habitação com base em uma tradição que diz que as sedes de fazenda tinham as fachadas voltadas preferencialmente para a paróquia que o fundador da casa frequentava, ou seja, quase sempre para o centro do município ao qual a fazenda pertencia. Apesar de ser uma observação que se confirma em alguns levantamentos do trabalho não obtivemos dados ou documentos que confirmassem esta hipótese.



Imagem 31: Vista do curral para a sede. Fonte: acervo do autor 2020.

- A fachada lateral da casa é a primeira a ser vista de quem acessa pela estrada. Bem visível a divisão do volume em níveis acompanhando o caimento do terreno e a estrutura de madeira, esteios e baldrames de aroeira que sustentam a casa.



Imagem 32: Vista lateral da sede, sentido do acesso. Fonte: acervo do autor 2020.

- A propriedade possui boa parte dos edifícios de apoio originais devido a perpetuação das atividades econômicas originais. Cômodo da pinga, onde a aguardente é deixada para curtir e uma roda manual de ralar mandioca que ainda é utilizada na feitura de farinha e polvilho. O telhado original teve as telhas e o madeiramento substituído por peças novas, na imagem, uma telha de cumeeira original conservada pelos proprietários onde é possível se ler a inscrição “1885”.



Imagem 33: Edifício de apoio em tijolo de adobe (esq) roda manual de ralar mandioca (centro) e telha de cumeeira com datação inscrita de 1885 (dir). Fonte: acervo do autor 2020.

- O rego d'água canalizado abastece a cozinha e move o monjolo, segue ainda para o moinho e para o chiqueiro.



Imagem 34: Manjolo e rego d'água. Fonte: acervo do autor 2020.

- Paiol multifuncional onde se faz a estocagem de suprimentos e a moagem da cana. Esse tipo de fechamento em madeira parece trabalhoso demais para os materiais de carpintaria e a madeira da região, provavelmente não faz parte do modelo original.



Imagem 35: Vista do edifício de apoio, paiol. Fonte: acervo do autor 2020.

- Parte posterior do paiol, onde se armazena aboboras para os porcos, lenha e outros suprimentos. Edifício em estrutura de madeira, alicerce de pedra, vedação em alvenaria de adobe e cobertura em quatro águas de telhas francesas.



Imagem 36: Acesso inferior do paiol. Fonte: acervo do autor 2020.

- Moinho de pedra conservado e completamente operacional ainda é utilizado para feitura de farinha e farelo de milho.



Imagem 37: Moinho de pedra movido a água. Fonte: acervo do autor 2020.

- Esquadria em madeira, aparência sólida, janelas largas, uma janela, aparentemente instalada em um período posterior a construção da casa apresenta um detalhe na verga superior, detalhe que se repete em outros exemplares da região como uma tímida demonstração de estilo.



Imagem 38: Detalhe das aberturas da casa sede. Vista frontal e lateral. Fonte: acervo do autor 2020.

4.6 Fazendas no Município de Cocalzinho – GO

“Vive dentro de mim a lavadeira do Rio Vermelho.[...] Vive dentro de mim a mulher cozinheira.[...] Vive dentro de mim a mulher roceira.[...] Vive dentro de mim a mulher do povo.[...] Vive dentro de mim a mulher da vida. (CORALINA, 1985, 45)

4.6.1 *Breve histórico e a paisagem de Cerrado em Cocalzinho de Goiás*

O Loteamento Cidade dos Pireneus foi elevado à categoria de município e distrito com a denominação de Cocalzinho de Goiás, em 1990, data em que foi desmembrado de Corumbá de Goiás. A origem do povoamento de Cocalzinho de Goiás se dá por volta de 1960 com o surgimento da Fábrica de Cimento do Grupo Votorantim em terras cedidas pela família Curado Fleury. Em seguida foi aprovado o loteamento Cidade dos Pireneus, como início da sua urbanização propriamente dita. (Cocalzinho de Goiás-GO. Prefeitura. 2017)

O Município possui geografia típica do bioma Cerrado, com veredas de buritis e vegetação de Cerrado de altitude. A paisagem natural expõe as diversas nascentes e

cachoeiras destacando-se como o "berço das águas" e atuando com divisor de águas para duas importantes bacias hidrográficas continentais: Bacia do Prata e Bacia do Tocantins. De baixa densidade populacional e próximo ao Distrito Federal, o município possui potencial para produção mineral, representado hoje principalmente pela extração de calcário e agropecuária, mas também existe grande potencial para o setor de turismo, mais recentemente o turismo de aventuras, o município possui cachoeiras e é bastante frequentado por escaladores no Parque Estadual do Pirineus. Oliveira, G.R., Macedo, M.R, Vianna, P.J.B. (2015).

4.6.2 Propriedade 06

Município: Cocalzinho.

Número da propriedade: P06, conforme Mapa 03 (Lat: -15.653° long: -48,687°).

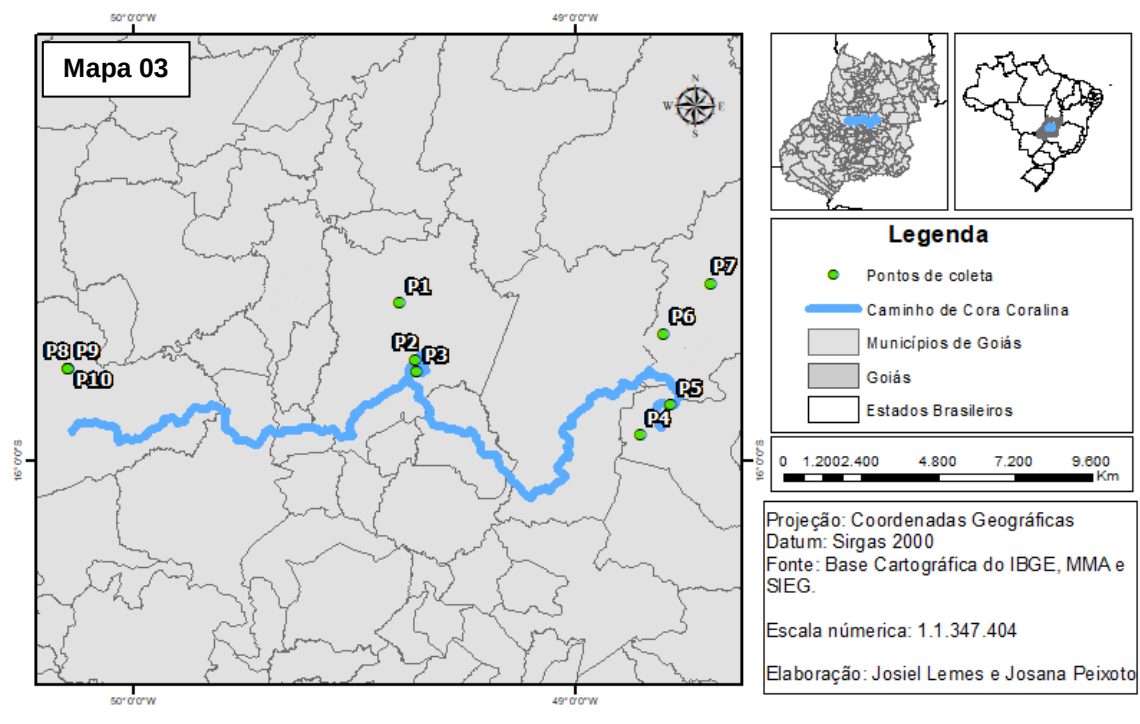




Imagem 39: Vista frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.

Nome da propriedade: Fazenda Estreito.

Proprietário atual: Sebastião Fleury.

Ano de construção: 1921.

Atividade original: Produção de açúcar, roça (Mandioca, feijão, milho, cana, café) e criação de porcos e gado.

Atividade Atual: Criação de gado e peixes.

Edifícios de apoio (remanescente): Monjolo, tuia, banheiro externo, depósito, casa de apoio.

Técnicas e materiais construtivos: Vedação de alvenaria adobe e pau-a-pique, estrutura de esteios de aroeira, reboco de argamassa de cal e areia, cobertura de telha cerâmica tipo canal de capa e bica, de duas águas, estrutura de assentamento das telhas em madeira, sem forro, esquadria de folhas de madeira em régua sem vidro, pavimento interno original em assoalho de madeira substituído por cerâmica e piso externo em lajeados de pedra.

Estado de conservação: Edifício bem conservado, habitado, sofreu reformas discretas, conserva muito da conformação original.

Descrição geral: Fachada simétrica, pé direito alto e aparência sólida, segue o mesmo modelo de ocupação do terreno e conformação construtiva de outros modelos observados na região, com a fachada principal na parte mais alta da locação e a divisão interna em níveis definidos pela setorização, ditados pelo caimento do terreno; porta de acesso principal centralizada; cobertura em duas águas e divisão interna em meia parede; parte frontal da casa compartilha de uma parte do curral que se estende em

ambos lados da edificação; um rego d'água canalizado de uma mina ao norte atravessa o pátio frontal da casa sobre bicas de aroeira para desaguar em uma pia de lavagem de roupas e um rego volumoso escavado no chão, puxado de um córrego represado à 2km da sede, passa rente a baldrame posterior da casa e abastece a cozinha. O motivo de haver duas fontes diferentes de água em uma mesma casa se deve ao fato do córrego variar muito a qualidade de suas águas durante as estações do ano, além de não parecer uma boa fonte para consumo humano, já que os moradores relatam se tratar de uma água salobra, no entanto, é uma fonte confiável para acionar o monjolo, lavar utensílios, regar horta e fonte de água fresca para os porcos e o gado.

Situação: Existe uma gruta em forma de meia lua que cerca parcialmente o sítio de instalação da casa que mantém árvores nativas antigas. Há ainda parte de um pomar original que foi suplantado por tanques de criação de tilápias e um bananal de variedades antigas.



Imagem 40: Localização da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>

Localção: A propriedade está às margens da antiga estrada federal (BR414), que segue ao norte para Niquelândia e ao sul para Corumbá. A fachada aponta para o sudoeste enquanto o município de pertencimento está ao sul.

4.6.2.1 Outros detalhes do estabelecimento

- O edifício do depósito e tulha é elevado sobre um calçamento de pedra e possui os mesmos materiais construtivos e técnicas utilizados na casa sede, com algum déficit de qualidade quando comparado à casa sede; contém estrutura de madeira

com troncos mais grossos e pouco nobres, muitas emendas, pé direito baixo, poucas janelas, madeira roliça na armação do telhado e chão de terra batida; a cobertura, tipo canal, foi substituída por telhas de fibrocimento 3.66.



Imagem 41: Vista do edifício de apoio. Fonte: acervo do autor 2020.

- O cômodo do monjolo é um armazém com peitoril de tijolo de adobe e fechamento em tela, o espaço interno amplo continha fornalha e tacho para feitura de farinha de milho, e também guardava as gamelas para produção de rapadura. No fundo do cômodo o monjolo recebia água da bica que se elevava desde a cozinha da casa e dava queda suficiente para ativar o pilão mecânico que era usado para pilar diversos cereais, fazer paçoca de carne e principalmente descascar o arroz.



Imagem 42: Edifícios de apoio da sede. Da direita para a esquerda: O cômodo do Monjolo, o banheiro externo e o quarto de serviço. Fonte: acervo do autor 2020.

- O banheiro externo era a opção mais usual de sanitário das casas erigidas antes da popularização da energia elétrica e água encanada, consiste em um retângulo cercado por paredes e teto com assoalho de madeira com uma abertura no centro, geralmente mantinha-se um balde com cinza ou cal que era usado para lançar sobre os dejetos para evitar o mau cheiro e a proliferação de moscas. Dista 20m da casa, se encontra no pátio dos fundos.
- O quarto de serviço é um quarto simples, sem divisões internas, onde cabiam 3 ou 4 camas. Era onde habitavam os trabalhadores temporários ou os empregados e agregados responsáveis pelos trabalhos ligados mais diretamente à casa sede: cozinheiras, lavadeiras, peões mais velhos incumbidos do trabalho de curral ou manutenção do pomar, horta, galinhas e outros afazeres domésticos. Por via de regra, famílias não ocupavam esses aposentos, se instalando, preferencialmente, em retiros afastados da sede, onde teriam sua própria produção de alimentos e criação de animais, trabalhando para o proprietário em regime de arrendo ou meação.
- O interior da casa segue a conformação original, com uma sala de visitas à frente, precedido pelos quartos do setor íntimo, uma ampla sala de jantar com vários

acessos e, aos fundos, uma cozinha dividida em uma porção interna, e após descer alguns degraus, a porção externa. A cozinha interna tem mesa de jantar e se conjuga a uma despensa, possui ainda um fogão à lenha, onde eram preparadas as refeições dos proprietários e onde se ceava cotidianamente; na cozinha externa era onde se praticava o trabalho sujo: se esfolava, estripava e esquartejava os animais; preparava a comida dos cachorros; se espremia a massa para fazer queijo e se extraia a lavagem para alimentação dos porcos.



Imagem 43: Vista interna da sede, cozinha com fogão a lenha. Fonte: acervo do autor 2020.

- Interior da casa, piso e telhado não são originais, o madeiramento do telhado foi substituído por angelim, que não é uma madeira nativa, e o piso de assoalho foi retirado e substituído por piso cerâmico, na foto, destaque para o armário embutido original da construção da casa. Na imagem do centro, a janela em folha de madeira simples de abrir revela um chanfro na verga superior, assim como o visto na porta (á dir.), este detalhe construtivo se repete em outras sedes pesquisadas na região.



Imagem 44: Interior, sala e detalhe das aberturas, vista frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.

4.6.3 Propriedade 07

Município: Cocalzinho.

Número da propriedade: P07, conforme Mapa 03 (Lat: -15,598° long: -48,697°).

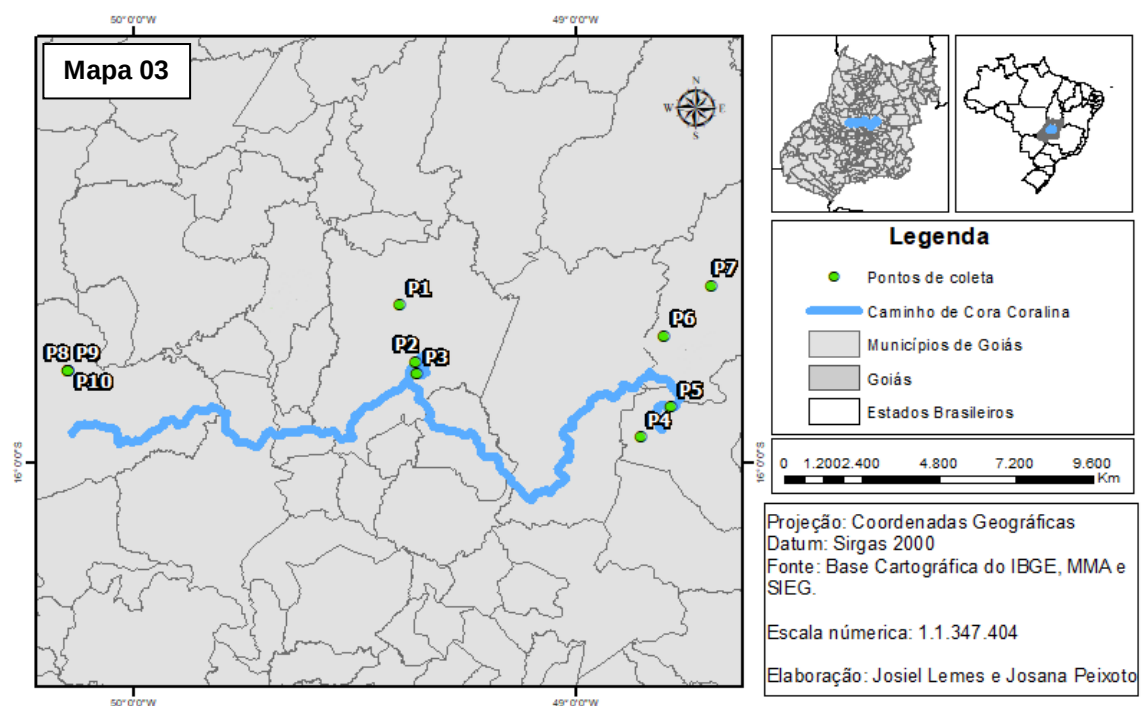


Imagem 45: Vista frontal da sede. Fonte: acervo do autor 2020.

Nome da propriedade: Fazenda Buriti Grande.
Proprietário atual: João José Fleury Curado.
Ano de construção: 1900 ~ 1910.
Atividade original: Produção de açúcar, pinga, roça (Mandioca, feijão, milho, cana, café) e criação de porcos e gado. Atividade Atual: Arrendamento para lavoura de soja e criação de gado.
Edifícios de apoio (remanescente): Monjolo, tuia, banheiro externo, depósito, casa de apoio, casa do engenho.
Técnicas e materiais construtivos: Vedação de alvenaria adobe e pau-a-pique, estrutura de sustentação autônoma de esteios de aroeira, reboco de argamassa de cal e areia. Esquadria de folhas de madeira em régua sem vidro. Pavimento interno em assoalho de madeira, piso externo em lajeados de pedra.
Estado de conservação: Edifício bem conservado, habitado, sofreu reformas discretas, conserva muito da conformação original.
Descrição geral: Fachada simétrica, pé direito alto e aparência sólida, segue o mesmo modelo de ocupação do terreno e conformação construtiva de outros modelos observados na região, com a fachada principal na parte mais alta da locação e a divisão interna em níveis definidos pela setorização, ditados pelo caimento do terreno. A porta de acesso principal centralizada. Cobertura em duas águas e divisão interna em meia parede. Neste exemplar aparece um elemento diferente, em relação aos outros observados: O avarandado que circunda toda a casa faz parte de uma ampliação que, embora antiga, não fazia compõe a construção original. Na frente da casa existe um pátio gramado, fechado por uma cerca paraguaia, que faz as vezes de curral, embora tenha, há alguns metros da sede, um curral amplo e dividido, onde o manejo do gado acontece.
Situação: A casa ocupa um terreno baixo ao fundo de um vale com a fachada frontal na porção mais alta, pastos se estendem em uma chapada ampla por onde chega a estrada de acesso. Antigos Pau-d'óleo sombreiam os últimos metros de estrada até entrar no pátio da casa.
Locação: A fazenda fica poucos quilômetros afastada da rodovia, em uma baixada, perto de um córrego e protegida dos ventos pela declividade do terreno.

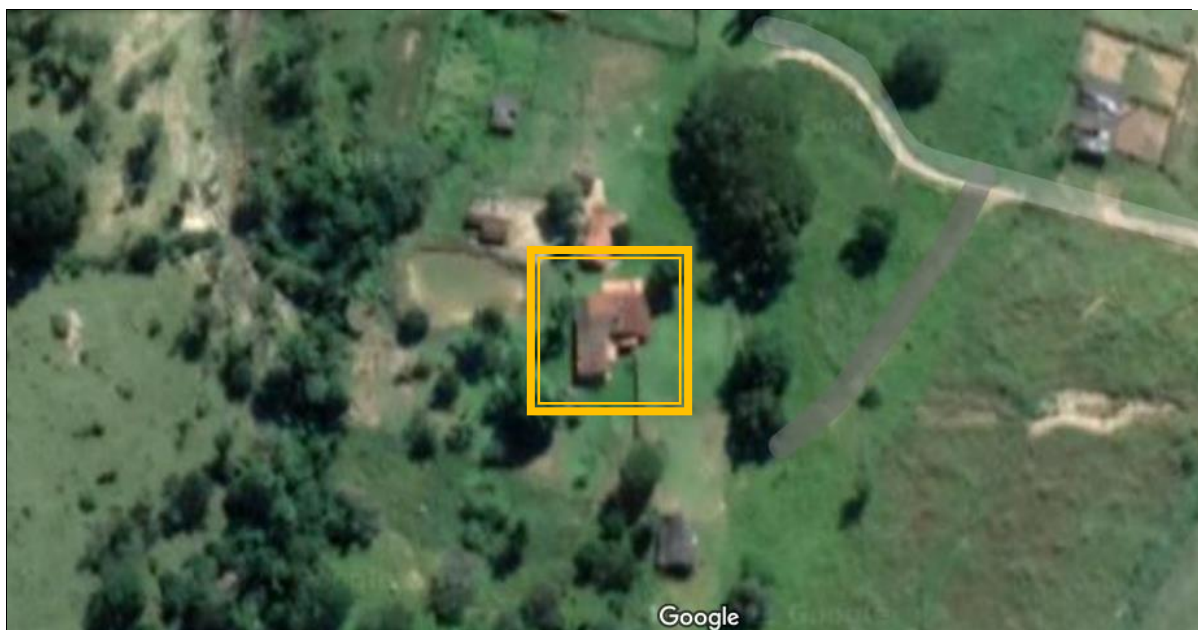


Imagem 46: Locação da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>.

4.6.3.1 Outros detalhes do estabelecimento

- Um rêgo d'água passa pelos fundos da casa, não exatamente contíguo à edificação, onde aproveita um pequeno desnível para criar uma bica, que faz as vezes de área de serviço, onde se pode lavar roupas e utensílios com água abundante; essa água continua seu curso em vala e canos, e abastece uma represa nos fundos da casa, que segue para o engenho hidráulico, em uma estrutura mais afastada da sede.



Imagem 47: Vista do rego em canal de alvenaria e fundo da sede. Fonte: acervo do autor 2020.

- Detalhe do baldrame superior da casa sede em tronco de aroeira lavrado em secção retangular. Fogão a lenha ocupa espaço interno a cozinha e em uma cozinha externa que serve como varanda aparece pela primeira vez nos exemplares pesquisados um forno para assar pães, existe relato de um similar na fazenda Estreito que fica nessa região.



Imagem 48: Vista interior da sede. Fonte: acervo do autor 2020.

- A cobertura desse exemplar é a mais próxima do original encontrado na pesquisa, embora muito provavelmente não se trate das mesmas peças da construção da casa, as substituições exigidas nas reformas posteriores a construção seguiu mesmo materiais e técnicas construtivas originais. Utiliza-se a telha cerâmica tipo canal, assentada em forma de capa e bica, de duas águas, estrutura de assentamento das telhas sem tesoura, com cumeeira, caibros, ripas, terças, pernas e beirais em madeira, sendo que a cumeeira é uma peça de aroeira de seção quadrada e as outras peças sendo madeiras roliças e menos nobres como canela e fulô-roxa. Como em todos exemplares pesquisados, não existe forro.



Imagem 49: Detalhe interior do madeiramento da cobertura da cozinha. Fonte: acervo do autor 2020.

- O edifício do engenho fica a 50m ao sul da sede, em um terreno com declive de onde o rêgo d'água desaguava há 4 ou 5m de altura sobre uma roda d'água feita de madeira que girava um poderoso moinho de ferro fabricado na Inglaterra.



Imagem 50: Vista do edifício do engenho. Fonte: acervo do autor

- A garapa da cana era usada para fazer pinga e açúcar que eram enviadas para distribuidoras em Anápolis e comercializadas fora do estado. O galpão do edifício era um depósito.



Imagem 51: Rótulo de 1946 da cachaça produzida na fazenda. Fonte: acervo da família 2020.

- Nas imagens, a porta com portinhola para barrar animais e a janela em folha de madeira simples de abrir que assim como a porta tem um chanfrado na verga superior que se comunica com o encontrado em outras sedes pesquisadas na região.



Imagem 52: Detalhe das aberturas do edifício sede. Percebe-se um detalhe de chanfrado na verga. Fonte: acervo do autor 2020.

4.7 Fazendas no Município da Cidade de Goiás – GO

“Goiás, minha cidade...

Eu sou aquela amorosa

de tuas ruas estreitas,

curtas,

indecisas,

entrando,

saindo uma das outras.

Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.

Eu sou Aninha.

(CORALINA, 1985, p. 47)

4.7.1 *Breve histórico e a paisagem de Cerrado na Cidade de Goiás*

Goiás é a cidade do Estado com maior número de construções protegidas pelo patrimônio histórico. Os primeiros passos da Cidade de Goiás se confundem com o próprio surgimento do estado Goiás, quando do descobrimento das lavras de ouro na região, se tornando a capital e mantendo sua posição até a década de 1930, quando se deu a transferência para a recém fundada Goiânia. Hoje o turismo vem se consolidando como uma importante atividade econômica no município.

O município da Cidade de Goiás é envolvido pela Serra Dourada, uma formação de arenito escarpada que durante as tardes reflete a luz do sol nas rochas criando um espectro dourado, o relevo elevado da serra contribui com a formação dos Campos Altos. A região apresenta grande valor ecológico devido a flora, fauna e formação geológica típicas do Cerrado. Foi uma região de grande concentração aurífera e ponto de passagem dos primeiros bandeirantes paulistas a alcançar o interior do país.

4.7.2 Propriedade 08

Município: Cidade de Goiás.

Número da propriedade: P08, conforme Mapa 03 (Lat: -15.790° long: -50,147°).

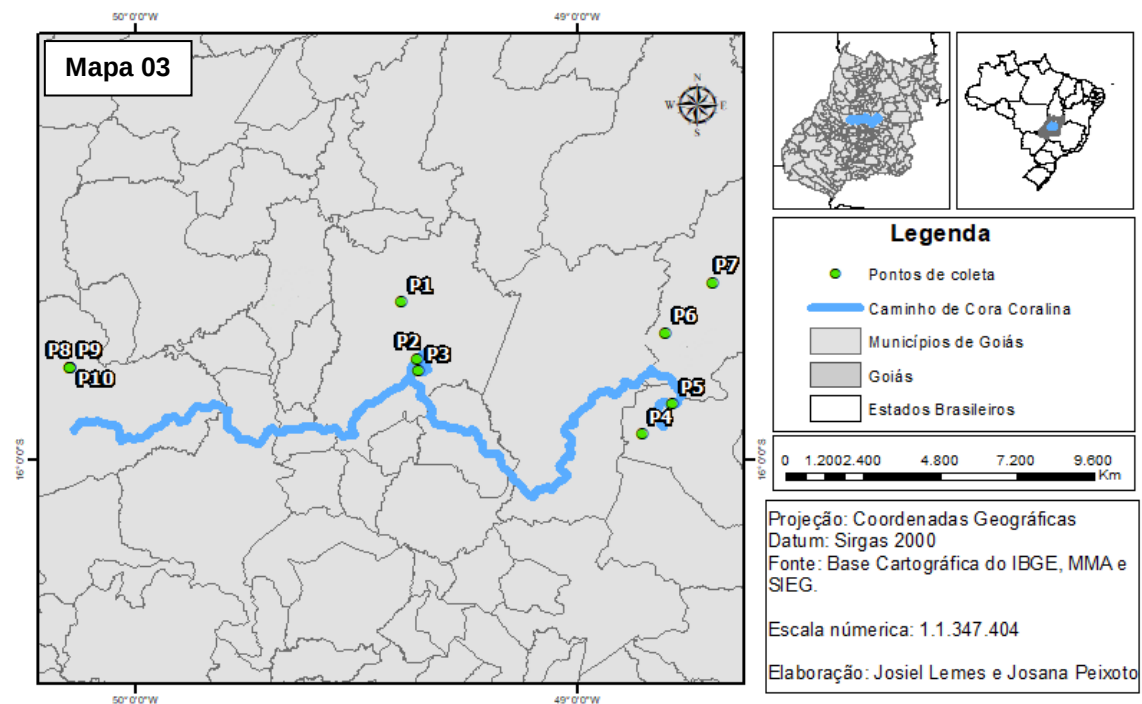


Imagem 53: Vista do edifício principal pela estrada de acesso. Fonte: acervo do autor 2020.

Nome da propriedade: Fazenda Holanda.

Proprietário atual: Prefeitura Municipal de Goiás.
Ano de construção: 1890 ~ 1910.
Atividade original: Criação de gado. Atividade Atual: Uma escola passou a funcionar na sede da antiga fazenda. Localizada no Assentamento Holanda.
Edifícios de apoio (remanescente): Estábulo, depósito, casa de máquinas.
Técnicas e materiais construtivos: Vedação de alvenaria adobe e pau-a-pique, estrutura de sustentação autônoma de esteios de aroeira, reboco de argamassa de cal e areia. Esquadria de folhas de madeira em régua sem vidro. Pavimento interno provavelmente de assoalho de madeira deu lugar ao piso cerâmico, piso externo em laje de concreto e lajeados de pedra.
Estado de conservação: Edifício bem conservado, perdeu a função de habitação sendo atualmente ocupado como escola rural, sofreu reformas e adaptações, conserva ainda a conformação original. Cobertura de quatro águas de telha tipo canal.
Descrição geral: Edifício avarandado, fachada principal destoa do mais comum observado nas casas de fazenda da pesquisa em que a volumetria da casa e a disposição dos ambientes é muito fiel ao reproduzido nas cidades no mesmo período, pelo observado não se pode afirmar que se trata de um elemento pertencente a construção original, mas ao mesmo tempo apresenta desgaste e materiais construtivos de considerável antiguidade. Não tenta passar impressão de simetria de fachada, dispondo as aberturas sem essa preocupação, o que pode também ser fruto de alterações durante os anos. É comum com o passar do tempo e a mudança de usos uma porta virar janela ou vice-versa. O sítio é composto por um bloco principal mais imponente de onde se ligam partes mais novas da construção, como banheiros e refeitório. Pé direito alto (dos mais altos das regiões pesquisadas), a carpintaria das portas e janelas, apesar de ter sofrido substituições, apresenta algum requinte e existe indício da utilização de vidro.
Situação: A sede domina a paisagem de um sítio demarcado em forma retangular limitado por cerca e/ou estruturas de madeira mais edifícios de apoio. Na frente da fachada principal se estende um largo gramado que servia de recepção para tropas e manobra de gado, um curral ou estábulo nas proximidades deixava às vistas da sede as atividades com o rebanho.
Localção: A Fazenda Holanda apresenta uma locação característica de grandes propriedades criadoras de gado. A habitação do caseiro fica próxima a sede e nos fundos da casa existe um bosque de árvores frutíferas. O entorno imediato da fazenda apresenta



Imagem 54: Localização da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>
capões de mato bem conservados, fundos de vale e topo de morros bem arborizados além de campos de pastagens com muitas árvores nativas.

4.7.2.1 Outros detalhes do estabelecimento

- Há uma relação entre a dimensão das aberturas e a altura do pé-direito, nas casas de pé-direito maiores as esquadrias também são. Na fazenda Holanda as portas são de folhas de madeira de abrir em duas partes com bandeira de vidro. As janelas também são de folhas de madeira de abrir, mas não possuem indícios de terem possuído vidro ou outros mecanismos.
- Detalhe de encaixe do esteio de madeira nas vigas superiores, com a função estrutural de distribuir as cargas da cobertura de maneira autônoma do fechamento e acima à esquerda, uma brecha no reboco da parede permite observar o fechamento em tijolo de adobe e argamassa de barro.

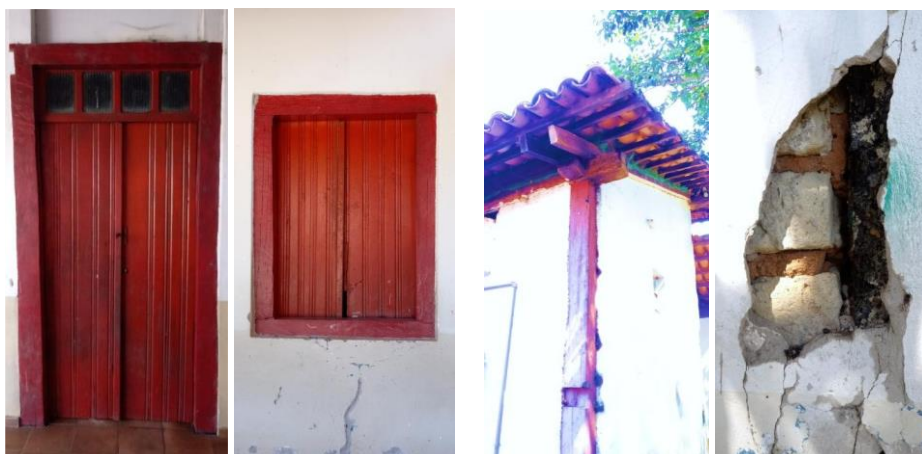
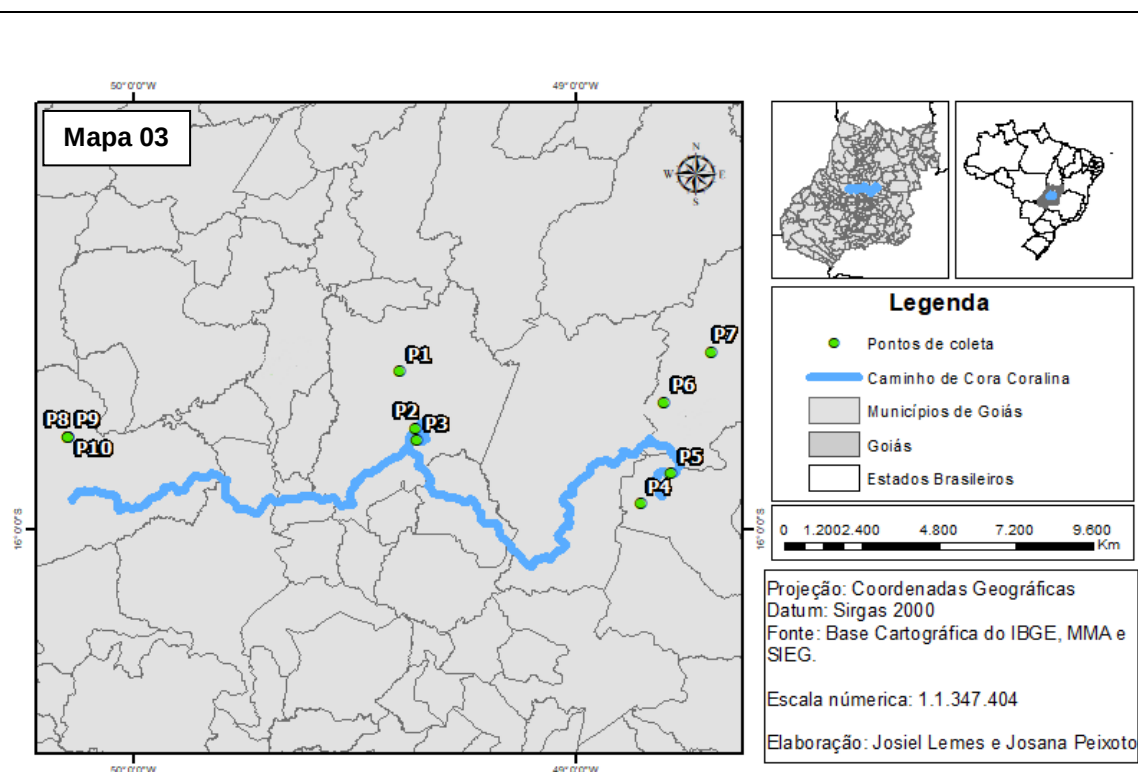


Imagem 55: Detalhe das esquadrias (à esquerda) e dos materiais construtivos (à direita) da casa sede. Fonte: acervo do autor 2020.

4.7.3 Propriedade 09

Município: Cidade de Goiás.



Número da propriedade: P09, conforme Mapa 03 (Lat: -15.790° long: -50,147°).



Imagem 56: Vista frontal do edifício do edifício principal vista do acesso principal. Fonte: acervo do autor 2020.

Nome da propriedade: Fazenda Retiro.

Proprietário atual: Assentamento Holanda.

Ano de construção: 1890 ~ 1910.

Atividade original: Retiro da fazenda Holanda. Criação de gado.

Atividade Atual: Criação de gado, produção de leite.

Edifícios de apoio (remanescente): Estábulo, depósito, casa de máquinas.

Técnicas e materiais construtivos: Vedação de alvenaria adobe e pau-a-pique; estrutura de sustentação autônoma de esteios de aroeira, reboco de argamassa de cal e areia; esquadria de folhas de madeira em régua sem vidro; pavimento interno provavelmente de assoalho de madeira, que deu lugar ao piso cerâmico; piso externo em laje de concreto e lajeados de pedra.

Estado de conservação: Edifício bem conservado, perdeu a função de habitação, sofreu reformas e adaptações, mas conserva, ainda, a conformação original; cobertura de quatro águas com varanda de telha tipo canal.

Descrição geral: Retiro da fazenda Holanda, os retiros funcionavam como sub-sedes de apoio que eram edificadas em lugares estratégicos das propriedades para facilitar o manejo do gado quando os pastos se encontravam distantes demais para o apoio da casa sede. Se apresenta como uma versão menor e menos sofisticada da casa de origem,

embora fique claro a influência arquitetônica da casa sede na varanda, na conformação quadrada da casa e no pé-direito alto. No entanto, a dimensão das esquadrias não acompanha a proporção do pé-direito, mantendo aberturas relativamente pequenas. Não tenta passar a impressão de simetria de fachada.

Situação: O sítio é composto na casa sede em um bloco principal que serve também de fechamento para uma das alas do curral. O pátio frontal que se confunde com o curral é um terreiro gramado. Nos fundos da casa se estende um pequeno pomar, um depósito de grãos e outros edifícios de apoio.

Localção: Edifício se localiza às margens de uma estrada que se conecta diretamente a fazenda Holanda, á qual o retiro era submetido.

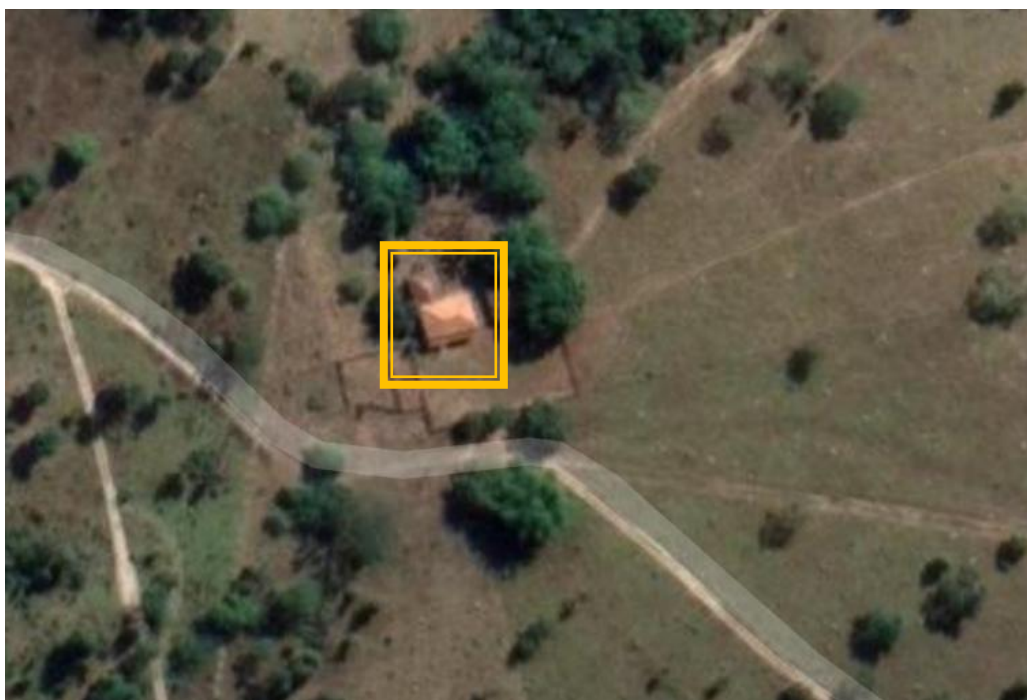


Imagem 57: Localização da fazenda, em destaque de amarelo a casa sede, vista em foto aérea modificada pelo autor 2020. Fonte: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>

4.7.3.1 Outros detalhes do estabelecimento

- Ladeando a casa principal sobre um mesmo eixo existe um edifício de apoio que mantém atividades de depósito de grãos, estabulo, casa de máquinas e garagem. A carpintaria das portas e janelas é pouco trabalhada, não apresentando qualquer material ou mecanismo sofisticado.



Imagem 58: Vista do edifício de apoio. Paiol. Fonte: acervo do autor 2020.

4.7.4 Propriedade 10

Município: Cidade de Goiás.

Número da propriedade: P10, conforme Mapa 03 (Lat:-16,034° Long:-50,055°).

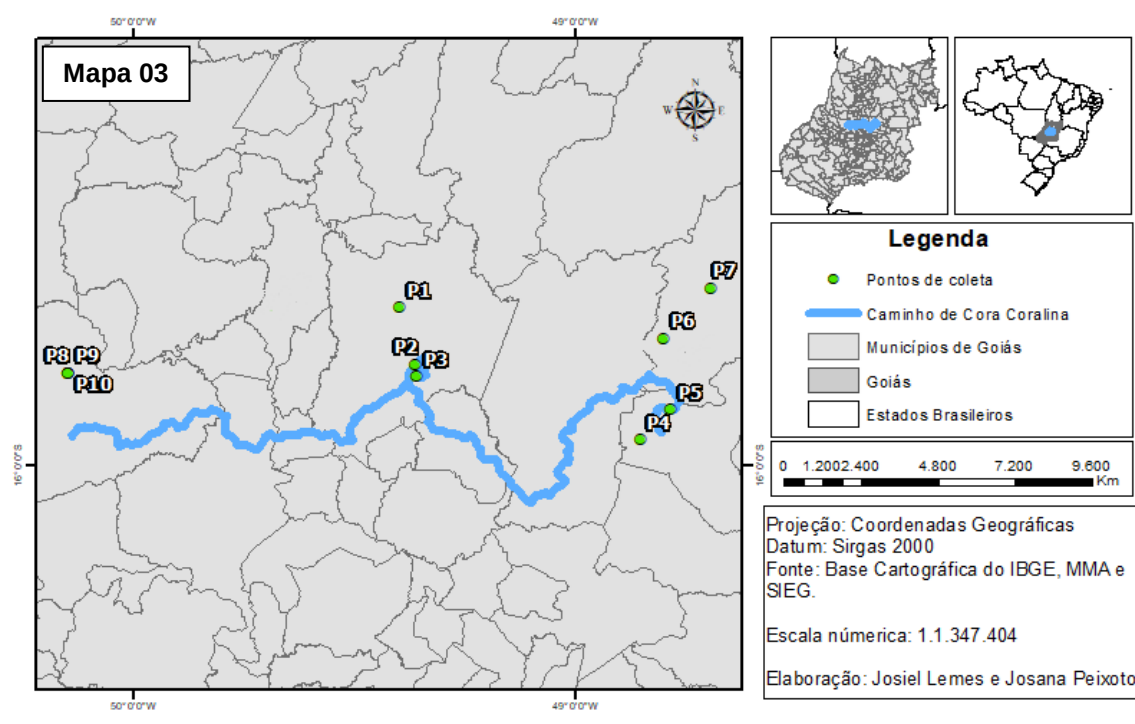




Imagem 59: Vista do edifício principal. Fonte: acervo do autor 2020.

Nome da propriedade: Fazenda Quinta.

Proprietário atual: Fernando de Britto Jardim.

Ano de construção: 1905. Construção promovida pelo proprietário à época e ex-governador do estado Eugenio Jardim ¹⁰em substituição a uma sede mais antiga.

Atividade original: Criação de gado.

Atividade Atual: Casa de veraneio, turismo, aluguel de pasto e baias para cavalos.

Edifícios de apoio (remanescente): Monjolo, depósito, casa de apoio.

Técnicas e materiais construtivos: Vedação de alvenaria adobe e pau-a-pique, estrutura de sustentação autônoma de esteios de aroeira, reboco de argamassa de cal e areia. Esquadria de folhas de madeira em régua e conjuntos compostos de janelas de abrir de folhas de madeira e persianas com vidro. Pavimento interno em assoalho de madeira, piso externo em lajeados de pedra.

Estado de conservação: Edifício bem conservado, habitado em temporadas, sofreu reformas discretas, conserva muito da conformação original.

¹⁰ Eugênio Jardim, foi militar e político goiano, ocupou o cargo de senador por três mandatos e foi nomeado também governador do estado, reforma-se no posto de coronel, segundo o decreto de 28 de agosto de 1905, transferindo-se para a cidade de Goiás, onde adquire a fazenda Quinta. <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1611>

Descrição geral: Fachada principal passa a impressão de ser simétrica, apesar de não o ser, de fato; compõe um bloco principal mais imponente; pé direito alto, os mais altos das regiões pesquisadas, e de aparência sólida; não segue o modelo de ocupação mais comum do terreno, em fundo de vale, se instalando em uma área plana e sem diferença de níveis relevantes; a carpintaria das portas e janelas apresenta algum requinte e a utilização de vidro.



Imagem 60: Vista do curral. Fonte: acervo do autor 2020.

Situação: Um largo gramado a frente da casa contíguo a uma curralama ampla e dividida, com dois períodos de construção ou reforma bem definidos, sendo uma parte curral de vara, com lascas de aroeira bem antigas e outra área mais nova construída com tábuas de madeira. Ao lado da casa, mas não anexada ao corpo principal, há uma habitação menos sofisticada, de carpintaria simples e pé direito baixo abriga a família do caseiro.

Localção: A fazenda se encontra a poucos metros do acesso à Rodovia Raul Caiado Fleury, ladeada por pastagens, em uma região basicamente plana, sem rios ou cursos d'água nas proximidades. Pela foto aérea, é percebe-se como ocorre a implantação dos edifícios no sítio; as disposições dos edifícios desenham um retângulo, onde o visitante atravessa uma cerca e se encontra dentro de uma espécie de largo, no qual se tem, primeiramente, a vista da fachada do edifício da casa do proprietário e a entrada principal. Concluindo o fechamento do lado direito, e alinhado à casa principal, se encontra a habitação do caseiro; na linha de fundo se encontram estábulos, depósitos e baias dos edifícios de apoio; e à esquerda se estende um curral, dividido em duas grandes partes, redivididas em frações menores. Nos fundos das habitações existe um pomar cercado, com árvores frutíferas antigas e variadas; e rente a entrada dos fundos passa o rêgo d'água.



Imagem 61: Vista aérea da locação do edifício e entorno. Em destaque de amarelo, a casa sede, imagem modificada pelo autor 2020.

Fonte: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/> e acervo da família 2020.

4.7.4.1 Outros detalhes do estabelecimento

- As portas e as janelas são sólidas peças de madeira e tem bom acabamento. As portas com 2,7m de altura apresentam boa qualidade construtiva e de materiais; portinholas evitam a invasão de animais domésticos; as janelas são duplas; com mecanismo de abrir em folhas de madeira e de abrir em venezianas de madeira e vidro fixo. Essa combinação de mecanismos é uma solução interessante para o conforto ambiental, térmico e luminoso da casa uma vez que amplia as possibilidades de aproveitamento dos condicionantes ambientais, mas também

representa uma sofisticação em técnica e materiais construtivos superior ao encontrado em outras fazendas do mesmo período no estado.



Imagem 62: Vista lateral do edifício da casa sede. Fonte: acervo do autor 2020.

5 Conceito de Paisagem

“Eu vivo nas tuas igrejas e sobrados e telhados e paredes. Eu sou aquele teu velho muro verde de avencas onde se debruça um antigo jasmineiro, cheiroso na ruinha pobre e suja.” (CORALINA, 1985, p. 47)

5.1 Paisagens constituidoras do espaço

Paisagem é um termo polissêmico de caráter transdisciplinar que articula construções culturais, sociais, trata de território, topo-biofilia, território e experiências pessoais. A paisagem, enquanto categoria, é um subsídio teórico inerente a estudos que envolvem arquitetura, geografia, história, cultura e meio ambiente, e a compreensão de suas múltiplas abordagens pode possibilitar a apreensão multifacetada de uma dada realidade observada.

A necessidade de se articular as paisagens, entendidas como heranças na diferenciação socioespacial (SANTOS, 1996), é essencial para que se possa melhor avaliar os aspectos culturais e arquitetônicos impregnados na sua morfologia, na medida em que “as nações herdaram fatias – maiores ou menores – daqueles mesmos conjuntos paisagísticos de longa e complicada elaboração fisiográfica e ecológica” (AB’SABER, 2003, p. 10), as quais, são transformadas pelos seres humanos, ao longo da sua história de vida na Terra. Pelas considerações anteriores, pode-se inferir que as paisagens são entendidas como herança natural e cultural, pois suas constituições resultam das apropriações ocorridas ao longo do tempo histórico (e biológico) (AB’SABER, 2003).

Paisagens não são só uma extensão ao alcance da vista. São mais que isso; são portadoras de símbolos constituidores do espaço. Elas se apresentam por meio da morfologia, dos signos e dos símbolos; os quais circulam e propiciam cor, forma, cheiro, sabor ao espaço, bem como pelo modo como os sujeitos usam, transformam e constroem os lugares; pelo simbólico, o religioso, o econômico, o cultural, o imaginário. Assim, no estudo que se apresenta; elas (as paisagens) reforçam que as fazendas pesquisadas guardam consigo, características que lhe dão identidade espacial: pela sua condição fisiográfica; pelos seus diversos tipos de usos; sua proximidade com os aglomerados, pela diversidade de elementos culturais arraigados no modo de vida local e pela instalação de trilhas. Como no caso do Caminho de Cora Coralina.

5.2 Paisagem natural

As identidades que permeiam o espaço edificado das fazendas do Caminho podem ser percebidas por meio do modo como o local é configurado espacialmente: pelo ambiente vivido; pela diferenciação visível da paisagem e constituída pela construção de territórios – sujeitos que vivem e vivenciam o lugar. Assim, as paisagens são resultados da apropriação e transformação dos ambientes em cultura (ALMEIDA, 2008); e também por sua atribuição de significados, valores, gestos vividos, os quais coexistem no local.

As paisagens estão ligadas à cultura e significa, sobretudo, a relação entre seres humanos e natureza, e se revelam por meio das formas visíveis sobre a superfície terrestre e sua composição; como, também, é uma maneira de ver e perceber o vivido; além de se constituir em uma nova relação entre os seres humanos e o ambiente (COSGROVE, 1998). Deste modo, compreende-se que a noção de paisagem resulta em um conceito complexo e serve para que os seres humanos possam alterar ou aperfeiçoar o ambiente.

Percebe-se que a busca pela natureza se impulsiona pelo distanciamento dela imposto pela sociedade urbana-industrial. Quando, em meados século XIX o escritor e naturalista norte-americano Henry David Thoreau (1817-1862), declarou em uma palestra ministrada em 1851 que “Na natureza selvagem está a preservação do mundo”, não havia maturidade preservacionista suficiente para compreender seu posicionamento e não houve resposta significativa dos meios de produção ou qualquer sinal de conscientização frente a destruição ambiental e avanço das cidade na América do Norte, talvez ele tenha diagnosticado uma situação pouco perceptível a época e cedo demais (PILULATS, s/d). A economia e política estadunidense se deslumbrava com o progresso e sucesso econômico capitalista, onde a natureza por muitas vezes ainda era interpretada como hostil e desafiadora. A concepção de preservação da natureza no seu estado primário, selvagem e intocada não afetou ou sensibilizou os norte-americanos em um primeiro momento.

Walden foi um livro diário que Thoreau escreveu durante uma experiência de vida em isolamento social e em contato intenso com a natureza selvagem, é um livro importante por ter sido um dos pioneiros em pensar a paisagem natural como elemento de contemplação e valorização por si própria e não apenas pelos recursos que poderiam ser extraídos. O que se percebe é que o filósofo usa seu tempo em

isolamento observando e “sentindo” a natureza de forma romantizada, escapando da percepção corrente de que o elemento natural deve ser domado pela força. (THOREAU, 2007,p .17).

Meu lugar de trabalho era uma encosta agradável, coberta de pinheiros atrás dos quais se via o lago e um pequeno campo em meio aos bosques onde brotavam pinheiros e nogueiras. O gelo no lago ainda não se dissolvera, embora houvesse aqui e ali espaços vazios e estivesse todo de cor escura e cheio de água. Houve algumas rajadas leves de vento e neve nos dias em que trabalhei lá.

Um século depois, a consciência conservacionista a ganhou importância e se propagou em movimentos ambientalistas americanos e posteriormente por movimentos de todo o mundo.

No final do século XIX até a metade do século XX, é proposta uma nova teoria de estudo da geografia, embarcando a dualidade complementar de aspectos naturais e Humanista: história, conceito e o uso da paisagem, artefatos comuns em dados espaços como resultante da ação conjugada das forças naturais e da ação humana, após essa evolução um novo enfoque surge na Geografia, que é o estudo da distribuição dos homens e sua inserção no meio ambiente, passando os grupos humanos a ser o centro da análise. (CLAVAL, 1997, 2002) essa linha de pensamento ficou conhecida como Geografia Cultural.

Em busca de uma maior compreensão dos ideais dessa linha de pensamento, a Geografia Cultural, ou Geografia Humanista, ou ainda geografia fenomenológica como também foi chamada, é definida por bases teóricas nas quais são ressaltadas e valorizadas as experiências, os sentimentos, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o meio ambiente que habitam, buscando compreender e valorizar esses aspectos. (ROCHA, 2007)

No meio artístico a paisagem natural representada desde o renascimento como uma realidade espaço-visual passa a ser considerada substrato artístico e impulsiona a ideia de reinserção do homem na Natureza, em conexão profunda, “não apenas descrevendo-as, mas adentrando-as, num processo que emerge de suas formas, e também as molda, transformando-as em um espaço existencial. ” (SILVA, CRUZ e MEDEIROS). No século XX, o artista extrapola o espaço das galerias e museus e propõe uma consciência concreta para o presente como ele realmente existe, e não simplesmente se dispõe a apresentar abstrações ou utopias, desenvolvendo uma

educação artística baseada especificamente na relação entre como vemos as coisas e os lugares, essa relação não é uma preocupação secundária, mas primária. (SMITHSON *apud* VIVACQUA, 2012, p. 20).

Vínculos topo-biofílicos

Os estudos sobre vínculos topo-biofílicos que norteiam o contato das pessoas com áreas naturais, nesse caso, com a paisagem rural, não podem ser descartadas em estudos que evidenciam atividade turística, e que a percebem como uma estratégia para a conservação/preservação dos ambientes, dentre eles do Cerrado.

Desde os precursores como Dardel (1952), Lynch (1960), Wright (1977), Lowenthal (1961), Tuan (1980, 1983), até os trabalhos de pesquisadores brasileiros como Machado (1988, 1996, 1997, 2005), Oliveira (1977, 1983, 1996), Amorim Filho (1996), Souza Jr.(2001), há uma busca incansável por compreender novas aberturas e perspectivas no campo da percepção e cognição geográficas.

Afirma-se existir uma evidente interatividade entre os sentimentos e experiências pessoais e a percepção da paisagem. Esta interação é geradora de valorização, sob o aspecto topofílico,¹¹ que subsidiaria iniciativas para a conservação ambiental amparado pelo elo afetivo entre as pessoas e o ambiente físico, reafirmando a importância de nossas experiências pessoais, nossas atitudes e os nossos valores diante dos vários ambientes que nos cercam.

Precisamos do lugar para nos sentir seguros e termos confiança para desenvolver nossas ações, mas, na condição de seres humanos também ansiamos pelo espaço, que representa a liberdade, o desconhecido. Assim, ele reitera que “os seres humanos necessitam de espaço e de lugar.

As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade”, (TUAN, 1983, p. 61), ao conceituarmos o termo “lugar” não podemos desconsiderar outro que é o “espaço”, pois, ambos se completam, apesar de “espaço” ser mais abstrato que “lugar” o que inicia como espaço transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Portanto, segundo o autor “as ideias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra”. E “se

11 Topofílico refere-se a Topofilia, segundo Tuan (1980) desenvolvemos sentimentos topofílicos por um determinado lugar, ambiente ou paisagem, na medida que valorizamos determinados elementos, seja pelo grau de satisfação sensorial fornecido por eles, seja pela importância deles em nosso cotidiano, nas diversas atividades que desenvolvemos. Porém, vale destacar que embora tenha extrema importância, Tuan nos diz que não é emoção humana mais forte; quando é irresistível, na verdade, trata-se de um lugar ou ambiente que é percebido como um símbolo, ou então, vínculo de acontecimentos emocionalmente fortes.

pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar”. (TUAN, 2013. p. 14).

Ainda segundo Tuan (2013) admitindo que lugar é pausa, podemos nos referir às expressões de proprietários e moradores como expressão da pausa, o retorno do lugar vivido como “uma classe especial de objeto. E uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para outro; é um objeto no qual se pode morar”. (p. 22). Nesse sentido o autor nos mostra a importância do lugar na vida das pessoas e diz que “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos” (p. 47).

5.3 Discussão

A interação entre as pessoas e os diversos lugares, em especial, a paisagem rural deve ser compreendida em detalhamento, indo além dos números apresentados nas pesquisas quantitativas. É necessário investigar as manifestações topofílicas, a fim de compreender os reais motivos que mobilizam pessoas em todo o mundo na busca por paisagem rurais, ou seja “qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente dos nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”. (MEINIG, 2002, p. 35)

Segundo Corbin (1989), a valorização do meio rural ou o fascínio pela sua paisagem surgiu juntamente com o crescimento das cidades e nos sentimentos de quem já estava afastado da sua realidade e dele começava a sentir falta, ou seja, na verdade os espaços geográficos eram bem distintos, considerando genericamente as funções do campo e da cidade. Em termos emocionais e afetivos, porém, esta separação nunca ocorreu de fato; há vínculos que unem esses espaços na busca e motivações das pessoas. As motivações que elegiam o campo como refúgio eram diversas, dentre elas, a função terapêutica, já que os cidadãos viam o meio rural cada vez mais como lugar de repouso e cura, ideia também estendida até o mar, ocorrendo o que o autor denominou “a invenção da praia”.



Imagem 63: Vista de parte do curral de varas. Fazenda Buriti Grande, Cocalzinho-GO. Fonte: acervo do autor 2020.

A imagem acima apresenta um elemento constituinte de uma paisagem característica do ambiente rural goiano, mais que uma sequência de planos, cores e objetos enumeráveis, existe uma quarta parede, algo de bucólico e romântico impresso pelo profundo desejo de retorno ao passado do homem romântico devido à insatisfação com o presente e à constante crítica à modernidade. O objeto em primeiro plano; o curral castigado pelo tempo, e ao fundo; as casas antigas e o verde da vegetação, são componentes característicos da paisagem percebida e conferem certa cenicidade à imagem, pois têm a capacidade de nos transportar para um passado idealizado. Representa o espaço observado, onde o indivíduo cresce, se locomove, se orienta e experimenta de forma mais ou menos cotidiana, carregando uma bagagem de símbolos e referências que dão sentido e identificam esta paisagem. Assim, como categoria experienciada, a paisagem não está distante de quem a observa, ela faz parte de seu dia-a-dia, sendo que a pessoa consegue identifica-la com facilidade.

Telles (2004), no que tange à paisagem rural, diz que há nela uma multifuncionalidade, já que diante de todas as transformações da sociedade atual, espera-se que a paisagem rural nos atenda desde a produção de alimentos em quantidade e qualidade, até a conservação dos nossos recursos naturais, patrimônios culturais e manutenção da identidade, suprimindo assim, as necessidades do lazer e do turismo. Desta forma, há uma clara conexão entre o rural e o urbano, seja pelos serviços oferecidos, pela paisagem predominante, seja pela mítica que envolve o imaginário coletivo, dando-nos a impressão de um enfrentamento incansável entre campo e cidade.

A necessidade de se articular as paisagens, entendidas como heranças na diferenciação socioespacial (SANTOS, 1996), é essencial para que se possa melhor avaliar os aspectos culturais e arquitetônicos impregnados na sua morfologia, na medida em que “as nações herdaram fatias – maiores ou menores – daqueles mesmos conjuntos paisagísticos de longa e complicada elaboração fisiográfica e ecológica”(AB’SABER, 2003, p. 10), as quais, são transformadas pelos seres humanos, ao longo da sua história de vida na Terra. Pelas considerações anteriores, pode-se inferir que as paisagens são entendidas como herança natural e cultural, pois suas constituições resultam das apropriações ocorridas ao longo do tempo histórico (e biológico) (AB’SABER, 2003).

Segundo Ferreira (2000), “O lugar seria um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade”. (p.4) e acrescenta que os lugares, assim como os objetos, são núcleos de valor, e só podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias do residente (*insider*), e relações externas, próprias do turista (*outsider*).

As identidades que permeiam o espaço edificado das fazendas do Caminho de Cora podem ser percebidas por meio do modo como o local é configurado espacialmente: pelo ambiente vivido; pela diferenciação visível da paisagem e constituída pela construção de territórios – sujeitos que vivem e vivenciam o lugar. Assim, as paisagens são resultados da apropriação e transformação dos ambientes em cultura (ALMEIDA, 2008); e também por sua atribuição de significados, valores, gestos vividos, os quais coexistem no local.

As paisagens estão ligadas à cultura e significa, sobretudo, a relação entre seres humanos e natureza, e se revelam por meio das formas visíveis sobre a superfície terrestre e sua composição; como, também, é uma maneira de ver e perceber o vivido; além de se constituir em uma nova relação entre os seres humanos e o ambiente (COSGROVE, 1998). Deste modo, compreende-se que a noção de paisagem rural goiana, mais especificamente a visão romantizada desse ambiente rural em que se insere as casas de fazenda do período da república velha resulta em um conceito complexo, uma colcha de retalhos constituída por símbolos, objetos e experiências pessoais que conferem identidade a paisagem e serve para que os seres humanos possam alterar ou aperfeiçoar o ambiente.

5.4 Considerações finais

A preocupação com o patrimônio cultural tem se avolumado nos últimos anos e apesar de toda sua complexidade vem ganhando visibilidade fora do meio acadêmico. A preservação do patrimônio exige também ação local, que se utilize da identidade da comunidade com o objeto para a validação da sua qualidade quanto objeto a ser preservado, depende do comprometimento da comunidade em que se está inserido e do engajamento da população e do poder público nas questões patrimoniais, promovendo a preservação dos bens que são responsabilidade de todos, para isso, concluímos que primeiramente é preciso conhecer para em seguida reconhecer este patrimônio, uma vez que seu valor depende do valor histórico a ele atribuído.

Ao longo do trabalho foram desenvolvidos conceitos e reflexões acerca da riqueza em nível de paisagem e patrimônio do Cerrado brasileiro, mais especificamente o Cerrado goiano, substrato onde a relação homem/transformação da paisagem natural se desenvolve na criação da paisagem rural goiana como conhecemos e onde se afirma a casa de fazenda como objeto arquitetônico identitário da região.

Por meio do levantamento e análise das 10 casas de fazenda propostas ao longo do Caminho de Cora Coralina, percebemos uma arquitetura rica, distinta e ao mesmo tempo comunicante entre si, produto de um tempo, cultura e técnicas locais, impregnadas de tradição e simbologias que indubitavelmente participaram da formação cultural do goiano atual. Estas fazendas revelam parte do modo de vida e modo de produção no estado de Goiás durante o início do século XX, é possível afirmar ainda o domínio da técnica por parte da mão-de-obra da época, através do trabalho de construção independentemente da escassez de ferramentas, pregos ou parafusos; podemos confirmar ainda a robustez das estruturas utilizadas justificado na integridade das edificações que se preservam ainda hoje, de sua adaptabilidade aos sítios, vegetação e relevo locais, abastecimento de água e sua codependência da pecuária, a familiaridade do sertanejo goiano com o manejo do gado, expressa na onipresença de grandes currais nas propriedades, quase engolfando as casas, como se a atividade pastoril se confundisse com atividades domésticas.

Compreendemos que as paisagens não são só uma extensão ao alcance da vista. São mais que isso; são portadoras de símbolos constituidores do espaço. Elas se apresentam por meio da morfologia, dos signos e dos símbolos; os quais circulam e

propiciam cor, forma, cheiro, sabor ao espaço, bem como pelo modo como os sujeitos usam, transformam e constroem os lugares; pelo simbólico, o religioso, o econômico, o cultural, o imaginário. Assim, no estudo que se apresenta; elas (as paisagens) reforçam que as fazendas pesquisadas guardam consigo, características que lhe dão identidade espacial: pela sua condição fisiográfica; pelos seus diversos tipos de usos; pela sua posição geográfica, pela diversidade de elementos culturais arraigados no modo de vida local.

Percebemos também o papel da instalação de trilhas ecológicas, como o percurso turístico Cora Coralina, que na questão patrimonial funcionou como um catalizador das atividades turísticas na região, além de oferecer uma alternativa de desenvolvimento econômico que seja alinhado aos interesses preservacionistas ainda é um elemento fomentador da preservação das fazendas goianas uma vez que incursiona por essas propriedades lhes dando visibilidade.

A aplicação deste trabalho pretende promover o conhecimento e reconhecimento das fazendas do período da República Velha no Caminho de Cora como bens materiais que compõe a identidade do centro-goiano e do estado de Goiás como um todo, incentivando a preservação deste patrimônio construído uma vez que o grande desafio da preservação é se fazer apresentar o bem e desenvolvê-lo sob de forma que a comunidade desenvolva um sentimento de pertencimento, que ao mesmo tempo invista e seja beneficiada com sua preservação.

Este trabalho se presta ainda a ser subsídio para pesquisas posteriores que pretendam continuar estudos em diferentes áreas, com caráter interdisciplinar, inventariando demais fazendas do Caminho, ou fora dele, incluindo propriedades do mesmo período ou não, continuando o trabalho e contribuindo para a discussão da preservação do patrimônio cultural e para a preservação da identidade do povo goiano.

6 Referências Bibliográficas

6.1 Capítulo I

AGUIAR, L.M.de S.; MACHADO, R.B.; MARINHO-FILHO, J. **A diversidade biológica do Cerrado**. In: AGUIAR, L.M.deS.; CAMARGO, A.J.A.de. Cerrado: Ecologia e Caracterização. Brasília: Embrapa, 2004, 249p.

AMARAL, A.G.; MUNHOZ, C.B.R.; WALTER, B.M.T.; GUTIÉRREZ, J.A.; RAES, N. Richness pattern and phytogeography of the Cerrado herb-shrub flora and implications for conservation. **Journal of Vegetation Science**, v.28, p. 848–858, 2017.

ALMEIDA, S.; MORAIS, M.; DIAS, D.; BELAGUARDA, C. Conservação do Cerrado: Estratégias didáticas que auxiliam no ensino de ciências. **Ciclo Revistas: Experiências em Formação no IF Goiano**, v.3, n.1, 2018.

ANDRADE, J.G. As discussões sobre os impactos ambientais no Cerrado na geografia escolar: uma análise dos PCN e do currículo referência da rede estadual de educação de Goiás. **Revista Brasileira de Ensino de Geografia**, v.8, n.15, p.133-148, jan./jun., 2018.

AQUINO, F.deG.; OLIVEIRA, M.C.de. Reserva legal no bioma Cerrado: Uso e preservação. Planaltina: Embrapa Cerrados, 2006.

BATALHA, M.A. The brazilian Cerrado is not a biome. *Biota Neotropical*, v.11, n.1, 2011.

BONANOMI, J.; TORTATO, F.R.; GOMES, R.deS.R.; PENHA, J.R.; BUENO, A.S.; PERES, C.A. Protecting forests at the expense of native grasslands: Land-use policy encourages open-habitat loss in the brazilian Cerrado biome. **Perspectives in Ecology and Conservation**, n.17, p.26–31, 2019.

CAMARGO, P.L.T.; JUNIOR, P.P.M.; TEIXEIRA, M.B.; MADEIRA, F.A. Qual a melhor metodologia para o repovoamento vegetacional original de manchas de Cerrado no entorno da bacia hidrográfica do rio São Francisco (Norte de Minas Gerais)? **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.40, v.2, p.102-119, Jul./Dez., 2018.

CAVALCANTE, J.B. Meio ambiente e agricultura: Uma análise sobre o Cerrado brasileiro e as políticas para proteção ambiental. *Revista Economia Política do Desenvolvimento*, v.5, n.7, jun., p. 80-97, 2018.

CHAVEIRO, E.F.; CASTILHO, D. Cerrado: Patrimônio genético, cultural e simbólico. **Revista Mirante**, v.2, n.1, Pires do Rio – GO, UEG, 2007.

COUTINHO, L.M. O conceito de bioma. **Acta Botânica Brasilica**, v.20, n.1, p.13-23, 2006.

FERNANDES, P.A.; PESSÔA, V.L.S. O Cerrado e suas atividades impactantes: Uma leitura sobre o garimpo, a mineração e a agricultura mecanizada. *Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia*, v.3, n.7, p. 19-37, out., 2011.

FERNANDES, G. W. **Cerrado, em busca de soluções sustentáveis**. Rio de Janeiro, Vertentes Produções Artísticas, 2016.

FERRO, A. F. P.; BONACELLI, M. B. M.; ASSAD, A. L. D. Oportunidades tecnológicas e estratégias concorrenciais de gestão ambiental: O uso sustentável da biodiversidade brasileira. **Gestão & Produção**, v.13, n.3, p.489-501, 2006.

FRANCO, J.L.deA.; GANEM, R.S.; BARRETO, C. Devastação e conservação no bioma cerrado: Duas dinâmicas de fronteira. **Expedições: Teoria da História & Historiografia**, Ano 7, n.2, Ago.-Dez., 2016.

FRANÇOSO, R.D.; BRANDÃO, R.; NOGUEIRA, C.C.; SALMONA, MACHADO, R.B.; COLLI, G.R. Habitat loss and the effectiveness of protected áreas in the Cerrado biodiversity hotspot. **Natureza & Conservação**, v.13, n.1, p.35-40, 2015.

FREDERICO, S. From subsistence to financial asset: the appropriation of the Brazilian Cerrado lands as a resource. **Revista Nera**, v.22, n.50, set./dez., 2019.

GOMES, M.A.deA.; GONÇALVES, T.V.; TERESA, F.B.; CUNHA, H.F.da; LIMA, F.B.; NABOUT, J.C. High school students' knowledge of endangered fauna in the Brazilian Cerrado: Across-species and spatial analysis. **PLOS ONE**, v.25, Abr., 2019.

HOROWITZ, C.; MARTINS, C.R.; WALTER, B.M.T. Flora exótica no Parque Nacional de Brasília: Levantamento e classificação de espécies. **Biodiversidade Brasileira**, v.3, n.2, p.50-73, 2013.

JÚNIOR, A.C.P.; OLIVEIRA, S.L.J.; PEREIRA, J.M.C.; TURKMAN, M.A.A. Modelling fire frequency in a Cerrado savanna protected área. **PLoS ONE**, v.9, n.7, 2014.

KLINK, C.A.; MACHADO, R.B. A conservação do Cerrado brasileiro. **Megadiversidade**, v.1, n.1, jul., 2005.

MACHADO, R.B.; NETO, M.B.R.; PEREIRA, P.G.P.; CALDAS, E.F.; GONÇALVES, D.A.; SANTOS, N.S.; TABOR, K.; STEININGER, M. **Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro**. Conservação Internacional, Brasília, 2004.

MARACAHIPES-SANTOS; L.; LENZA, E.; SANTOS, J.O.; MEWS, H.A.; OLIVEIRA, B. Effects of soil and space on the woody species composition and vegetation structure of three Cerrado phytophysionomies in the Cerrado-Amazon transition. *Brazilian Journal of Biology*, v.77, n.4, p.830-839, 2017.

MARRA, D.; MILANI, S.E. O Cerrado é uma floresta de cabeça para baixo: Análise semântica da unidade lexical “Cerrado”. **Dossiê: Interfaces Sociolinguísticas**, SINOP, v.9, n.20, out., 2016.

MYERS, N.; MITTERMEIER, R.A.; MITTERMEIER, C.G.; FONSECA, G.A.B.da; KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, v.403, p.853-858, 2000.

MORANDI, P.S.; MARIMON, B.S.; MARIMON-JUNIOR, B.H. *et al.* Diversidade de árvores e biomassa acima do solo no bioma Cerrado da América do Sul e suas implicações na conservação. **Biodiversity and Conservation**, 2018.

OLIVEIRA, D.A.; PIETRAFESA, J.P.; BARBALHO, M.G.daS. Manutenção da biodiversidade e o hotspots Cerrado. **Caminhos da Geografia**, v.9, n.6, p.101-114, 2008.

OLIVEIRA, M.C.de; LEITE, J.B.; GALDINO, O.P.daS.; OGATA, R.S.; SILVA, D.A.da; RIBEIRO, J.F. Survival and growth of Cerrado native species after direct sowing in abandoned pasture recovery. **Neotropical Biology and Conservation**, v.14, n.3, p.313–327, 2019.

PAIVA, A.O.; REZENDE, A.V.; PEREIRA, R.S. Estoque de carbono em Cerrado *sensu stricto* do Distrito Federal. **Revista Árvore**, Viçosa-MG, v.35, n.3, p.527-538, 2011.

PAULA, L.R.de; RODRIGUES, M.L.; FREITAS, W.D.de. A imagem do território goiano e no Cerrado na Revista Brasileira de Geografia (1940-1958). **ROCA. Revista científico- educacional de la provincia Granma**, v.14, n.5, Edición Especial, 2018.

PEIXOTO, J.de C.; NEVES, B.J.; VACONCELOS, F.G.; NAPOLITANO, H.B.; BARBALHO, M.G.daS.; SILVA, S.D.; ROSSETO, L.P. Flavonoids from brazilian Cerrado: Biosynthesis, chemical and biological profile. **Molecules**, v.24, 2019.

PEREIRA, B.A.daS; VENTUROLI, F.; CARVALHO, F.A. Florestas estacionais no cerrado: uma visão geral. **Pesquisa Agropecuária Tropical**, Goiânia, v.41, n.3, p.446-455, jul./set., 2011.

PIZOLETTI, J.A.V.; SOSSAE, F.C.; NORDI, O.; ALONSO, M.; QUEDA, O.; FERRAZ, J.M.G.; RIBEIRO, M.L. Levantamento florístico e fitossociológico de fragmentos de Cerrado do instituto florestal no município de Araraquara-SP. *Revista Brasileira Multidisciplinar – ReBraM*, v.21, n.3, 2018.

REIS, D.F.dos; SALAZAR, A.E.; MACHADO, M.M.D.; COUCEIRO, S.R.M.; MORAIS, P.B.de. Measurement of the ecological integrity of Cerrado streams using biological metrics and the index of habitat integrity. **Insects**, v.8, n.10, 2017.

RESENDE, N.deF. Cerrado: Ecologia, biodiversidade e preservação. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, n.6, jul.- dez., 2012.

ROA, F.; TELLES, M.P.deC. The Cerrado (Brazil) plant cytogenetics database. *Comparative Cytogenetics*, v.11, n.2, p.285-297, 2017.

ROCHA, G.F.; FERREIRA, L.G.; FERREIRA, N.C.; FERREIRA, M.E. Detecção de desmatamentos no bioma Cerrado entre 2002 e 2009: padrões, tendências e impactos. *Revista Brasileira de Cartografia*, v.3, n.63, 2011.

SAMPAIO, A.B.; VIEIRA, D.L.M.; CORDEIRO, A.O.deO. *et al.* **Guia de restauração do Cerrado: Semeadura direta**. Brasília: Universidade de Brasília, Rede de Sementes do Cerrado, v.1, 40p., 2015.

SANO, E.E.; RODRIGUES, A.A.; MARTINS, E.S.; BETTIOL, G.M.; BUSTAMANTE, M.M.C.; COUTO, J.; VASCONCELOS, V.; SHÜLLER, J.; BOLFE, E.L. Ecorregiões do Cerrado: Uma estrutura espacial para avaliar e priorizar a diversidade ambiental do

Cerrado brasileiro para a conservação. **Journal Environmental Management**, v.232, fev., 2019.

SCARAMUZZA, C.A. de M.; MACHADO, R.B.; RODRIGUES, S.T.; RAMOS NETO, M.B.; PINAGÉ, E.R.; DINIZ FILHO, J.A.F. Áreas prioritárias para conservação da biodiversidade em Goiás. In: FERREIRA, L. G. (Ed.) **Conservação da biodiversidade e sustentabilidade ambiental em Goiás: Prioridades, estratégias e perspectivas**. Goiânia: Editora __, 2005. 192p.

SILVA, J.M.C.da; BATES, J.M. Biogeographic patterns and conservation in the South American Cerrado: A tropical savanna hotspot. **BioScience**, v.52, n.3, mar., 2002.

SILVA, A.R.C.A. **Estrutura fundiária brasileira**: Conflitos, exclusão e danos ambientais nos biomas nacionais. In: AGRICOLA, J.M.A. (Org.). Cerrado energia e sustentabilidade. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2012, 170p.

SILVA, S.D.e; BANDEIRA, A.M.; TAVARES, G.G.; MURARI, L. O Cerrado goiano na literatura de Bernardo Élis sob o olhar da história ambiental. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.24, n.1, jan.-mar., p.93-110, 2017.

SILVA, S.D.e; BOAVENTURA, K.deJ.; JÚNIOR, E.D.P.; NETO, C.deMeS. A última fronteira agrícola do Brasil: O MATOPIBA e os desafios de proteção ambiental no Cerrado. **Estudios Rurales**, v.8, Número Especial, out., 2018.

SILVA, C.M.da. A face infértil do Brasil: Ciência, recursos hídricos e o debate sobre (in)fertilidade dos solos do Cerrado brasileiro, 1892-1942. **História Ciências Saúde- Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.26, n.2, p.483-500, Abr., 2019.

SILVEIRA, M.B.; SILVA, E.C.da; FERREIRA, N.C.deF.; PEIXOTO, N.; OLIVEIRA, S.A.de. Superação de dormência de sementes de *Araticum* do Cerrado. **Biodiversidade**, v.18, n.1, 2019.

SOARES, C.M.daS.; AGUIAR, A.O.de; SILVA, R.R.da; IBIAPINA, A.; SANTOS, A.L.dos; MARTINS, G.A.deS. Tipologia do consumidor de frutos do Cerrado. **Revista Desafios**, suplemento, 2019.

SOUZA, U.J.B.de; TELLES, M.P.deC.; FILHO, J.A.F.D. Tendências da literatura científica sobre a genética de populações de plantas do Cerrado. **Hoehnea**, v.43, n.3, p.461-477, 2016.

SOUZA, M.A.de; VALE, A.T. Levantamento de plantas de baixa inflamabilidade em áreas de queimadas de Cerrado no Distrito Federal e análise das suas propriedades físicas. **Ciência Florestal**, v.29, n.1, jan./mar., p.181-192, 2019.

STRASSBURG, B.B.N.; BROOKS, T.; FELTRAN-BARBIERI, R.; IRIBARREM, A.; CROUZEILLES, R.; LOYOLA, R.; LATAWIEC, A.E.; FILHO, F.J.B.; SCARAMUZZA, A.DE.M.; SCARANO, F.R.; SOARES-FILHO, F.R.; SOARES-FILHO, B.; BALMFORD, A. Moment of truth for the Cerrado hotspot. **Nature Ecology & Evolution**, v.1, n.99, 2017.

TEJERINA, F.L.G. **Biodiversidade e impactos ambientais no estado de Goiás: o meio aquático**. In: ROCHA, C.; TEJERINA-GARRO, F.L.; PIETRAFESA, J.P. (org.). Cerrado, sociedade e ambiente – desenvolvimento sustentável em Goiás. Goiânia, Goiás: Editora da UCG, p.15-47, 2006.

THEODORO, S.H.; LEONARDOS, O.H.; DUARTE, L.M.G. **Cerrado: O celeiro saqueado**. In: DUARTE, L.M.G.; THEODORO, S.H. (Orgs.). Dilemas do Cerrado: Entre o ecologicamente (in)correto e o socialmente (in)justo. Rio de Janeiro: Garamond, 2002, 242p.

WALTER, B.M.T. **Fitofisionomias do bioma Cerrado: Síntese terminológica e relações florísticas**. 389f. Tese (Doutorado em Ecologia- Departamento de Ecologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília), p.389, 2006.

WALTER, B.M.T.; CARVALHO, A.M.de; RIBEIRO, J.F. **O conceito de savana e de seu componente Cerrado**. In: SANO, S.M.; ALMEIDA, S.P.de; RIBEIRO, J.F. Cerrado: Ecologia e flora. Embrapa Informação Tecnológica, Brasília, v.1, 2008.

WELCH, J.R.; BRONDÍZIO, E.S.; HETRICK, S.S.; JUNIOR, C.E.A.C. Indigenous burning as conservation practice: Neotropical savanna recovery amid agribusiness deforestation in central Brazil. **PLOS ONE**, v.8, n.12, dez., 2013.

6.2 Capítulo II

ALMEIDA, Maria Geralda. O Caminho de Cora Coralina- Turismo Literário ou Marketing do Turismo? - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

ALMEIDA, C. G. Análise espacial dos fragmentos florestais na área do Parque Nacional dos Campos Gerais, Paraná. 2008. 72 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. "Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais", In: Del Rio, Vicente; Oliveira, Livia de (org.). Percepção ambiental: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel, São Carlos/SP: UFScar, 1996, pp. 97-120.

AWADE, M.; METZGER, J. P Importance of functional connectivity to evaluate the effect of habitat fragmentation for three Atlantic rainforests birds. *Austral Ecology*, Carlton, n. 33, p. 863-871, 2008.

BIERREGAARD, R. O. et al. The biological dynamics of tropical rainforest fragments. *Bioscience*, Washington, v. 42, n. 1, p. 859-866, 1992.

CABACINHA, C. D.; CASTRO, S. S.; GONÇALVES, D. A Análise da estrutura da paisagem da alta bacia do Rio Araguaia na savana brasileira. *Floresta*, Curitiba, v. 40, n. 4, p. 675-690, out/dez 2010.

CALEGARI, L. et al. Análise da dinâmica de fragmentos florestais no município de Carandaí, MG, para fins de restauração florestal. *Revista Árvore*, Viçosa, v. 34, n. 5, p. 871-880, 2010.

CAMARA, G. et al. Spring: Integrating remote sensing and GIS by object-oriented data modelling. *Computers & Graphics*, New York, v. 20, n. 3, p. 395-403, 1996.

CAMPOS, F. I. Coronelismo em Goiás. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1983.

CARVALHO, F. M. V.; MARCO-JÚNIOR, P. D.; FERREIRA, L. G The cerrado into-pieces: Habitat fragmentation as a function of landscape use in the savannas of central Brazil. *Biological Conservation*, Boston, v. 142, n. 7, p. 1392-1403, 2009.

CHRISTOFOLETTI, A. Modelagem de sistemas ambientais. São Paulo. E. Blucher, 1999.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (Org.). Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p.11-43.

CORALINA, Cora. Poemas dos becos de Goiás e estórias mais. 18. ed. São Paulo: Global, 1985.

COSTA-JUNIOR, R. F. et al. Estrutura Fitossociológica do Componente Arbóreo de um Fragmento de Floresta Ombrófila Densa na Mata Sul de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Ciência Florestal*, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 173-183, 2008. [Links]

COSTA, S. S. M. C. Caracterização ambiental da reserva extrativista Chico Mendes (Acre-Brasil): subsídios ao plano de manejo. 2000. 165 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2000. [Links]

DIXO, M.; METZGER, J. P Are corridors fragment size and forest structure important for the conservation of leaf-litter lizards in a fragmented landscape? *Fauna & Flora International*, Cambridge, v. 43, n. 3, p. 435-442, 2009.

FREITAS, L. C. B. F. de, & Silva, N. H. R. de A. e. (2013). Fazendas goianas. *Ateliê Geográfico*, 7(3), 257-267. Recuperado de <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/27819>

FUNES, Eurípedes Antonio. Goiás 1800-1850: Um período de transição da mineração a pecuária. Goiania. Ed. UFG, 1986.

GASKELL, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. Em M. W. Bauer & G. Gaskell, G. (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 64-89). (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 2000).

MARCHETTI, D. A. B.; GARCIA, G. J Princípios de fotogrametria e fotointerpretação. São Paulo: Nobel, 1996. 264 p.

MARTENSEN, A. C.; PIMENTEL, R. G.; METZGER, J. P Relative effects of fragment size and connectivity on bird community in the Atlantic Rain Forest: Implications for conservation. *Biological Conservation*, Boston, v. 141, n. 9, p. 2184-2192, 2008.

MCGARIGAL, K. et al. Fragstats: spatial pattern analysis program for categorical maps. Amherst: University of Massachusetts, 2002.

MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez visões sobre a mesma cena. Espaço e cultura, UERJ, n. 13, p. 35-46, jan. /Jun. 2002.

NETO, Antonio Teixeira. Pequena história da agropecuária goiana (o ouro acabou? Viva o boi! /o ouro se foi? Chegou o boi!). 2013

PALACIN, Luis (1972). Goiás 1722-1822 – Estrutura e conjuntura numa capitania de minas. Goiânia: Oriente.

PEREGRINO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/peregrino/>>. Acesso em: 27/07/2020

POÉTICAS DA PAISAGEM: DO SUBLIME AO PITORESCO NO MOVIMENTO LAND ART Sued Ferreira da Silva¹ Luciana Saboia Fonseca Cruz² Ana Elizabete Medeiros³).

ROCHA, S. A. Geografia HUMANISTA: HISTÓRIA, CONCEITOS E O USO DA PAISAGEM PERCEBIDA COMO PERSPECTIVA DE ESTUDO R. RAÍGA, Curitiba, n. 13, p. 19-27, 2007. Editora UFPR

RONCARI, Luiz Dagobert de Aguirra. Os cem anos de “Tropas e Boiadas” e o banquete de palavras em sua homenagem. Gilberto G. Pereira. Jornal Opção. Edição 2215. 23 de dezembro de 2017.

TAVARES, Altair. A Banda mais antiga do estado de Goiás (2017) Acessado em <https://altairtavares.com.br/a-banda-mais-antiga-de-goias-tem-historia-registrada-em-documentario/> dia 26/01/2021 as 13:00h

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. Arquitetura vernacular. Em busca de uma definição. Vitruvius, 2017

SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. O Povoamento de Goiás. Revista do ICHL, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 79-114, 1981.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira I. Importância das Peregrinações para o Turismo Mundial Turismo em Análise, São Paulo, II (2):38-44 novo 2000

MAPA DO CAMINHO DE CORA CORALINA. Goiás Turismo. 2020. Disponível em <https://www.goiasturismo.go.gov.br/files/MapadoCaminhodeCoraCoralina.pdf>
Acesso em 02 de fevereiro de 2020.

TUAN, Yi-Fu (1930). Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente – Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Yi-Fu (1983). Espaço e lugar: a perspectiva da experiência; Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL. 2013.

Abreu, T. A. L., Pinto, J. R. R., Lenza, E., Mews, H. A., & Rodrigues dos Santos, T. R. (2014). Composição florística e estrutura da vegetação arbustivo-arbórea em Cerrado sentido restrito na Serra de Jaraguá, Goiás, Brasil. *Heringeriana*, 6(2), 42-53. Recuperado de <http://revistas.jardimbotanico.ibict.br/index.php/heringeriana/article/view/29>

História de Corumbá (GO). IPHAN, Portal do IPHAN. (c2014) Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1463/>. Acesso em: 20 de jan. de 2021.

Cocalzinho de Goiás (GO). Prefeitura. 2017. Disponível em: <http://www.cocalzinho.go.gov.br/?p=338>. Acesso em: jan. 2021.

Oliveira, G.R., Macedo, M.R, Vianna, P.J.B. (2015) AVALIAÇÃO DO TURISMO NA REGIÃO DO OURO DE GOIÁS E A ATUAÇÃO DO PODER PÚBLICO. Instituto Mauro Borges. Goiânia.